



UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
CAMPUS UNIV. DEP. EST. "RENÊ BARBOUR"
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO EM
CONTEXTO INDÍGENA INTERCULTURAL - PPGECH



KAVISGO TXICÃO

HABITAR E SER HABITADO NA TERRA INDÍGENA DO XINGU:
as alterações ambientais e suas interferências nas práticas culturais do Povo Ikpeng



BARRA DO BUGRES – MATO GROSSO
OUTUBRO/2022

KAVISGO TXICÃO

HABITAR E SER HABITADO NA TERRA INDÍGENA DO XINGU:
as alterações ambientais e suas interferências nas práticas culturais do Povo Ikpeng

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino em Contexto Indígena Intercultural - PPGECEI da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino em Contexto Indígena Intercultural.

Área de concentração: Ensino

Orientador: Prof. Raimundo França

BARRA DO BUGRES
OUTUBRO/2022

FICHA CATALOGRÁFICA

Walte Clayton de Oliveira CRB 1/2049

TXICÃO, Kavisgo.

T111v

Habitar e ser Habitado na Terra indígena do Xingu: As Alterações Ambientais e suas Interferências nas Práticas Culturais do Povo Ikpeng / Kavisgo Txicão – Barra do Bugres, 2022.

99 f.; 30 cm. (ilustrações) II. colo. (sim)

Trabalho de Conclusão de Curso
(Dissertação/Mestrado) – Curso de Pós-graduação Strictu Sensu
(Mestrado Profissional) Mestrado Profissional em Ensino em
Contexto Indígena Intercultural, Faculdade Intercultural
Indígena, Câmpus Barra do Bugres, Universidade do Estado
de Mato Grosso, 2022.

Orientador: Raimundo Nonato Cunha de França

1. Ikpeng. 2. Clima. 3. Cultura Indígena. I. Kavisgo Txicão
II. Habitar e ser habitado na Terra Indígena do Xingu: As
Alterações Ambientais e Suas Interferências nas Práticas
Culturais do Povo Ikpeng: .

CDU 394

KAVISGO TXICÃO

HABITAR E SER HABITADO NA TERRA INDÍGENA DO XINGU:
as alterações ambientais e suas interferências nas práticas culturais do Povo Ikpeng

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino em Contexto Indígena Intercultural - PPGECH da Universidade do Estado de Mato Grosso CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO, Campus. Univ. Dep. Est. “Renê Barbours” – Barra do Bugres – MT, como requisito Obrigatório para obtenção do título de Mestre em Ensino em Contexto Indígena Intercultural.

Aprovado em: 25 de agosto de 2022.

BANCA AVALIADORA

Raimundo N. C de França
Orientador

Documento assinado digitalmente
RAIMUNDO NONATO CUNHA DE FRANCA
Data: 30/01/2023 15:22:33-0300
Verifique em <https://verificador.itl.br>

Leonardo Barros Soares
Examinador externo

Documento assinado digitalmente
LEONARDO BARROS SOARES
Data: 31/01/2023 18:35:04-0300
Verifique em <https://verificador.itl.br>

Adailton Alves da Silva
Examinador Interno

Documento assinado digitalmente
ADAILTON ALVES DA SILVA
Data: 16/02/2023 15:06:36-0300
Verifique em <https://verificador.itl.br>

João Severino Filho
Suplente

Documento assinado digitalmente
JOAO SEVERINO FILHO
Data: 16/02/2023 23:22:53-0300
Verifique em <https://verificador.itl.br>

DEDICATÓRIA

Nelogon inenpareli dedicar igenang imuye Makawa Pikenı Ikpeng ina, iwak nole man itowoge, erangron menpat, erangron mige ketketpotke ina ganometpotke inenpareli wok. İmrangmo ina Aryalu Mogiru Ikpeng, Alapi Mapanyalu Ikpeng, Parapanpo Yakuma Ikpeng keni ina, iwowankom yukupotketpotke, yinotkeritpotke timongmongne getxito imomoktatket. Ompan iwanonpan ina, imanopyam, iru ningkin, inarwam, iroymı, iroye keni ina, orempang tongpe kerit potke, ganoptongketkeritpotke.

Dedicar igenang ilon inempangetkeli ina Escola Ikpeng warali ina, iwemuku ompan Ikpeng ningkin ina. Oyope Ikpeng, Kampot Ikpeng, Yakuma Ikpeng keni ina ilon dedicar igenang iramporitpotke kutotketpot, winkitketpot, ara itaktekeli wikawon, arato iriktetkenang wikawon keni wok ganoptongkeritpotke, imtankom ruman yepareli.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho À IMERE (Deus), que iluminou a minha caminhada para esta conquista pessoal e profissional, pois sem ele nada disso seria possível. À Makawa Pikenı Ikpeng, minha amada esposa, que sempre esteve ao meu lado, incentivando e apoiando nesta jornada de estudos e pesquisas. Aos meus filhos Aryalu Mogiru Ikpeng, Alapi Mapanyalu Ikpeng e ao meu menino Parapanpo Yakuma Ikpeng que tanto sentiram a minha ausência e o meu silencio. Aos meus familiares que sempre estiveram ao meu lado e souberam entender minha ausência em muitos momentos de nossas vidas. Aos amigos que me incentivaram nesta longa caminhada. Especialmente aos meus pais: Kayanalu Waúra e Yakuma Txicão que sempre foram o meu porto seguro, na orientação e nos ensinamentos da vida, que sempre foram fonte de incentivo em percorrer estes caminhos de estudos acadêmicos.

Dedico este trabalho a comunidade Ikpeng, aos alunos e professores Ikpeng, em especial aos anciões Oyope Ikpeng, Kampot Ikpeng e Yakuma Txicão, que foram fontes de pesquisa nos conhecimentos e saberes da cultura Ikpeng, aos jovens Ikpeng que compartilharam suas vivencias e suas observações referente as alterações climáticas. Por fim, agradeço a todos por este momento único na minha caminhada profissional e pessoal.

AGRADECIMENTO

Pirĩngopnole agradecer ĩget Imere, Imere wok ruman ugwo, imere rumam angongetket ugwenman.

Agradecer ĩgenang ĩlon gempangketkeni, ganoptongketkeni Professor Dr. Raimundo Nonato Cunha de Frana.

Agradecer ĩgenang ĩlon UNEMAT ugwĩna aweptowoge tĩwotpan okep kurenengketkerem tupi nawĩtkeli, kuramnumetkeliungno kutetketpot ĩlon. Agradecer professores UNEMAT warali, onpam ugwempangketkeni. Agradecer iget ĩlon professor Adailton Alves da Silva, orelogon ruman enpatang projeto de mestrado ugwĩna ompan wĩna professores Mato Grosso ĩna em nĩvel de Pĩs-graduao *STRICTO SENSU* em Ensino em Contexto Indĩgena Intercultural – PPGCII.

Agradecer a Escola Ikpeng, ompan ugwempangketkeni ningkĩn, ompan ĩwanonpam, ĩmrangmo, ĩmuye ĩroymĩ, ĩroye, ĩmanopyam keni ningkĩn.

Agradecer okengmonom irampotkerĩtpotke kutotketpot, wĩnkĩtketpot, ara itatkeli wĩyrwan erangron, ara kurenengketkeli wĩkawon keni wot.

AGRADECIMENTO

Agradeo à IMERE (Deus), primeiramente, que me deu foras para concluir esta etapa de minha vida.

Em especial, ao meu Orientador Professor Dr. Raimundo Nonato Cunha de Frana pela oportunidade e apoio que me ofereceu durante todo o processo de construo desta dissertao e, principalmente pela paciĩncia e competĩncia ao indicar o caminho a ser seguido de uma forma tĩo delicada e, ao mesmo tempo, segura. Muito obrigado, Professor!!

Agradecer todos os professores da UNEMAT do Programa de Pĩs-graduao *STRICTO SENSU* em Ensino em Contexto Indĩgena Intercultural – PPGCII, por proporcionarem aquisio dos conhecimentos acadĩmicos e em especial ao professor Adailton Alves da Silva, por sempre estĩ nesta luta do reconhecimento da educao escolar Indĩgena diferenciada, pois desta luta que surgiu o primeiro curso de mestrado especificamente para professores indĩgenas. O meu muito obrigado!

Agradecer aos colegas de curso que estiveram juntos nesta caminhada de tempos de pandemia da Covid 19, e mesmo com essas barreiras todos foram guerreiros nesta batalha global, e com essa batalha vencida o sabor da vitória se torna mais especial.

Agradecer aos meus colegas professores, a direção da escola Ikpeng por permite realizar as atividades da pesquisa no estabelecimento da escola e por todo suporte dado, em especial aos alunos Ikpeng que contribuíram na construção desta pesquisa, com trabalhos de pesquisas e com relatos de suas vivências.

Um agradecimento especial aos anciões Ikpeng que contribuíram com seus conhecimentos sobre a vivência e cultura Ikpeng, que mostraram que o meio ambiente de fato passa por transformações incalculáveis.

À minha mãe, Kayanalu Waúra e ao meu pai Yakuma Txicão, a minha eterna gratidão por tudo que me ensinaram na “escola” da vida.

Aos amores de minha vida: Aryalu Mogiru Ikpeng, Alapĩ Mapanyalu Ikpeng, Parapanpo Yakuma Ikpeng e mãe dos meus filhos minha companheira eterna Makawa Pikení Ikpeng. Somente quero dizer que quando estou com vocês sinto-me forte e amado.

EPÍGRAFE

A natureza está sofrendo e junto com elas estamos sofrendo, os espíritos clamam por socorro, tentam mostrar com vendavais chuvas fortes, calor e seca que o ser humano precisa parar com estas ações predatórias de vida. É preciso agir para garantir o futuro do nosso amanhã.

Yakuma Txicão

IRAMPOTPOT

Nelogon mamingo irampot wïyrwan wïkawon yurwatatketpot, kutotketpot, wïmtagri awïtketpot, kuroriktatketpot. Irampot, arato irïktetkenang, yurwatatkenang kawo, yay ewproktetketpot, ungwo otximunketketpot, yay ewintetketpot, kongpo atxatowa itowo, ga awetketpot keni irampot. Imenelogon wïmamiretketpot irampot. Nelogon mamingo yenpatangte kutetketpot yenengketkerem man, okengmonom, pomringmonom yiranketkerem man, oket yirantem arï yurwametpotkenang kutetketpot wïkawon keni.

Mïra irampotpot: Ikpeng, kawo, kutotketpot.

RESUMO:

Esta dissertação estuda os efeitos das mudanças climáticas sobre o povo e a cultural Ikpeng da Terra Indígena do Xingu – MT e questão da delimitação territorial, bem como as alterações nos marcadores de tempo e como a comunidade foi forçada a aprender as novas formas de se orientar no tempo e resistindo para manter as suas práticas culturais vivas. O trabalho tem como objetivo identificar e registrar como as alterações no clima mudaram as práticas culturais e observações nos marcadores de tempo do povo Ikpeng, utilizando da pesquisa de tipo qualitativa, e da observação participante. Conclui-se que a questão territorial e os impactos ambientais foram fatores que mais causaram alteração nos marcadores de tempo e nas práticas culturais dos Ikpeng.

PALAVRAS-CHAVE: Ikpeng. Clima. Cultura Indígena

ABSTRACT

This is dissertation studies the effects of climate changes on de Ikpeng people ande culture of the Xingu Indigenous Land – MT and the issue of territorial delimitation, as well as cheanges in the time markers and how the Community was forced to learn new ways of orienting it self. In time ande resisted to keep their cultural practices alive. The work aims to identify and record how changes in climate have changed cultural pratices and observations on time market of the Ikpeng people using qualitative research ande participant observation. It is concluded that the territorial issue ande the environmental impacts were factors and in the culture pratices of the Ikpeng

KEY-WORD: Ikpeng. Climate. Culture Indigenous.

PALAVRAS EM IKPENG

Akari (onça)

Arat (ypê)

Arayo (vespa e nome da aldeia Ikpeng)

Arawiyum (mucunã)

Akpīnoptowo (festa de recepção aos caçadores)

Amengo (flauta)

Anat (milho)

Awyana (kateto)

Awmtu (mata em regeneração)

Engnet (fibra de tucunzinho)

Enentowo (observar)

Eremrī (canto)

Egak (buriti)

Ekpitan (tempo de chuva)

Iromumtowo (tempo de seca)

Ikpeng (alta denominação do povo)

Imatītpot (queimada)

Iromup (seca)

Iruktowowon (terra preta)

Irīnpīn (roça velha)

Iprororetpīn (floresta na última fase de regeneração)

Irwa (floresta)

Iwakotowo (ritual para cortar cabelo das crianças tatuadas)

Kurure (amescla)

Kutma (recongo)

Kurita (papagaio)

Marakunat (gavião real)

Mengkwa (café brava)

Moyngo (ritual de tatuagem)

Motoe (fruta de conde)

Munuki (tipos de varas usadas para tocha)
Mĩngye (casa de conversa)
Oremyegetpĩn (área de mata regenerada)
Onon (urucum)
Ototo (tucum)
Pakupá (garça)
Panat (tucunzinho)
Pomeri (criança tatuada)
Powuk (bambu)
Purumutxi (ponta da flecha)
Pĩrino (guerreiros)
Raegĩ (pindaíba)
Rapyu (concha)
Ragok (pimenta de macaco e fruta de uso medicinal)
Renetxing (semente para fazer colar)
Rangwam (época)
Tae (macaco prego)
Taru (tempos chuvosos)
Toprugo (macaco preto)
Tukto (roça)
Txintat (fibra de embira)
Txiwo (cera de jatobá)
Tĩgato (mutum)
Yego (?)
Yepkuy (leiteira)
Yongowulun (adubo)
Yumpuno (Festa de tatuagem)
Wokponamom (caçadores)
Wogyoro (dono da festa)

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ATIX – Associação Terra Indígena do Xingu

CTL – Coordenação Técnica Local

CIMI – Conselho Indigenista Missionária

CCJ – Comissão de Constituição de Justiça e Cidadania

COVID -19 - Infecção respiratória aguda coronavírus SARS-CoV-2

FUNAI – Fundação Nacional de Índio

HAIYÔ – Projeto de formação de professores

ISA – Instituto Socioambiental

INPE – Instituto Nacional de Pesquisa Espacial

MT – Mato Grosso

ONU – Organização das Nações Unidas

PPP – Projeto Político Pedagógico

PCH – Pequenas Centrais Hidrelétricas

PPGCII – Programa de Pós-graduação em Ensino e Contexto Indígena Intercultural

PIX – Parque Indígena do Xingu

PL – Projeto de Lei

SEDUC – Secretaria de Educação

SESAI – Secretaria Especial de Saúde Indígena

TIX – Terra Indígena do Xingu

TI – Terra Indígena

UNEMAT – Universidade do Estado de Mato Grosso

UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo

LISTA DE MAPAS

Mapa 01	A ilha de mata verde o Território Indígena do Xingu.....	42
Mapa 02	A expansão de desmatamento em torno do TIX.....	51
Mapa 03	Transferência do povo Ikpeng para médio Xingu e linha que mostra a região ocupada para caça e pesca.....	82

LISTA DE QUADROS

Quadro 01	Desmatamento ilegal por município em torno do TIX.....	50
Quadro 02	Distribuição temporal dos incêndios florestais no TIX 1984 a 2019	53
Quadro 03	Marcadores de tempo Ikpeng.....	62
Quadro 04	Recursos Naturais utilizadas no ritual de tatuagens.....	85
Quadro 05	Animais utilizadas no ritual de tatuagem.....	86

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 Meus professores de graduação	26
Figura 02 Colação de grau em Ciências da Matemática e Natureza	26
Figura 03 A primeira turma de mestrado especificamente para professores indígenas do MT	28
Figura 04 A nova aldeia	29
Figura 05 Os dançarinos com as máscaras que representam os espíritos da natureza.....	31
Figura 06 Vista área da aldeia Moygu do Povo Ikpeng	46
Figura 07 Momento da pesquisa com ancião Oyope Ikpeng.....	47
Figura 08 Entrevista sobre as alterações climáticas com ancião no acampamento	48
Figura 09 Floração do ypê, o principal marcador de tempo Ikpeng	56
Figura 10 As borboletas indicando a chegada da seca e fartura de peixe	57
Figura 11 Tempos de chuva.....	58
Figura 12 Plantio de Roça de mandioca	59
Figura 13 marcadores de tempo Ikpeng e atividades comunitárias	60
Figura 14 A roça de bananeira com a seca prolongado.....	64
Figura 15 A seca prolongada do rio Xingu	68
Figura 16 A seca do rio Xingu.....	69
Figura 17 Queima de roça da comunidade.....	72
Figura 18 Area degrada em torno da aldeia Moygu	77
Figura19 Os dançarinos usando bambu na face durante ritual Ikpeng.....	84
Figura 20 Festa akpinoptowo, recepção aos caçadores	90
Figura 21 Caçadores no acampamento nas proximidades da aldeia.....	91
Figura 22: Os padrinhos juntamente com seu afiliado	91
Figura 23: O momento de tatuagem da criança	92
Figura 24: O menino Ikpeng tatuado	92

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
I - AUTOBIOGRAFIA COMENTADA: UMA DESCRIÇÃO ETNOGRÁFICA	19
KAVISGO TXICÃO.	19
II IMPACTOS AMBIENTAIS E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E POVOS INDÍGENAS	30
III – ITINERÁRIO DA PESQUISA	38
O POVO IKPENG.....	45
IV ALTERAÇÕES NO MEIOAMBIENTE E O POVO IKPENG	48
OS MARCADORES DE TEMPO IKPENG E AS ATIVIDADES COMUNITÁRIAS...58	
AS MUDANÇAS CLIMÁTICAS ALTERAÇÕES NO MEIO AMBIENTE NA CONCEPÇÃO IKPENG.....	62
OS DESAFIOS DE HABITAR O TERRITÓRIO DEMARCADA PARA MANUTENÇÃO DAS PRÁTICAS CULTURAIS.....	77
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	93
CONSULTORES NATIVOS.....	94
REFERENCIAS	95

INTRODUÇÃO

O meio ambiente passa por transformações desastrosas, causadas pela ação do homem, é preciso atitudes urgentes para frear a escassez da biodiversidade e recursos naturais no globo, e necessário mostrar novos caminhos para refletir sobre a importância do meio ambiente para sobrevivência humana, os territórios indígenas atualmente são ilhas verdes de diversidade socioambiental, social e cultural, e neste territórios que vivem povos que se reinventam para manter as suas práticas culturais conforme o ambiente e suas transformações na qual estão inserida.

A presente pesquisa teve como foco o Povo Ikpeng, do Território Indígena do Xingu, procurando demonstrar como o povo Ikpeng vem se adaptando às mudanças do clima que praticamente alteraram os fenômenos e indícios da natureza e que são fundamentais para realização de rituais e de trabalhos comunitários; quais adaptações ocorreram neste tempo, como diz ancião Ikpeng “o nosso relógio tradicional está desorientado e com isso é preciso reaprender ler o tempo novamente”. Além disso, procura identificar e registrar como as alterações no clima mudaram as práticas culturais e observações nos marcadores de tempo do povo Ikpeng.

Trata-se de uma pesquisa de base qualitativa, uma vez que ela ocorreu através de observação participante e interação direta e indireta no cotidiano da comunidade, que estas observações ocorreram durante os anos de vivência junto à comunidade pesquisada. Para melhor compreender o tema abordado as coletas de dados ocorreram por meio de entrevistas e revisões bibliográficas.

O trabalho está dividido em quatro capítulos: o primeiro relata autobiografia do autor, na qual há relatos de memórias sobre os caminhos percorridos, quais as conquistas pessoais e profissional e o olhar preocupado com o meio ambiente. O segundo capítulo aborda os impactos ambientais e o desenvolvimento sustentável e como os povos indígenas lidam com este tema. O terceiro capítulo relata o itinerário metodológico da pesquisa, e, por fim, o capítulo mais abrangente discute os efeitos das alterações no climática sobre os Ikpeng e como se dava a orientação dos fenômenos naturais antes das mudanças no clima, os marcadores de tempo Ikpeng e as atividades comunitárias; a percepção das mudanças climáticas; e o processo de

reaprender aos novos tempos; como era os tempos da roças Ikpeng; delimitação do território e interferência nas práticas culturais do povo *Ikpeng* e a festa *moyngo* e mudanças no tempo.

O estudo poderá contribuir para a compreender os motivos que levaram a estas mudanças no clima que interferiram direta e indiretamente na organização social do povo Ikpeng e a começa a pensar nas novas formas de produção de alimentos na comunidade, refletir sobre o meio ambiente que vivemos e preservação dos conhecimentos históricos da cultura Ikpeng, para que esta seja passada de gerações mais velhas para as mais jovens. Contribuirá também para a reflexão sobre o manejo e o uso sustentável dos recursos naturais, bem como, da relação equilibrada entre flora e fauna. Uma vez realizado o estudo, tais registros servirão como fonte de pesquisa para as futuras gerações da comunidade Ikpeng, como material de apoio didático para alunos e professores nas escolas indígenas e não indígenas.

Em síntese, a principal conclusão do trabalho foi entender que as alterações no clima e no meio ambiente são fatores que interferem nas práticas culturais do povo Ikpeng e das outras comunidades do Xingu. Pode-se concluir que além das alterações no meio ambiente, a delimitação do espaço territorial é um grande desafio para manter as práticas culturais vivas e fortes. Pude observar na fala e no olhar dos anciões e jovens a preocupação deles com o futuro do meio ambiente e como manter ela viva. Assim sendo, trabalho permitiu concluir que as novas gerações têm um olhar de protetores da natureza, que os anciões estão preocupados em como será o futuro das próximas gerações se a destruição da natureza continuar na mesma escala e como os donos da natureza se manterão vivas.

I - AUTOBIOGRAFIA COMENTADA: UMA DESCRIÇÃO ETNOGRÁFICA

KAVISGO TXICÃO.

Nasci no dia 28 de 02 de 1988, na aldeia Ikpeng, que atualmente está localizado na CTL-Pavuru (Coordenação Técnica Local), antes Posto Indígena, que está localizada no médio Xingu, no Território Indígena do Xingu, no Município de Feliz Natal estado de Mato Grosso, sou filho do senhor Yakuma Txicão e Kayanalu Waura, e assim sou mestiços, uma mistura de cultura e de etnia, os meus pais juntos tiveram mais de 11 filhos, sendo 6 homens e 5 mulheres, faço parte de uma família bem grande.

Infância

Desde criança meu pai e minha mãe nunca deixaram faltar nada para nós, sempre tivemos uma boa alimentação, sempre tivemos fartura de produtos da roça, e principalmente de caça e pesca, até os produtos e alimentos industrializada o meu pai fornecia para nós, pois quando nasci o meu pai já fazia parte do quadro da Funai sendo contratado como funcionário público em outubro de 1986, na de função de barqueiro. No início dos anos de 90 havia muita fartura de caça, pesca e produtos da roça na região, pois as beiras dos rios eram fartas de frutas que atraíam peixes e animais, as roças eram bem produtivas, pois eram plantadas nas matas virgem. Atualmente estas farturas se tornaram um pouco difícil além das mudanças no clima, a também o processo de queimadas descontroladas na região, que acabaram com as frutas nativas, outro fator que interfere nesta questão e por motivo que o meu povo mora na mesma região a mais de 50 anos, e isso causou mudanças grandes no ambiente da região.

O meu pai antes de ser contratado pela Funai, já trabalha a anos realizando trabalhos voluntários para ajudar o seu povo, trabalhava como barqueiro, monitor da saúde entre outras funções, ele sempre nos relata que sempre teve relação bem amigável com as pessoas não indígenas que aqui entravam para trabalhar. Já a minha mãe sempre foi uma mãe presente, sempre nos cuidou com tanto carinho, a minha mãe apesar de fazer parte de outra cultura, falar outra língua se adaptou facilmente a cultura e realidade local na qual se encontrava, já participava dos rituais do povo e já se comportava com cidadão Ikpeng, porém nunca deixou de lado as suas raízes Waúra.

Hoje aos 34 anos de idade, não tenho conhecimento amplo sobre religião, rituais, línguas e crenças do povo Waura, pois quando eu nasci a minha mãe já não falava mais fluentemente a língua do seu povo, ela começou a se comunicar com a gente na língua Ikpeng, e apenas usava

a sua língua quando se encontrava com membro do seu povo, com sua irmã, seu irmão e sua finada mãe, que já não está mais presente conosco. Já os meus irmãos mais velhos aprenderam a falar a língua da minha mãe por motivo que na época ela falava mais a língua dela com eles. Nesta questão penso que a minha mãe mergulhou de fato na cultura do meu pai, aprendeu a falar a língua por que era necessário se comunicar com outras pessoas, a mesma disse que nos primeiros dias ela achou a língua Ikpeng muito fácil de aprender, e quando a mesma percebeu que era necessário ensinar as filhas a falar na língua wáura, ela começou a falar novamente a sua língua as suas filhas, que nasceram depois de mim, e desta forma elas aprenderam apenas a compreender, mas nenhuma fala fluentemente apenas entendem muito bem.

Atualmente percebo que a minha mãe vem se comunicando com seus netos e netas fluentemente na sua língua materna, para que eles e elas possam compreender a outra língua além da Ikpeng.

Não me lembro de como passei os meus primeiros seis anos de vida, porém a minha mãe relata que sempre foi um menino que gostava de brincar, de acompanhar ela nas roças. Meu pai sendo um grande caçador e pescador sempre nos orientou a ser como ele, para que futuramente pudéssemos cuidar da nossa família. A minha mãe me relata que quando era pequeno eu não gostava de usar roupas, por isso foi denominado de Índio, apelido que as pessoas me chamavam até os meus 12 anos de idade, ela me relata que quando íamos para cidade eu chorava para não pode usar a roupa.

O primeiro contato com a Escola

Com 6 anos de idade em 1996, o meu pai me incentivou para que eu entrasse na escola, na época a escola era ligada a município de Feliz Natal MT, ou seja, era uma escola municipal. Objetivo de frequentar a escola, era para aprender a falar e escrever na língua portuguesa, para defender os direitos do povo, não tinha como objetivo aprender a coisa da cultura, se acreditava que não era necessário a escola ensinar a língua materna e práticas culturais do povo, se via naquele ano uma cultura estável uma língua forte. Porém o tempo passou foi se percebendo que também era importante aprender sobre a cultura do povo Ikpeng, principalmente a falar e escrever a língua materna fluentemente, pois se notou que muitos já estavam falando mais a língua portuguesa do que a sua própria língua. Hoje a metodologia da escola é voltada principalmente para fortalecimento das ações culturais, e a escola é meio de intermediação entre a cultura e conhecimentos ocidentais.

Sempre foi aluno dedicado, sempre me esforcei para realizar as minhas atividades, o meu primeiro professor foi Iokore, Kawakum Ikpeng, foi o mesmo que mostrou o mundo da escrita e da leitura, outros professores que foram importantes na minha formação como cidadão e academicamente foram os professores Maiua Meg Poanpo Txicão e Korotowi Taffarel, sempre me inspirei neles. Sempre dizia que quando crescesse iria ser igual a eles.

Como diz Freire (1996, p.24)

Às vezes, mal se imagina o que pode passar a representar na vida de um aluno um simples gesto do professor. O que pode um gesto aparentemente insignificante valer como força formadora ou como contribuição à do educador por si mesmo. Nunca me esqueço, na história já longa de minha memória, de um desses gestos de professor que tive na adolescência remota. Gesto cuja significado mais profundo talvez tenha passado despercebida por ele, o professor, e que teve influência sobre mim.

Por tanto admirá-los, o meu sonho desde criança era ser professor igual aos meus professores, ensinar e fazer do mundo um lugar melhor para se viver.

Ritual de tatuagem

Aos dez anos de idade, em 1998, passei por ritual de tatuagem, na qual as crianças são escolhidas para realizar tatuagem no rosto, lembro que éramos mais de 10 crianças, durante a cerimônia se testa a resistência da criança, na qual o menino fica dançando junto com seus padrinhos das 18 horas até 6 horas da manhã, lembro que nem um momento da festa as minhas mãos foram soltas, pois o padrinho não pode largar a mão da criança para evitar que o mal aconteça com seu afiliado, quando cansava, quando batia aquele sono, os meus padrinho me carregavam nas costas. Lembro do doce mingau de mandioca que tomávamos durante a festa, depois de 12 horas de festa veio o momento de tatuagem, imaginava que iria ser muito dolorido, mas de tão cansado não sentir muita dor no primeiro dia, mas no segundo a dor era tanto, mas a resistência em chorar era maior, nem um momento dos 5 dias que se passaram chorei, porque a tatuagem ela é feita por cinco dias sempre pela parte da manhã. Lembro da minha mãe e meu pai sempre ao meu lado, sempre me dizendo que não deveria chorar e eu era forte, que a nossa família era forte, infelizmente a minha tatuagem não fixou como esperado, pois comete deslizes, quando se faz tatuagem não se pode comer coisas doces, gordurosas e salgadas, era proibido, mas juntamente com os colegas desrespeitamos essas regras.

Depois que cresci, em 2008 foi padrinho de uma criança a experiência vivida e foi de fato retomada, mas desta vez sabia o que a criança estava sentindo, pois já havia passada por o momento parecido, foi padrinho novamente nos rituais de 2014 e de 2016 e com isso muitos conhecimentos adquirir.

Em 1996 aconteceu o ritual de tatuagem de outras crianças, na época estava com 8 anos de idade, lembro que a caçada era próximo a aldeia, não foi preciso sair longe para obter caças, o meu pai relata que no início dos anos 80 o pessoal matava a caça perto da aldeia, que os caçadores ficavam bem próximo a aldeia, não era necessário ir longe, não era necessário ajudas econômicas das instituições governamentais e não governamentais para realizar os rituais, era preciso apenas da iniciativa comunitária.

Atualmente para realizar um ritual é preciso elaborar projetos para adquirir grande quantia de combustível para poder caçar bem longe da região da aldeia, além disso os padrinhos eram pagos com coisas da cultura, como cocar, bolsa tradicional, flechas caças e outros objetos, e atualmente isso não ocorre, pois, o pagamento é feito através de objetos, coisas não indígenas. Se antes os grandes artesãos os caçadores eram os que tinham mais condições de realizar ritual dos seus filhos, atualmente não é mais, são os funcionários que têm as condições de realizar rituais, pois os padrinhos esperam ganhar objetos não indígenas dos pais do seu afiliado, e cultura desta maneira ela se modificou radicalmente a ponto de valorizar mais as coisas não indígenas.

Observando o meio ambiente

Em 2003, percebeu-se na região do Xingu que o tempo estava mudando, que o clima estava ficando mais quente, que as queimadas estavam descontroladas, que a questão ambiental ela se tornava um tema a ser pensada, a ser debatida pelos povos indígenas, para que os povos mudassem seu hábito de queimar campos todos os anos, pois no passado isso era possível por que o fogo só ficava no campo, por que a mata era mais úmida, e hoje ela é muito seca, e um combustível explosivo, se percebeu que o rio estava secando muito, que a chuva estava vindo tarde demais, por tudo isso a luta sobre preservação ambiental se tornou a política de resistência xinguana. Neste ano de 2003, já começava a entender a importância disso para as comunidades indígenas, porque comecei a participar de um curso de manejo florestal aos 16 anos de idade, que na etapa do curso discutia muito sobre questões ambientais.

Finalmente em 2005, concluir o meu ensino fundamental, foi a primeira conquista de muitos que viriam. Não teve festas, pois a escola ainda não estava liberada a emitir histórico, somente em 2010, quando foi finalizada o PPP¹ que o conselho estadual de Mato Grosso liberou

¹ PPP O Projeto Político Pedagógico da Escola Ikpeng, foi escrita pelos professores juntamente com a comunidade, nela está posto tudo que os pais esperam que a escola ensine aos seus filhos.

a escola Ikpeng emite histórico do ensino fundamental e assim, recebi o meu histórico escolar de 8º ano.

Por tudo isso que a escola Ikpeng, foi uma instituição de suma importância para minha formação pessoal e profissional, nela aprendi que é necessário acreditar nos seus sonhos, mostrou, e mostra até hoje que o ensino intercultural é um ensino de qualidade, que dá frutos saborosos.

No ano de 2006, o Território indígena do Xingu, sofria grandes ameaças de desmatamento ilegal, de construção de PCHs nos rios afluentes, com essas ameaças ao nosso território, foi junto com meu povo fazer manifestação contra a construção da barragem no rio Culuene, foi uma experiência única, foi com uma mentalidade de barra aquela obra, porém infelizmente a luta foi em vão, durante o manifesto senti fome, frio, medo, mas também aprendi muito com a experiência vivida, aprende refletir na importância do meio ambiente, aprende sobre as regras rituais de guerra, aprendi que é preciso lutar pelos nossos direitos territoriais.

Meus cursos de formação acadêmica

Em um país no qual o trabalho de professor é desvalorizado, num país que poucas crianças querem ser professor, estava eu sonhando bem alto, sonhando na possível vaga para participar da primeira formação em nível de magistério organizado e executado pela SEDUC – MT.

Em 2006, a Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso promovia o primeiro curso de formação de professores denominado de projeto Haiyô. O curso teve seu início no ano de 2005 em outros polos, e na região médio do Xingu ela apenas se iniciou um ano depois, o curso tinha como objetivo formar professores das aldeias em nível médio, para que eles pudessem lecionar para suas comunidades.

O curso no Polo Pavuru iniciou-se com aproximadamente 42 alunos das etnias Ikpeng, Kawaiwete, Trumai, Kinsêdjê, Yudja, Kamaiura e Waura. Estes povos estão localizados no médio, baixo e leste Xingu. Todos com suas culturas, suas línguas, crenças e organização social diferente uma da outra.

No primeiro módulo do curso em junho de 2006, eu trabalhava como estagiário na escola Ikpeng, fazia trabalho geral, e na oportunidade, conversei com o coordenador perguntando a ele se era possível participar do curso apenas como ouvinte, ele disse que era possível sim, e desta forma comecei a participar do curso.

E desta maneira no segundo módulo do curso em abril de 2007, tive que fazer uma prova classificatória para entrar de fato no curso, realizei a prova tirei a nota máxima e me tornei um aluno do curso de magistério do projeto Haiyô. E neste mesmo ano de 2007, comecei a trabalhar na sala de aula como professor, com a turma de 3º ano de ensino fundamental, foi início de carreira de professor, de educador, do agente transmissor e mediador de conhecimento.

Durante o curso compreendi que a escola deve valorizar os conhecimentos culturais do povo, pois a cultura é arma mais forte de um povo, que a língua é um instrumento primordial de uma sociedade, sem a língua não há uma sociedade, sem a cultura não há um povo, sem as crenças não há deuses da natureza. Que o papel da escola é manter o conhecimento do povo fortalecido, e assim, Fares ressalta que “os processos educativos das comunidades indígenas são exemplares, e, na maioria das vezes, se dá pelos ensinamentos da terra, por meio da tradição, da transmissão oral, do mito, entre outras formas de ensinar” (FARES, 2017, p.19)

Lembro da professora Silvia de Moura Faitão, que diz para mim. “Você tem um grande potencial para ser o que você quer ser, só depende de você, basta lutar pelos seus objetivos e arma mais forte nesta luta são os estudos”. E essa mensagem sempre levo comigo. Finalmente em 2010, chegou o dia mais esperado de cinco anos de muitas batalhas, muitas aprendizagens de muitas histórias construídas com os colegas e todos envolvidos neste curso, histórias hoje que são compartilhados no momento de reencontro com os colegas nos dias de hoje.

Antes da minha formatura em 2010, em 2008 me casei, um casamento conturbado, mas que atualmente estou muito feliz ao lado dela, já sou pai de três crianças sendo duas meninas e um menino, como pai aprende a olhar um mundo de outra forma, me tornei outra pessoa, mais responsável com meus deveres e afazeres, me tornei homem.

Desde pequeno o meu pai sempre nos orientou para que eu e meus irmãos tivéssemos uma educação escolar, sempre quis que nós tivéssemos estudos para ter bons empregos, sempre nos incentivou a alçar voos mais altos na vida acadêmica, e com este incentivo e apoio familiar graças a deus conseguir realizar estes sonhos.

E no primeiro semestre de 2011, me inscrevi e participei do processo seletivo e graças a deus foi selecionado em décimo lugar entre os 50 para ocupar uma das vagas, e foi uma conquista pessoal muito importante para mim, para minha família e para comunidade e para escola, porque isso permitiu criar o ensino médio regular na nossa escola.

No segundo semestre de 2011, exatamente no mês de junho fomos para primeira etapa do curso, a ansiedade e expectativa era tanta que do ponto de vista pedagógico saiu tudo como se esperava, porém, na parte logística encontramos um alojamento em decadência, mas, isso era

de menos, o importante era as ações pedagógicas que a UNEMAT nos ofereceu. Desde começo do curso decidir que iria cursar a licenciatura em Ciências da natureza e Matemática, pois a disciplinas de ciências e matemática sempre foram as que tinha facilidade de compreender melhor, por este motivo escolhe este curso.

Durante os cinco anos do curso eu tive muitos professores, e todos de qualquer forma me ajudaram muito na minha formação acadêmica, mas, os professores que me orientaram de fato foram Doutor Adailton, professora Hébia, Doutor Elias Januário, doutor Américo e doutor Marcelo Franco Leão, estes foram os melhores professores na orientação, na execução das assoes pedagógicas voltadas para o ensino da interculturalidade, e para ensino universal, pois os mesmos tinha e tem uma bagagem muito grande quando se refere a educação escolar indígena.

Nesta caminhada conhece muitos amigos, amigos estes que me apoiaram muito, não somente nas aulas como no dia a dia, e com eles aprende muito, não citarei os nomes para não esquecer um, com eles aprendi sobre a realidade de outros povos do Mato Grosso, percebi que enfrentamos os mesmos obstáculos os mesmos desafios.

Com passar dos cinco anos chegava à etapa final, era a da pesquisa em campo e leitura de livros para embasamento teórico, e ao mesmo tempo festa de formatura, o primeiro passo foi a escolha do tema: A pesca dos Ikpeng com cipó timbó-açu (sapindácea): Aspectos da cultura e da ciência na relação com o meio ambiente, depois foi a escolha do orientador por esta muito ligado com a disciplina da química escolhe o professor Marcelo Franco Leão. Depois de dois anos de muita pesquisa, principalmente pesquisa em campo, acompanhado o povo na pesca realizando entrevistas com anciões, e com jovens da comunidade, finalmente em abril de 2016, finalizei o meu trabalho, e no mesmo mês a defesa tão aguardada, mais graças a deus ocorreu tudo nos conforme.

Finalmente chegou o grande dia, o dia da formatura que ocorreu no mês de abril data que será para sempre especial, infelizmente a minha família não pude estar presente por questões financeiros, mas, mesmo assim estavam presentes espiritualmente e no coração.

Diante destes acontecimentos na minha caminhada acadêmica adquirir muitos conhecimentos, conhecimentos hoje que repasso para os meus alunos e para minha comunidade. Nestes caminhada fiz amigos, superei obstáculos, venci batalhas, e essas batalhas me tornaram o homem com uma visão ampla, com visão de sempre ajudar o próximo, de sempre fortalecer as práticas culturais da comunidade. A imagem abaixo mostra o momento da defesa da monografia para conclusão do curso em Ciências da Natureza e Matemática e a colação de grau.

Figura 01- Meus professores de graduação



Fonte: Unemat (2016).

Figura 02 - Colação de grau em Ciências da Matemática e Natureza



Fonte: Unemat (2016).

A partida da pessoa querida.

Em 2014, tive uma perda dolorosa a minha querida vó de 90 anos aproximadamente nos deixou, ela era uma mulher sabia, mas infelizmente me arrependo muito de não ter adquirido os conhecimentos que ela tentava nos transmitir, conhecimentos estes que hoje fazem falta para

a minha formação como pessoa. Lembro da noite que ela partiu, as pessoas estavam acampadas para ritual de tatuagem, ao observa que ela estava partindo, foi de barco numa madrugada fria avisar o meu tio que a nossa querida já não estava bem, antes de chegar no acampamento eu vir uma estrela cadente cruzando céu lentamente, neste exato momento eu sentir um choque no coração e tinha certeza da partida dela, e essa imagem até hoje passa na minha mente.

Por isso os anciões da comunidade são considerados livros a serem pesquisados, e quando estes livros rasgam não tem como recuperá-las, se perdem. Desta maneira a pesquisa ela se torna primordial para fortalecimento cultural, somente através da pesquisa, observação se adquirir o conhecimento.

Em 2019, foi um ano especial, um ano que passei no processo seletivo para primeiro mestrado especificamente para povos indígenas de Mato Grosso, mas um passo para aperfeiçoamento na profissão como professor.

Em junho de 2019 saiu edital para concorrer o primeiro mestrado intercultural ofertado pela Universidade Estadual de Mato Grosso, um marco na história da educação escolar indígena e conquista de anos de luta dos professores indígena juntamente com os professores da UNEMAT, especialmente os que trabalham com educação indígena dentro da instituição, principalmente o professor Adailton e Professora Mônica e os demais que estão nessa luta a muitos anos.

Quando entrei na concorrência da seleção do mestrado, entrei muito confiante, entrei com grande expectativa em ser selecionado, mas durante a prova escrita, eu me deparei com muitas pessoas, muitos professores de carreira longas, de muitas bagagens, e pensei “vai ser difícil, mais não o impossível” e assim conseguir ser selecionado entre os 10, foi um momento muito aguardado, um momento de muita felicidade da minha pessoa e da minha família.

Depois de três anos de curso que foi prolongado por motivo da COVID-19, depois de muitas aprendizagens no conhecimento acadêmico e cultural, graças a Imere (Deus) concluir o curso de mestrado em 2022, mais ainda com ambições em fazer doutorado futuramente. A minha turma de mestrado.

Figura 03 - A primeira turma de mestrado especificamente para professores indígenas do MT.



Fonte: Yalau Waura (2019).

Abertura da nova aldeia

No final de 2019, o mundo sofreu um impacto, por causa da nova corona vírus (COVID 19) que apareceu na china e rapidamente se espalhou pelo globo todo, imagina a distância entre a china e minha terra, bem longe ne, mas neste mundo globalizada e conecta tudo flui rapidamente, do surgimento da doença e o primeiro caso no Xingu levaram apenas cinco meses para que a doença fizesse a primeira vítima. Com o medo de ser contagiado decidimos mudar definitivamente para novo lugar, desta maneira abrimos uma nova aldeia para proteger os nossos filhos.

Os meus pais ficaram na aldeia principal, mas depois de surgir o primeiro caso no Xingu todos os membros da comunidade abriram acampamento no mato a no raio de 1 a 10 kg da aldeia, ficaram no mato por 11 meses, pois com excesso da chuva, todos voltaram para aldeia, no mês de dezembro surgiu o primeiro caso na comunidade, um baque forte, mas todos estavam preparados para superar essa doença, todos se trataram com ervas medicinais. A minha família mesmo longe da aldeia principal também foi contagiada, e felizmente essa doença não fez nenhuma vítima na minha comunidade. E hoje moramos na nova aldeia, um lugar tranquilo de muita fartura de pesca e caça e de produtos da roça.

Figura 04 - Nova Aldeia

Fonte: Kavisgo Txicão (2022).

E atualmente continuo a trabalhar na escola como professor, e sempre focando em adquirir novos conhecimentos, conhecimentos estes de suma importância para formação pessoa e profissional.

Apontamentos conclusivos (da autobiografia)

Ao longo de toda minha vida, percebe que a cultura ela é dinâmica, que como passar do tempo ela vai se adaptando aos novos tempos, percebi que o ensinamento ela transmitido através de experiências vividas, pois o ser humano só se torna humano por meio social, e por meio de intermediação que se transmite e se adquire novos saberes. Ao recorda o passado vir o quanto a família sempre foi o ponto chave das minhas conquistas pessoais e profissionais, os meus pais me educaram a sempre ser humilde, de sempre ajuda o próximo a ser, quem sou hoje, um pai, marido um educador dedicado em compartilhar os novos conhecimentos.

O tempo me mostrou o quanto a natureza ela é fundamental para manutenção da cultura de uma sociedade, me fez refletir que e preciso lutar pelos nossos direitos territoriais e sociais.

II IMPACTOS AMBIENTAIS E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E POVOS INDÍGENAS

O meio ambiente passa por transformações desastrosas causadas pela ação do homem, e estas ações que degradaram e degradam o meio ambiente começou a provocar alterações no meio e no clima do planeta Terra e nas práticas culturais dos povos indígenas e populações tradicionais e ribeirinhos que tem uma ligação de elo muito forte com os recursos naturais. Segundo Schmidt e et al (2021), em muitos lugares, os meios de subsistência dos povos indígenas estão sendo transformados pela intensificação da agricultura e das mudanças sociais, ecológicas e econômicas, colocando em risco a sustentabilidade dos sistemas de produção e a segurança e soberania alimentar desses povos.

No momento que abordamos o termo desenvolvimento sustentável, não tem como falar deste sem pensar nas sociedades indígenas que vem a milhares de anos lhe dando com isso de uma forma natural, de um jeito que permite extrai da natureza apenas o necessário para manter a sua sociedade e sua cultura viva. O povo Ikpeng como todos os povos sempre teve uma ligação respeitosa e harmoniosa com a natureza, conforme relata Horta (2019) “para os Ikpeng, todo tem o seu espírito dono”, todas atividades comunitárias estão relacionadas com a mãe natureza, o equilíbrio ambiental ou a sustentabilidade ela ocorre no momento que há um respeito pela natureza, respeitar a natureza e cuidar dela, não agredir os seres vivos nela existente de uma maneira que ela possa se revoltar contra o homem. Esta ligação com a natureza pode ser representada durante rituais de tatuagem, na qual os dançarinos incorporam os espíritos para mostrar o respeito que tem com ela. Isso pode ser observando na imagem a seguir:

Segundo Baniwa (2006, p. 100), “as condições ecológicas excepcionais que os povos indígenas formaram durante milhares de anos. Sua mentalidade, ecológico-cultural foi se desenvolvendo no processo de sua atividade vital, na relação equilibrada entre cultura tradicional e ecossistemas naturais”. Ainda segundo autor acima supracitado, os conhecimentos empíricos espontâneos foram se constituindo em normas de comportamento para o usufruto racional da natureza, para sua manutenção e reprodução.

Figura 05 - Os dançarinos com as máscaras que representam os espíritos da natureza



Fonte: Kavisgo Txicão (2021).

As ações que os indígenas faziam para sua sustentabilidade, visando o uso de recursos naturais, era uma ação que não prejudicava o meio ambiente, pois os povos eram nômades e, quando percebiam que os recursos no local estavam se esgotando, mudavam de lugar e assim a natureza se regeneravam normalmente. (TXICÃO, 2014, p. 13).

Diegues *et al* (1999, p.23-24) afirmam que:

Um aspecto relevante das culturas indígenas é a existência de sistema de manejo que os povos têm com recursos naturais que são marcados pelo respeito aos ciclos naturais, ou seja, através de observação de sinais de elementos da natureza e pela sua exploração dentro da capacidade de recuperação das espécies de animais e plantas utilizadas. Esses sistemas tradicionais de manejo são formas de exploração dos recursos naturais consciente, que revelam a existência de um complexo de conhecimentos adquiridos pela tradição herdada dos mais velhos, por intermédio de mitos e símbolos que levam à manutenção e uso sustentado dos ecossistemas naturais. A representações símbolos e mitos que as sociedades indígenas constroem se baseia nos conhecimentos milenares, e com estes conhecimentos empíricos que os povos agem sobre o meio. É também com essas representações e com o conhecimento empírico acumulado que desenvolvem seus sistemas tradicionais de manejo. Na visão dos povos da floresta, rios, lagos, florestas, animais, peixes e todos os seres vivos estão repletos de entes mágicos que castigam os que destroem as florestas e animais.

Infelizmente a sociedade não indígena não tem essa ligação de espiritualidade com os recursos naturais de acreditar que tudo que existe no mundo tem seu dono, e que este dono é responsável por sua existência, por este motivo a degradação do meio ambiente e dos recursos naturais ocorreu de um jeito desorganizado, predatória, sem ter noção que estes recursos eram

finitas e não infinitas, e depois de muitos tempo o homem percebeu que está ação desenfreada de desenvolvimento a qualquer custo provocou alterações no mundo tudo e depois de tanto tempo se notou que é preciso atitudes urgentes para frear a escassez da biodiversidade e recursos naturais no globo, que é preciso mostrar novos caminhos para refletir sobre a importância do meio ambiente para sobrevivência humana, e preciso formar novos pensamentos, novos olhares que foquem mais no equilíbrio entre a economia capitalista e conservação do meio ambiente, porque atualmente o Planeta Terra está totalmente envolvido por uma crise ambiental, cada vez mais crescente e sem precedentes, deflagrando uma necessidade urgente de alternativas que solucionem ou minimizem os problemas existentes em sede de meio ambiente. (VXII SEMINARIO DE EDUCAÇÃO NO MERCUSUL, 2015)

Para Bellen (2003), existe atualmente um elevado grau de consenso em relação ao fato de que o ecossistema terrestre não é capaz de sustentar indefinidamente o nível de atividade econômica e de consumo de matéria-prima.

Leff (2004) nos mostra que:

A internacionalização da racionalidade econômica e tecnológica dominante provocou superexploração de recursos e a degradação do potencial produtivo dos ecossistemas dos países subdesenvolvidos. A produção de mercadorias, orientadas pela maximização dos lucros e dos excedentes econômicos a curto prazo, gerou processos crescentes contaminação da atmosfera, de solos e recursos hídricos; desmatamento, erosão e desertificação; perda da fertilidade dos solos, de biodiversidade e de produtividade de seus ecossistemas; destruição das práticas tradicionais e valores culturais constitutivos da diversidade étnica e das identidades dos povos. (LEFF, 2004; p. 201)

Essa forma de exploração de recursos naturais teve um impacto agravante na forma como os povos indígenas se orientam através dos fenômenos naturais para organização das atividades culturais e sociais, destruiu as áreas originalmente pertencentes aos povos nativos, que antes do contato com sociedade envolvente eram imensas, e isso permitia usufruir dela de um jeito natural. A ação de desenvolvimento a qualquer custo poluiu os rios, matou milhares de vida, provocou impactos sem precedentes em todo globo causando perdas de recursos naturais essenciais para manutenção e fortalecimento cultural. Como diz ancião Judja: “ a natureza está com raiva, e por este motivo está causando fenômenos intensos, para se vingar dos seres humanos” que o índio e a salvação da Terra, “ se último índio morrer, o céu irá desabar” (JUDJA, 2019).

A ONU, diz em seu relatório que:

O esgotamento dos recursos naturais e os impactos negativos da degradação ambiental, incluindo desertificação, secas, degradação dos solos, escassez de água doce e perda de biodiversidade aumentam e agravam a lista de desafios que a humanidade enfrenta. A mudança do clima é um dos maiores desafios do nosso tempo e seus efeitos adversos comprometem a capacidade de todos os países em alcançar o desenvolvimento sustentável. O aumento na temperatura global, a elevação do nível do mar, a acidificação dos oceanos e outros impactos da mudança do clima estão afetando seriamente as zonas costeiras e os países costeiros de baixa altitude, incluindo muitos países de menor desenvolvimento relativo e os pequenos Estados insulares em desenvolvimento. A sobrevivência de muitas sociedades, bem como dos sistemas biológicos do planeta, está em risco (ONU, 2015; p. 05)

Para o Ikpeng o que está acontecendo no mundo tem a ver com a revolta dos donos da floresta, dos rios, dos mares, dos ventos dos raios, as tempestades, o raios frequentes, as enchentes são fenômenos provocado pelo espíritos da natureza, os Ikpeng acreditam que a tempestade além do normal e provocado pelo espírito dono, as doenças espirituais muitas vezes são provocado pelo a gentes da natureza, conforme relata Horta (2019) em entrevista com ancião Ikpeng “ para os Ikpeng, as doenças são provocados pelo espírito dono, quando uma pessoal vai com fome no mato, ou chateado e triste o espiro dono fará mal a pessoal”.

Nas visões espirituais dos pajés Ikpeng, cada ecossistema tem o seu dono conforme nos relata Melobo Ikpeng, líder espiritual, “O dono dos rios e lagos e denominado de (orongo). e quando o se faz mal uso dos recursos naturais do local como peixes e outros seres vivos, pode provocar tempestades ou fazer mal a pessoas, o dono da terra e denominado de (momtĩng), a fartura de produtos da roça depende da boa vontade dele, já o dono da floresta e (oyoreta), ela protege toda a natureza e seres vivos nela presente, por este motivo os Ikpeng tem muito cuidado na utilização dos recursos naturais, pois existem arvores animais que são sagradas e devem ser respeitadas, antes de retirar qualquer coisa da floresta deve se pede licença aos donos”

Pode se perceber que a uma teia de ligação ampla com relação com a natureza e seus recursos naturais, por este motivo os Ikpeng acreditam que tudo que está ocorrendo atualmente, são fenômenos provocadas pelos entes da natureza.

E preciso manter este olhar índio para valorizar as biodiversidade e recursos naturais vivas, vivas porque dependemos dela para viver. O homem branco com seus conhecimentos tecnológicos, que se consideram desenvolvidos precisa conhecer a profundo os conhecimentos empíricos indígenas para de fato entender como de fato pode se trabalhar a sustentabilidade de uma sociedade.

Como diz ancião Ikpeng (2021);

Os Ikpeng são a própria natureza, nos originamos da árvore raegĩ (*Xylopia amazonica* R. E. Fries), nossas origens têm uma ligação com animais e todos os recursos naturais, por este motivo sempre respeitamos a natureza, sempre tivemos uma comunicação direta com os animais, o canto de um pássaro pode representar muitos significados, pode ser sinal de tristeza de felicidade, de tempos bons ou ruim, o mesmo canto pode nos mostrar caminho certo a seguir, pode nos indicar perigo. Nós Ikpeng somos a natureza, porque vivemos da natureza. (IKPENG, 2021)

Infelizmente até nos tempos atuais não se entendeu que a natureza é finita e que o sonho do crescimento ilimitado não é realizável. Apesar de atrativa, a visão do crescimento sem limites pode destruir a espécie, destruir a riqueza que matem o ser humano vivo. A sociedade enfrenta atualmente um desafio, torna este desafio aparente e direciona a ação para alcançar padrões de vida mais sustentáveis. Na perspectiva da ferramenta de avaliação, o primeiro passo para um mundo mais sustentável é aceitar as restrições ecológicas e os desafios socioeconômicos que estas restrições exigem (BELLEN, 2003).

O autor ainda afirma que a sustentabilidade requer um padrão de vida dentro dos limites impostos pela natureza. Utilizando uma metáfora econômica, deve se viver dentro da capacidade do capital natural. Embora o capital natural seja fundamental para a continuidade da espécie humana sobre a Terra, as tendências mostram uma população e consumo médio crescentes, com decréscimo simultâneo deste mesmo capital. Estas tendências levantam a questão de quanto capital natural é suficiente ou necessário para manter o sistema.

O desenvolvimento sustentável, e uma maneira de um país enriquecer de forma sustentável, sempre focado na preservação da biodiversidade, gerar renda sem destruir toda a florestas, os recursos hídricos e minerais, e obter riqueza e ao mesmo tempo elaborar projetos de manejo sustentável e de reflorestamento das árvores nas nascentes dos rios, elaborar projetos de manutenção das existências dos seres vivos em risco de extinção e respeitar territórios indígenas e parques nacionais e estaduais, construir projetos usando novas tecnologias que causem menos impactos no meio ambiente, pensar em novas tecnologias capazes de diminuir emissões de gases de efeito estufa.

De acordo com Gadott (1999, p.53), “[...] desenvolvimento sustentável deve ser economicamente factível, ecologicamente apropriado, socialmente justo e culturalmente equitativo, sem discriminação”. Bonatti et al (2010) apontam que a construção e a implementação de estratégias de adaptação às mudanças climáticas podem ser fortemente influenciadas por percepções humanas. Isso porque a percepção da realidade depende de quem observa, e de quando e de onde se observa, ou seja, depende do observador e do contexto social,

econômico e ambiental existente. Logo, a percepção emerge da relação estabelecida entre o observador e o contexto vivenciado por ele.

E neste contexto que os povos indígenas são observadores natos, tudo o que acontece na região de diferente não passa despercebido pelo olhar dos homens, como há uma conexão direta com meio e a cultura, as alterações no meio logo são sentidas por motivo que a natureza e o homem são apenas um só ser, um depende do outro, mas como diz ancião Ikpeng somos mais dependente da natureza do que ela de nós, somos apenas o filho dela, e falta homem branco entender que matando uma árvore, secando um nascente estão acabando com milhares de vidas e culturas. Para Nascimento (2013) os povos tradicionais possuem um rico e complexo repertório de saberes sobre o espaço que habitam. Isto ocorre porque esses atores sociais observam e experimentam tudo o que está diante deles. Assim, ao contrário de um visitante, cujo conhecimento sobre o mesmo lugar é pobre e superficial, eles não deixam escapar nenhuma evidência de mudança.

Atualmente os povos indígenas vem enfrentando o desafio de usar a natureza de uma maneira racional, uma vez que a questão da delimitação do território e aumento de população são fatores que preocupam na produção de alimentos, das realizações dos rituais nas comunidades, vale ressaltar o confinamento numa área que há 50 anos atrás era considerada grande para pouco índio, hoje inverso e muito pequeno para 16 comunidades que habitam o Parque Indígena do Xingu. Para os não indígenas essas terras podem ser consideradas de grande extensão, porém para a cultura indígena e pequena, tão pequena que não acaba sustentando várias culturas nela presente, desta forma obrigando os indígenas a se interagir de um novo jeito com o meio em que vivem, usando novas técnicas, incorporar novos conhecimentos, utilizar novas ferramentas. Porém, além da delimitação territorial, o que mais prejudicar as alterações no meio ambiente e nas terras indígenas são a degradação das florestas em entorno e interno das áreas. Conforme o Instituto Nacional de Pesquisa Espaciais (INPE), a taxa de desmatamento ela vem aumentando a cada ano que passa, e isso vem agravando sérios danos ambientais. O governo brasileiro com estas ações que apoia não vem cumprindo metas assinadas nos acordos estabelecidos com outras nações.

O Brasil se diz pós a diminuir a o desmatamento ilegal e queimadas descontroladas que vem aumentado nos últimos anos, porém isso não é cumprido e as taxas apresentadas pelo Projeto Mapbiomas mostra o aumento do impacto do fogo sobre todo o território brasileiro a partir da análise de imagens de satélite feitas entre 1985 e 2020. De acordo com o estudo, a

cada um desses 36 anos o Brasil queimou 150.957 km², ou seja, 1,8% do país. Dentro desse recorte, 11,2% das áreas queimadas são territórios indígenas. (CIMI, 2020).

E as razões preocupante são alterações nas leis de proteção ambientais propostas pelos líderes do governo que causa retrocesso nas leis já existentes. Exemplo disso é o Projeto de Lei 2633/2020, conhecido como o “PL da Grilagem”, aprovado pela Câmara Federal no dia 3 de agosto de 2020. Na prática, a proposta premia grileiros, aumenta o índice de violência e conflitos no campo, já que estimula invasões as terras indígenas e áreas de proteção ambiental e abre brecha para novos episódios de queimadas e desmatamento ilegal. Podemos perceber que com aprovação destas leis as áreas e reservas indígenas elas começaram a ser destruído, pelos não indígenas e pelos próprios indígenas que são aliciados pela ambição de ganhar dinheiro a qualquer custo, tendo como justificativa a independência financeira, como sita atual presidente da República Jair Messias Bolsonaro “ o índio precisa parar de pedir esmola para governo e organizações não governamentais, o índio precisa trabalhar produzir em grande escala, explorar as riquezas do seu território”.

Além dele, a Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania (CCJ) aprovou em junho o Projeto de Lei 490/2007, que acaba com a demarcação de terras indígenas. Terras indígenas que são ilhas verdes de floresta em pé, terras indígenas que preservam os rios e biodiversidade da região. O intuito do atual governo além de acabar com demarcação de terras indígenas e diminuir as áreas já demarcadas e incentivar as invasões a este T.I. (OLIVEIRA, 2020).

É necessário que os senhores que comandam globo possam ter em seu ser o conhecimento sobre a importância do saber ambiental na qual Leff nos diz que:

O saber ambiental faz renascer o pensamento utópico e a vontade de liberdade em uma nova racionalidade na qual se fundem o rigor da razão e os excessos do desejo, a ética e o conhecimento, o pensamento racional e a sensualidade da vida. A racionalidade ambiental abre caminho para uma reerotização do mundo, transgredindo a ordem estabelecida, a qual impõe a proibição de ser. (LEFF, 2009, p. 17).

É preciso pensar no amanhã, pensar no futuro das novas gerações, forma pessoas que sonham com um ambiente para existência humana, formar pensamentos capazes de se preocupar de fato com a natureza e suas diversidades, e entender que “[...] a questão ambiental é uma questão de vida ou morte, de morte ou vida, estas, não apenas de animais e plantas, mas do próprio homem e do Planeta que o abriga” (MILARÉ, 2005, p.50).

É necessário alinhar os pensamentos para alcançar o mesmo objetivo, a Organização das Nações Unidas (ONU), já vem traçados estas metas, porém, a mente muda, o governo muda, as pessoas têm pensamentos diferentes umas das outras e isso dificulta o cumprimento das metas estabelecidas em acordos pelos países.

É preciso entender que o meio ambiente, ela vai além de seus recursos naturais, e ela que torna a vida possível na terra, sem as árvores, sem animais, sem águas da chuva do rio, dos lagos e dos aquíferos, sem o imenso oceano, sem os gases, a existência da vida não seria possível. Leff, nos diz que:

Se a ciência tem perdido suas certezas e suas capacidades preditivas, se se tem derrubado a possibilidade de construir um mundo planejado centralmente sobre as bases de uma racionalidade científica e uma racionalização dos processos sociais, então a educação não apenas deve preparar as novas gerações para aceitar a incerteza do desastre ecológico e para gerar capacidades de resposta ao imprevisto; também deve preparar novas mentalidades capazes de compreender as complexas inter-relações entre os processos objetivos e subjetivos que constituem seus mundos de vida, a fim de gerar habilidades inovadoras para a construção do inédito. Trata-se de uma educação que permite se preparar para a construção de uma nova racionalidade; não para uma cultura de desesperança e alienação, pelo contrário, para um processo de emancipação que permita novas formas de reapropriação do mundo e de convivência com os outros. (LEFF, 2009, p. 21)

O foco agora é focar numa política da educação escolar que de fato possa formar novas mentes para construir uma sociedade que se preocupe mais com o meio em que vive, formar mentes capazes de inventar novos meios de obter riqueza sem agredir a natureza e seus recursos naturais, trabalhar com as políticas voltadas para recuperação das áreas que já foram devastadas e degradadas para evitar que estes locais se tornem áreas abertas sem utilidades. Para que de fato estas mentes sejam construídas é preciso desde já começar com as pequenas ações que podem mudar a mente da geração futura, ações como reflorestamento das áreas degradadas, recuperação de nascentes dos rios, formar mentes capazes de entender que as reciclagens dos materiais objetos podem evitar a destruição de outras áreas verdes. Formar mentes capazes de entender que a riqueza ela deve ser para muitos e não concentrar nas mãos dos poucos, formar mentes capazes de ser mais solidários, mais gentes, porque no mundo existem estas mentes, porém são poucos.

É preciso entender que os bens da natureza não podem ser individualizados como bens dos indivíduos, elas são bens de todos os seres vivos que habitam o planeta terra, pois todos dependem dela para manter a suas existências e sua cultura viva. Para Schorr, Rogerio, et al

(2015); O meio ambiente natural e os recursos naturais carecem de conservação para que não comprometam as necessidades básicas das próximas gerações.

A qualidade de vida, aclamada para que se tenha uma vida com dignidade, está relacionada, também, com a maneira como a sociedade desenvolve a sua atividade econômica, pois há influência no meio ambiente em que for desenvolvida. E preservar os alicerces naturais da vida é fundamental para o prosseguimento da atividade econômica e da própria existência digna do ser humano, e entender que a educação para o desenvolvimento sustentável possibilita a todo ser humano adquirir conhecimento, habilidades, atitudes e valores necessários para formar um futuro sustentável.

Que a educação ambiental pode, através de esforço educacional e projetos governamentais, incentivar transformações de comportamento que virão a gerar um futuro mais sustentável em termos de integridade ambiental, de viabilidade econômica e de uma sociedade mais justa para as gerações presentes e futuras.

III – ITINERÁRIO DA PESQUISA

Este trabalho trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativa, por motivo que está e uma metodologia que permitir compreender melhor através de observação participante o povo a ser pesquisado, que segundo Goldenberg (2004) “O pesquisador, deve mergulhar profundamente na cultura nativa, impregnando-se da mentalidade nativa. Deve viver, falar, pensar e sentir como os nativos”. Para Januário (2004) ao pesquisar práticas culturais cabe ao pesquisador a habilidade de ler e interpretar, isto é, entender a cultura como um texto que pode ser lido e interpretado e jamais compreendido do ponto de vista simbólico.

Neste caso de observação participante, para o pesquisador indígena membro da comunidade a ser pesquisado a pesquisa ela ocorre naturalmente, por motivo que a convivência de uma vida, o domínio da língua, dos rituais, das simbologias, da interação da comunidade com o meio ambiente facilita no processo de elaboração da pesquisa, tornando as entrevistas mais espontâneo possível, na qual o diálogo flui naturalmente, as indagações do pesquisador por ser na língua são facilmente compreendidas e respondidas.

A convivência na comunidade Ikpeng, e da interação social com outros povos do Xingu permitiram elaborar a pesquisas e registrar dados e visões sobre mudanças no meio ambiente que afetam diretamente a prática cultural do povo Ikpeng, e das comunidades xinguanas. Foi

preciso analisar e discutir as pesquisas já elaboradas voltada a essa temática para melhor entender o que de fato está ocorrendo no clima como todo e principalmente na região do Xingu.

Para melhor entender as mudanças que vem ocorrendo na região do Território do Xingu e no mundo, foi necessário, assistir vídeos que abordam o tema, artigos e livros que explicam o que vem acontecendo no globo, o que realmente vem provocando as alterações no clima e como a sociedade e principalmente os povos indígenas vem lidando com isso. Esta parte da pesquisa foi desafiadora, uma vez que a língua portuguesa é uma segunda língua que precisa ser devidamente analisada e estudado para ser compreendido para que somente depois ser analisada e discutida minuciosamente.

A pesquisa teve seu início no segundo semestre de 2020 durante a pandemia da covid 19 (Corona vírus), que atingiu todos os países do globo e afetou drasticamente o cotidiano de uma sociedade em geral, não somente o cotidiano como também a economia de um país e a cultura e organização social de uma comunidade.

No primeiro momento com chegada da covid 19 (Corona vírus) no Estado de Mato Grosso, a comunidade Ikpeng começou a se isolar dentro da aldeia evitando viajar para cidade e para outras aldeias, e no momento que a doença chegou no Território Indígena do Xingu em abril de 2020, a maioria das famílias decidiram se isolar ainda mais fazendo seus acampamentos na beira dos córregos para evitar o contágio da doença. A minha família neste exato momento decidiu se mudar para outra região bem longe da aldeia, num lugar que já estava aberta desde 2018, com isso iniciar a pesquisa naquele instante era impensável por motivo que, o foco principal em questão era o bem-estar da família e como se proteger da COVID 19. No início era proibido visitar e receber visitas, quanto mais a doença se aproximava mais medo sentíamos, porém com passar dos meses houve relaxamento por parte de todos os membros da comunidade, na qual começou a viajar novamente para as cidades vizinhas, sempre se prevenindo, fazendo quarentena ao retorna da cidade, porém a afetividade familiar era uma barreira que impediam o cumprimento rígido das quarentenas propostas por equipes da saúde. E neste momento de relaxamento que iniciei a pesquisa quando comecei a frequentar a escola para ter acesso a internet para poder realizar pesquisas bibliográfica e digitais de artigos, livros que posteriormente foram minuciosamente lidas, analisadas e discutidas para poder intercalar com a pesquisa em desenvolvimento.

Depois deu-se início a pesquisa de filmes e documentários que abordavam a mudanças climáticas no mundo e principalmente nas comunidades indígenas e especificamente nos povos indígenas habitantes do Território Indígena do Xingu-MT. E durante as pesquisas de

documentários, que comecei a entender a profundo que as alterações no clima ela era observada por todos os povos, que ela realmente alterou as práticas culturais dessas comunidades, e dessa maneira a fazer comparações entre relação dos povos indígenas e o meio que estão inseridas.

No final do segundo semestre de 2020, entre meses de outubro e novembro comecei a realizar entrevistas, primeiramente entre membro familiar, os meus pais e meus irmãos, muitas dessas pesquisas foram indiretamente sem a necessidade de caderno de bordo e nem uma gravadora, as conversas fluíam naturalmente para depois serem registrados. Em relação ao meu pai que um grande pescador e caçador, procurei entender melhor a relação da pesca e caça, saber se houve alterações nesta parte de principal base alimentar do povo Ikpeng. Dialogando com meus irmão e colegas professores procurei obter informações sobre quais foram alterações nas práticas culturais e no meio ambiente durante as suas vivências na comunidade e na região. Vale ressaltar que o meus pais estavam acampados em outro acampamento nas proximidades da principal aldeia. E somente depois foi realizar pesquisas em outros acampamentos com anciões de outros membros familiares, que foi desafiador por questão de isolamento social, mas tomando todos os cuidados possível as entrevistas foram realizadas com dois grandes conhecedores da história e da organização social do povo Ikpeng.

Infelizmente no início de dezembro de 2020, foi diagnosticado primeiro caso da COVID-19 na comunidade Ikpeng, e as primeiras pessoas infectadas foram membro da minha família, meu irmão e minha irmã, porém antes do diagnóstico do primeiro caso a doença já havia se alastrado silenciosamente e em menos de dois meses todos estavam infectados.

O que possibilitou o contágio da doença foi por motivo que a maioria que estavam acampados retornaram para aldeia, por questão das chuvas fortes que prejudicou as barracas, como estavam acampados nas proximidades do córrego ela começou a encher, não permitindo mais a permanência das famílias no local. Outro fator para alastramento do vírus foi a questão da afetividade familiar, uma vez que se um membro da família pegava o vírus todos passavam a cuidar do paciente, pois os Ikpeng são muito afetivos, são muito ligados um ao outro, mesmo tendo orientações técnicas dos médicos. Felizmente não houve vítimas na comunidade e isso ocorreu porque os Ikpeng usaram bastante ervas medicinais, e estavam bem alimentadas, os raizeiros e os pajés foram fundamentais para que não houvesse vítimas, a ação do ISA, ATIX e da UNIFESP também foram fundamentais na preservação de vidas.

Com a chegada do vírus, na comunidade Ikpeng e na minha aldeia, foi necessário paralisar os estudos, a pesquisa para poder dedicar nos cuidados da família, uma vez que minha esposa e minhas filhas foram infectadas, foram mais de dois meses de susto de vírus na aldeia,

felizmente em abril de 2020 recebemos a primeira dose da vacina, e com isso ao perceber que estava tudo voltando ao normal reiniciei novamente os trabalhos, agora era o momento de refazer novamente as leituras de artigos par embasamento teórico da tese e organizar os dados coletados.

Nove meses depois mais um susto de COVID- 19, especificamente no mês de fevereiro e janeiro de 2021, toda a comunidade da aldeia principal foi novamente infectada pela doença e dessa maneira foi preciso se isolar novamente na minha aldeia denominada de Paranoá, que fica bem longe da outra aldeia principal que é a Moygu, e assim foi preciso encontrar outra forma metodológica para obter informações e sanar dúvidas existente durante a escrita.

Para obter as informações mais precisas realizei entrevistas com os jovens da aldeia por meio de WhatsApp, e pedi para meu primo entrevistar o ancião que é avô dele para esclarecer dúvidas que tinha em relação aos marcadores de tempo.

Foi necessário traçar várias metas para poder chegar a um objetivo final. Foi preciso refazer cronogramas já estabelecidos, sendo necessário ser flexível na parte do desenvolvimento da pesquisa, apesar de todas essas barreiras graças a deus o trabalho foi finalizada. Para Goldenberg (2004, pag. 81) “Apesar de existirem regras metodológicas para cada etapa da pesquisa científica, a marca pessoal do pesquisador é imprescindível. Afinal, cada estudioso sabe como apreende e analisa melhor o seu trabalho”. E desta forma analisei o trabalho conforme orientações dos mestres e doutores e de uma forma particular, de uma maneira indígena, que é pela transmissão de oralidade repetida, ou seja, se havia dúvida perguntava novamente, se faltava algo perguntava novamente, e desta forma foi cumprido cada etapa da pesquisa.

2.1. Área de Estudo

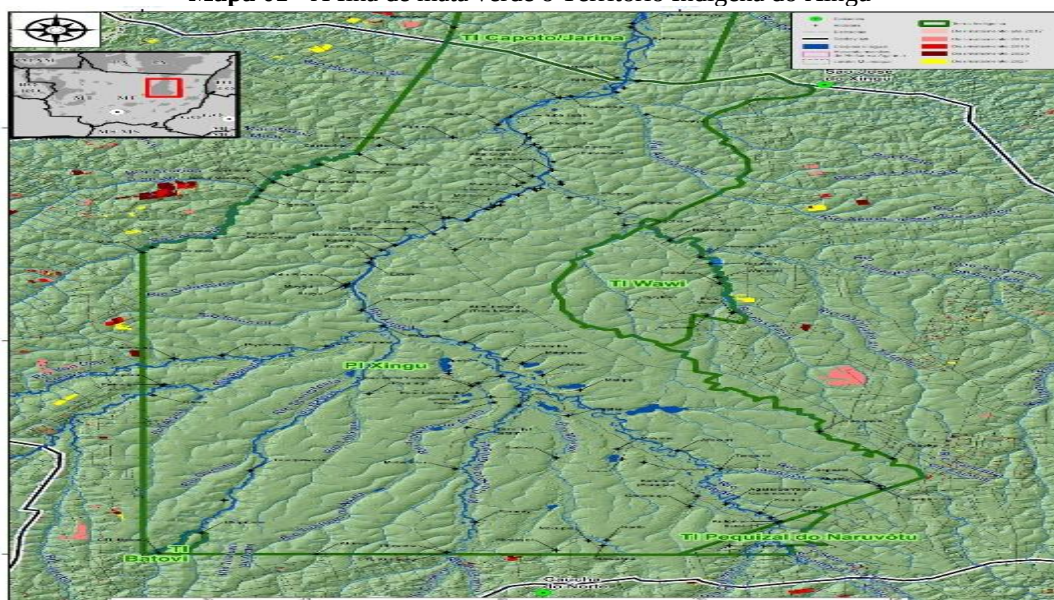
O PIX Parque Indígena do Xingu localiza-se centro geográfico do Brasil na região nordeste do Estado do Mato Grosso, na parte sul da Amazônia brasileira, e está totalmente inserido na bacia do rio Xingu.

O Território Indígena Xingu (TIX), mais conhecida como Parque do Xingu, é hoje uma forte referência da diversidade socioambiental da Amazônia, circundado por uma região marcada por grandes desmatamentos, monocultura de soja e criação extensiva de gado (VILLAS BOAS, 2017)

A Terra indígena do Xingu é uma ilha de mata verde, que atualmente sofre com mudanças no clima ao mesmo tempo que ela é fundamental para bem está de tudo o mundo, mas que esta ilha sofre com as queimadas, com poluição dos rios e desmatamentos.

O Território indígena do Xingu como é denominada atualmente, foi criado em 1961 e seu território homologado com 2.642.003ha, e uma das primeiras terras indígenas, criada no Brasil, em 1961 com uma área com a retomada das outras três terras indígenas que são elas T.I Wawi do povo Kisedje, T.I Batovi do povo Waurá e T.I Pequizal do Naruvutu do povo Kalapalu. As quatro terras contíguas são denominadas pelos povos indígenas que lá residem como Território Indígena do Xingu “continente” intercultural, perfazendo um total de 2.825.470 hectares na história do Brasil (Trocarrelli, 2021). Veja na imagem abaixo o Território Indígena do Xingu.

Mapa 01 - A Ilha de mata verde o Território Indígena do Xingu



Fonte: Imagem digital ISA (2020).

O PIX incide em parte dos municípios mato-grossenses de Canarana, Paranatinga, São Félix do Araguaia, São José do Xingu, Gaúcha do Norte, Feliz Natal, Querência, União do Sul, Nova Uiratã e Marcelândia.

Conforme Villas- Bôas, 2011

A criação do Parque foi precedida por um longo processo de discussão sobre a extensão dos seus limites, o que durou quase dez anos. Na época, já se tinha conhecimento sobre a existência de vários povos indígenas que viviam entre as bacias dos rios Araguaia, Xingu e Teles Pires. O limite originalmente proposto era aproximadamente dez vezes maior do que o limite que o Parque tem hoje. Quando em 1961 decretou-se uma área muito menor do que a originalmente planejada, estava implícita a necessidade de trazer outros povos indígenas, ocupantes tradicionais de territórios circunvizinhos e ameaçados

pelas frentes colonizadoras, para dentro do Parque do Xingu. (VILLAS - BÔAS, 2011, p. 9)

Atualmente a sua população é de 7 mil indígenas de 16 povos que estão divididas em mais de 132 aldeias (SESAI, 2021). Na região denominada Alto Xingu vivem os povos Kamaiurá, Yawalapiti, Waurá, Aweti, Kalapalo, Kuikuro, Matipu, Nahukwá, Narovôto e Mehinaku. No Médio Xingu, os povos Trumai, Ikpeng e Kawaiwete; no Leste Xingu, o povo Khîsêjtê e Tapayuna, na TI Wawi, por eles reconquistada em 1998 e no Baixo Xingu, os Yudja e Kawaiwete. Alguns grupos Kayapos até meados dos anos 80 moraram no TIX, mais em 1984 conseguiram o reconhecimento e retomada da porção norte do Xingu que foi cortada pela BR - 080 que passou a ser denominada TI Capoto-Jarina, vale ressaltar que os Kayapos diferentemente dos Khîsêjtê não fazem parte do Território Indígena do Xingu, mesmo as terras estando apenas dividida pelo traçado da BR - 080 que atualmente é reconhecida como MT 163.

Os 16 povos que habitam o Território Indígena do Xingu, falam fluentemente as suas línguas, praticam seus rituais, crenças e religiões. No complexo auto xinguana moram os povos que abitavam a região antes da chegada do homem branco, estes povos são de fato originário da região do Xingu, apesar de falarem língua diferentes umas das outras, esses povos caracterizam-se por uma grande similaridade no seu modo de vida e visão de mundo, principalmente por estarem há séculos articulados em uma rede de trocas, casamentos e rituais. No entanto, mesmo que o intercâmbio cerimonial e econômico celebre a sociedade altoxinguana, cada um desses grupos faz questão de cultivar suas diferenças e identidade étnica.

Outros povos que habitam o Território Indígena do Xingu, não são originários da região, por este motivo não fazem parte do complexo auto xinguano, estes povos como os Khîsêjtê, Yudja, Ikpeng e Kaiabi (Kawaiwete), foram transferidos obrigatoriamente das suas terras originários para o TIX, estes povos tem visão de mundo, culinária, religião e organização social muito diferente umas das outras, eles eram inimigos de guerras entre eles, e dos povos do auto Xingu, antes da chegada dos irmãos Villas Boas. Mas atualmente a conexão entre os povos e muito harmoniosa, não á rancores do passado, a uma ligação muito forte se constituindo através dos casamentos entre os povos, desta forma formando teias familiares e culturais.

O Território Indígena do Xingu é uma ilha verde cercada de cidades e grandes fazendas, e atualmente esta ilha vem sendo ameaçada pelos desmatamentos ilegais, poluição dos rios e principalmente pelas queimadas descontroladas e estas ações humanas intensificam ainda mais as mudanças no clima ao mesmo tempo que ela é fundamental para bem está de tudo o mundo.

A floresta, em muitos locais geometricamente recortada sem considerar limites naturais, é uma ilha de biodiversidade com 26,4 mil quilômetros quadrados, equivalente ao tamanho do estado de Alagoas, encravada na zona de transição entre o Cerrado e a Floresta Amazônica, os dois maiores biomas brasileiro. A paisagem local exibe uma grande biodiversidade e uma exuberância de paisagens, sobretudo por estar em uma região de transição ecológica, das savanas e florestas semidecíduas mais secas ao sul para a floresta ombrófila amazônica ao norte, apresentando cerrados, campos, florestas de várzea, florestas de terra firme e florestas em Terras Pretas Arqueológicas.

O clima na região se alterna nas estações chuvosas, que vai de novembro a abril, quando os rios enchem e o peixe escasseia, e uma época em que fica difícil de pescar, e nesta época não se realiza os rituais. De maio a outubro é o período de seca época da tartaruga tracajá e das grandes cerimônias inter aldeias, a fartura de peixes e de aves silvestres, época de trabalhos comunitários, de construção das casas e abertura e plantio de roças.

O Xingu é formado por seguintes rios, conforme descreve ISA (2011):

Ao sul do Parque, está o rio Culuene, principal formador do Xingu, que dentro do Parque recebe as águas dos rios Sete de Setembro, Tanguro, Curisevo e Tuatuari. Quando o rio Culuene alcança a região conhecida como Morená, na região central do Parque, deságuam nele as águas dos rios Batovi, Von den Stein e Ronuro, quando então se forma o rio Xingu. Mais ao norte do Parque, deságuam ainda no Xingu os rios Suiá Miçu, Manisauá-Miçu, Auaia-Miçu, Preto e Huaiá-Miçu, fechando a lista dos principais formadores da bacia do rio Xingu no Mato Grosso. (ISA, 2011, p.28)

Esse é o PIX - Parque Indígena do Xingu, uma das maiores e mais antigas áreas protegidas criadas no Brasil e uma das mais importantes e bem-sucedidas experiências de conservação da diversidade cultural e ambiental brasileiras. (ISA, 2011).

O POVO IKPENG

O povo Ikpeng, ela não é originária da região do Xingu, eles foram transferidos obrigatoriamente para TIX, em 1967, três anos depois do seu contato com a sociedade envolvente que ocorreu em 1964, no início moraram na região do auto Xingu, e depois nos meados da década de 70 se mudaram para região do médio Xingu, onde moram até os dias atuais. A sociedade Ikpeng é um povo falante do tronco linguístico da família *karib*, e estão divididos em seis aldeias, as quatro aldeias que são elas: *Moygu*, *Arayo*, *Paranoá*, *Kurure*, localizadas no município de Feliz Natal MT, a aldeia *Pirino*, em Nova Ubiratã, e a aldeia Rawo, no município de Paranatinga. Todas as aldeias Ikpeng são atendidas na assistência há saúde, assistência social, educação e outras demandas pela Coordenação Técnica Local Pavuru (CTL PAVURU), atualmente a sua população é de aproximadamente 626 indivíduos conforme o sensu da DISEI XINGU (2021). A aldeia Moygu e a mais populosa com 320 habitantes, e em seguida a aldeia Pirinop tendo 121 pessoas, já aldeia Arayo moram 90 pessoas e na aldeia Rawo moram mais de 50 pessoas, as duas aldeias recentes Paranoá moram 25 pessoas e na aldeia Kurure são 20 pessoas.

O povo Ikpeng é um povo que matem suas práticas culturais muito viva, a língua, a crença, os rituais e a religião, apesar das transformações e mudanças que acontecem na língua e nas práticas culturais. A sua organização social é composta por um líder e seus conselheiros, não a figura do cacique que impões leis e regras na comunidade, as regras elas são milenares, a figura do cacique como muitos relatam ela veio através da imposição do homem branco.

A aldeia Ikpeng é circular e tendo como centro a casa de um líder, e enfrente a casa a uma outra casa que fica no centro da aldeia, que é denominado de mĩngye (casa de conversas, de orientação e de confecção de artesanatos).

A pesquisa ocorreu na principal aldeia que é a Moygu, esta aldeia é a mais populosa e onde ocorre encontro de todos para realização de rituais de festividades, cerimônias sagradas e reuniões da governança do povo Ikpeng. E nesta aldeia que moram os principais conhecedores de saberes tradicionais do povo Ikpeng.

Figura 06 - Vista área da aldeia Moygu do Povo Ikpeng



Fonte: Kamatxi Ikpeng (2022).

2.2 Sujeito de Pesquisa

Para realização da pesquisa foi necessário olhar, analisar as pessoas que tem conhecimento amplo sobre a cultura milenar, conhecimento sobre as práticas culturais e organização social do povo Ikpeng, olhar também para jovens que se preocupam com as mudanças que vem ocorrendo no tempo, jovens que incentivam nas práticas de adaptação e inovação no modo de realizar atividades da cultura.

Para melhor obter resultados esperados, foram entrevistadas seis pessoas sendo elas dois anciões de 70 a 80 anos, adultos de 40 a 50 anos, e jovens professores de 30 a 40 anos, e um jovem de 25 anos, todos com função social importante na comunidade, historiadores, pescadores, professores, artesãos. Outras entrevistas elas ocorreram de forma indireta, através de conversas diárias e de observação participantes nas reuniões da comunidade Ikpeng e nas reuniões com outros povos do Xingu, que somente ocorreram após a diminuição da taxa de transmissão de COVID 19, e quando todos estavam vacinados. A figura abaixo mostra o momento da pesquisa com ancião Ikpeng.

Figura 07 - Momento da pesquisa com ancião Oyope Ikpeng



Fonte: Mapanyalu Ikpeng (2020).

Conforme diz Goldenberg (2004), é preciso observar, entrevistar diferentes pontos de vista, diferentes olhares de mundo, entrevistar até aquelas pessoas que são poucos pesquisados, entrevistar visões e olhares de diferentes gerações. E assim, as entrevistas ocorreram com pessoas sábias sobre como era o meio ambiente e as práticas culturais no passado, e quais as interferências e alterações que eles observaram durante o passar dos anos.

Para a geração mais nova a pesquisa foi voltada para o que se observa atualmente em relação às mudanças climáticas e práticas culturais. Como esperado, os anciãos nos seus relatos disseram que muitas coisas mudaram, que a cultura, as formas de as praticar sofreram grandes alterações, que o território está se tornando pequeno demais para tanta gente, que os animais e os peixes estão desaparecendo. Que os espíritos da natureza estão furiosos desta forma provocando grandes tempestades. Os mais jovens, relataram a infância de como era tudo diferente, afirmaram que as mudanças no clima e no tempo, vêm impondo novas formas de se adaptar ao meio, principalmente na questão da produção de alimentação, ou seja, a abertura de roças e plantio.

Figura 08 - Entrevista sobre as alterações climáticas com ancião no acampamento



Fonte: Kavisgo Txicão (2020).

Vale ressaltar que esta discussão ocorreu na sala de aula, com alunos do ensino médio, na qual os adolescentes demonstraram as suas preocupações com o meio ambiente e com processo acelerado de destruição da floresta, dos rios e minérios pela ação do homem branco. Esta temática tinha como objetivo observar como os adolescentes estão lidando com isso, e mostrar para eles o que de fato está ocorrendo no mundo na questão ambiental.

IV ALTERAÇÕES NO MEIOAMBIENTE E O POVO IKPENG

A Terra indígena do Xingu, é uma ilha de mata verde, que atualmente sofre com alterações no clima ao mesmo tempo que ela é fundamental para bem está de tudo o mundo, mas que esta ilha sofre com as queimadas, com poluição dos rios e desmatamentos.

O Xingu é uma área Indígena rica em diversidade cultural e ambiental, nela existem mais de 16 culturas, conhecimentos, linguagens e saberes culturais diferentes umas das outras, todavia a uma visão que é igual para todos povos, que ***é questão do conhecimento amplo sobre a natureza***, por motivo que todos estes povos regem os seus rituais, trabalhos comunitários observando os fenômenos da natureza, e neste fenômenos a marcadores de tempo, como por exemplo a floração de uma árvore *ypê* representa vários significados para cada povo ela indica uma fase do tempo, indica o início de alguma atividade comunitária, se para um povo indica início de rituais, para outro ela indicará início de atividade de roça, para outro povo início de pesca coletiva. Conforme afirma Junqueira (2015) em entrevista para revista EXAME;

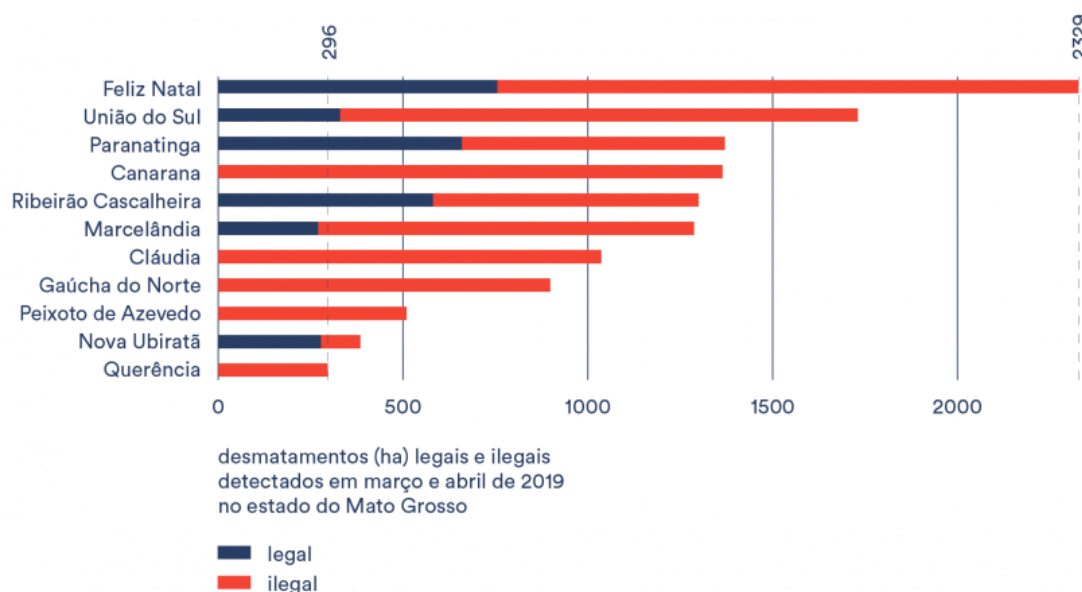
Além de depender diretamente de um funcionamento equilibrado do meio ambiente, os índios têm nos sinais da natureza indicadores para diversos acontecimentos. "Uma determinada formação de nuvens com trovoadas é sinal de chuva, e um deles me relatou que hoje tem a trovada, tem a nuvem, mas não chove, ou o contrário, a chuva vem antes dos indicadores que eles conheciam. (EXAME, 2015)

Atualmente os marcadores de tempo que regem estas práticas culturais elas estão ocorrendo de forma desorganizada, e preciso observar a natureza tudo novamente, aquelas observações milenares não estão dando certo para organizar as práticas culturais dos povos do Xingu e principalmente o povo Ikpeng que é foco principal da pesquisa.

Antes da chegada dos colonos gaúchos, paulistas e paranaenses na região do entorno do Território Indígena do Xingu, a região era rica em biodiversidade, a floresta intocada oferecia um ar fresco, os rios formadores do rio Xingu que no momento presente se encontram fora da área eram limpos e profundos, esta realidade começou a ser alterada nos anos 70 conforme Villas – Bôas;

Apesar dos esforços de integração do Centro-Oeste ao restante do Brasil, levados a cabo pela Fundação Brasil Central na década de 1940, a região das cabeceiras do rio Xingu só foi efetivamente ocupada na década de 1970, com a construção das rodovias BR-163, BR-158 e BR-080, quando surgiram projetos de colonização privados e governamentais que promoveram um intenso fluxo migratório de colonos do sul do país. Os índios testemunharam a velocidade desse processo de colonização regional com muita apreensão, dada a escala do desmatamento, a degradação dos rios, a formação de uma vasta malha viária e o surgimento de cidades, delineando um quadro de confinamento territorial e destruição do entorno do Parque. (VILLAS - BÔAS, 2011, p. 09)

Depois da criação das cidades, houve um massacre ambiental na região das cabeceiras do Xingu, sem pensar nas consequências futuras, os não indígenas abriram vastos pastos de gado, vastos campos de soja, milho e arroz, e as madeiras, derrubaram toda a riqueza. O que acontece fora dos limites da terra indígena tem reflexos internos negativos na dinâmica sociocultural e ambiental. Veja abaixo a área desmatada em torno do TIX, que ocorre principalmente pelo desmatamento ilegal.

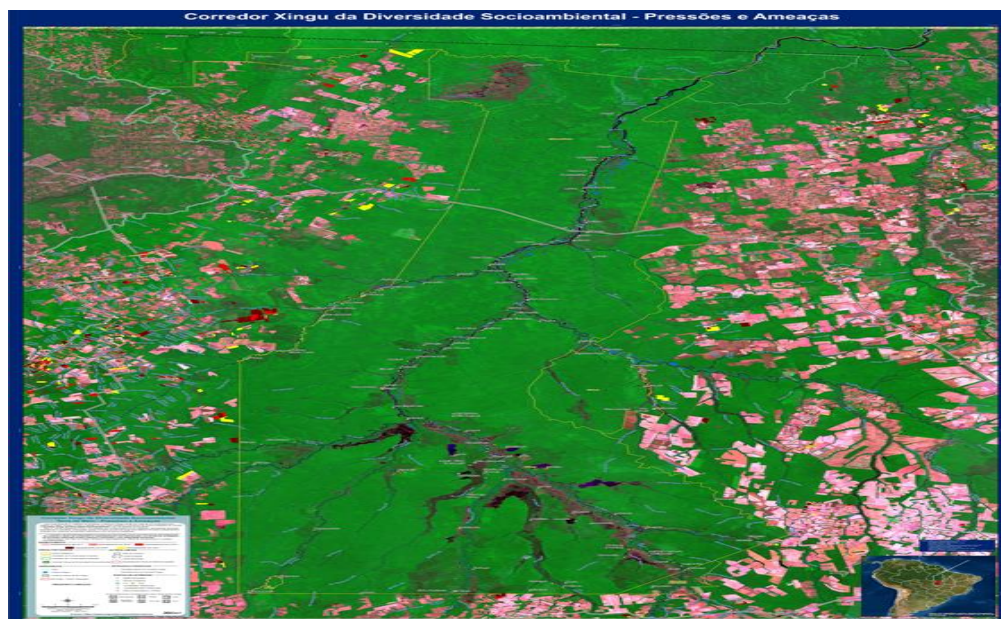
Quadro 01 - O desmatamento ilegal por município em torno do TIX

Fonte: ISA (2020).

Acentuada nos últimos 20 anos, a ocupação do entorno do TIX assentou-se inicialmente na atividade madeireira e na pecuária extensiva e, mais recentemente, na plantação de soja, registrando ao longo dos últimos 30 anos significativas taxas anuais de desmatamento. Há, ainda, atividades invasivas ao território indígena, como a exploração madeireira, caça e o turismo de pesca, todas predatórias.

No início dos anos 2000, começou a ocorrer outro fator preocupante, os próprios indígenas aliçados pelos não indígenas começaram a vender madeiras ilegalmente, desta forma destruindo a floresta dentro dos limites da área Indígena, e isso causou brigas internas entre os povos, nesta atividade ilegal estavam envolvidas os Trumai e os Ikpeng estas aldeias eram vizinhas e que se localizam nos limites do território. Depois da ação da polícia Federal em 2006, que apreendeu maquinários e madeiras as atividades foram interrompidas, vale ressaltar que somente uma aldeia Ikpeng estava envolvida nesta irregularidade, que os Ikpeng da aldeia principal eram contra esta ação.

Mapa 02 - A expansão de desmatamento em torno do TIX.



Fonte: Imagem digital ISA (2020).

Infelizmente com um governo da extrema direita, liderado pelo presidente Jair Messias Bolsonaro que foca somente no lucro à qualquer custo, que incentiva a exploração das terras indígenas, que promove a destruição da natureza e que desrespeita os direitos do povos originários, novamente começaram as invasões e exploração de madeiras ilegais, desta vez com apoio do governo federal, e municipal, e isso é preocupante para questões ambientais e sociais, por motivo que isso causa desavenças entre próprio povos, uns que defendem o desmatamento ilegal e outros que são contra essa prática. Se antes o problema era somente as pescas, caças e vendas de madeiras ilegais.

Atualmente, o governo do presidente Jair Messias Bolsonaro, incentiva os indígenas a plantar soja, arroz, feijão a explorar as riquezas do solo como ouro em grandes escalas nas terras indígenas, e essa visão integracionista tem apoio da FUNAI, que facilita estas ações irregulares nas terras indígenas. Vale ressaltar que a três anos iniciou se novamente a venda ilegal de madeira, na mesma região e com a mesma comunidade Ikpeng, e desta vez com mais intensidade, mesmo a comunidade da aldeia central não permitindo esta ação. Outra preocupação referente as questões ambientais e o aumento de turismo de pesca predatória no Xingu, todos este ocorridos vem causando desavenças entre as comunidades, lembrando que a Policial Federal no início do primeiro trimestre de 2022 já vem fazendo ações para combater o desmatamento ilegal, de garimpo nas áreas indígenas e recentemente aprendeu, maquinários e madeiras ilegais nas proximidades da aldeia Ikpeng do limite do TIX.

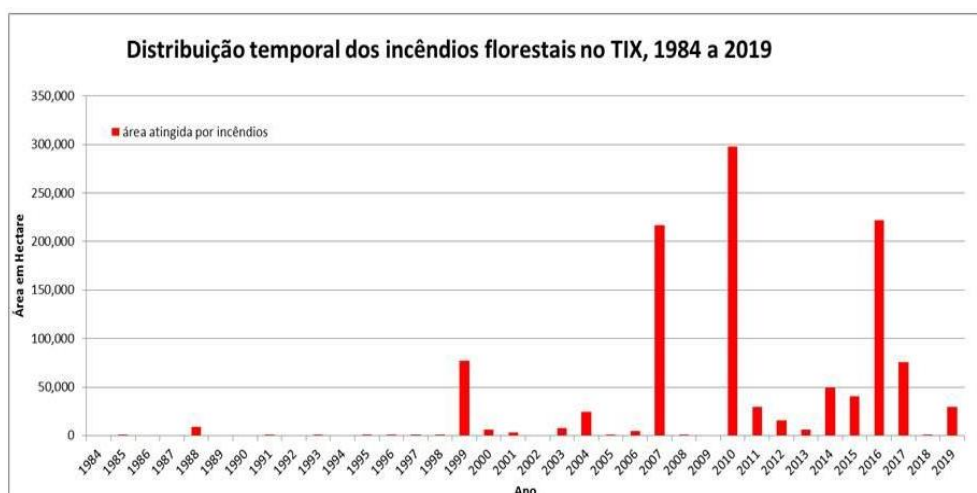
Todas essas ações de irregularidade que acontece no T.I Xingu têm um proposito, e este objetivo é o aliciamento por parte do homem branco para extrair a riqueza local, não é de hoje, isto vem ocorrendo destes a colonização do território brasileiro. Outro objetivo com essas práticas irregulares tem o propósito de provocar a desavenças entre os povos. Desta forma, tornando as lutas e união indígena fracas.

E o que isso causou? Esta ação causou um desequilíbrio ambiental na região, os rios começaram a ficar mais barrentas, o clima ficou mais quente, as matas ficaram mais secas, e esta secas provocaram várias queimadas descontroladas. As queimadas no Xingu elas se acentuaram no início dos anos 2000, a cada ano que se passava grandes queimadas ocorriam, e isso começou a acelerar o processo de desequilíbrio ambiental e social e cultural entre os povos indígenas do Xingu.

O que se observa e o fato de as queimadas elas não aumentarem anualmente, o gráfico ilustra que as maiores queimadas ocorreram em 1999, 2007, 2010 e 2016, contudo depois de grandes queimadas houve a diminuição de focos de incêndio, isso tem a ver com o fato de depois de ocorrer as grande queimadas as comunidades tende a ficar mais atento no próximo ano, porém infelizmente depois de três ou quatro ano em média as queimadas voltam a aumentar, por motivo que ocorre relaxamento com o cuidado com fogo entre os membros da comunidades, na qual ocorre acidentes que provocam queimadas descontroladas.

Veja abaixo o gráfico que mostra a distribuição temporal dos incêndios florestais no Território Indígena do Xingu de 1984 a 2019.

Quadro 02 - Distribuição temporal dos incêndios florestais no TIX, 1984 a 2019



Fonte: ISA (2019).

Ao olharmos para o gráfico pode se perceber que os focos de incêndio começam a se acentuar a partir de final de década de noventa, e desde então todo ano ocorreu as queimadas no Xingu.

Observando o aumento de focos de incêndio por metros quadrado o Instituto Socioambiental, a partir de 2011 começou a realizar oficinas sobre o manejo do fogo, com intuito de orientar as comunidades xinguanas sobre os cuidados com o fogo, e entregou os materiais para as comunidades, mostrou novas técnicas de controle do fogo, técnicas essas que o a comunidade teve que dominar, para poder combater e controlar as queimadas, contudo sempre mantendo viva o conhecimento encenais em relação ao fogo, ou seja, hoje em dia os técnicas de queimadas não indígenas elas são aprimoradas com as técnicas da cultura indígena.

Depois de controlar as queimadas da roça, o problema passou a ser as queimadas decorrente de acidentes, que ocorrem durante as pescarias com timbó, caçada, na coleta de mel entre outras atividades.

Para Ikpeng:

Se há muita queimada nas terras indígenas, e causada pelo tempo seco, e causada pelo atraso da chuva, nem um índio põe fogo propositalmente para destruir o seu lar, o que ocorre e que algumas pessoas ainda pensam e ver a floresta como no passado, na qual se podia tocar o campo que só se queimava o campo e não se alastrava na mata. (IKPENG,2020)

Segundo Muduruku (2015), quando fala que: “Entendemos que matando a natureza também estão matando, nós povos indígenas”. O autor se refere como os não índios estão acabando com a natureza para enriquecer, só pensam no capital e no lucro. Isso é visível quando olhamos para o mapa do Xingu, e outras terras indígenas que aparecem todas elas como ilhas verdes, e envolta dela a somente a deserto de pastos, e de plantações de soja. Quando o capitalismo polui o rio, está acabando com o mercado onde se retira o peixe, estar destruindo uma farmácia onde se retira o remédio, pior que isso está provocando a seca de um rio. Quando capitalismo causa desmatamento, está destruído a casa dos animais e estes animais são alimentos destes povos, não só servem como alimento, mas são fundamentais para realizações de rituais milenares.

Como povo Ikpeng orientava-se através de fenômenos naturais antes das mudanças no clima.

Antes do contato com a sociedade envolvente, o povo Ikpeng era um povo nômade uma sociedade que andava de norte ao sul do Brasil, pois as terras não eram limitadas como são

atualmente, por serem nômades a sua organização social era completamente regida pelos fenômenos da natureza.

Antes da invasão do território indígena pelos europeus, que atualmente é denominada de Brasil os povos indígenas eram povos nômades, o povo Ikpeng e um povo nômade que atravessou o território brasileiro de norte a centro oeste, e neste caminho teve contatos com outras culturas, as suas mitologias e histórias de guerras e lutas com outros povos tem características que indicam que estes acontecimentos tenham ocorrido na bacia do rio Amazonas e Teles Pires, pois se falam dos rios largos profundos, árvores enormes em referência a castanheira, e lutas e brigas com povos *Apyaka*, *Awaga*, *Kumari*, *Txipayas* que habitavam esta região do território brasileiro. (Ikpeng, 2008).

Conforme relato do povo Ikpeng, é registrada da seguinte forma pelo ISA:

Por volta de 1850, os Ikpeng ocuparam uma área caracterizada por muitos rios convergentes, onde guerrearam com uma série de grupos. A descrição que fazem de certos recursos naturais (como castanha) e de acidentes geográficos, bem como as evidências sobre nomes e características dos seus inimigos, permitem supor que o local é a bacia do Teles Pires-Juruena. Pouco antes de 1900, pressionados por seus adversários, que, por sua vez, eram pressionados pelo avanço da frente de colonização ao longo do rio Teles Pires, os Ikpeng atravessaram a Serra Formosa, barreira natural que assinala a divisão entre as bacias do Teles Pires-Juruena e do Alto Xingu. Nessa região, parecem ter se confrontado novamente com os inimigos do Teles Pires – Abaga e Kumari – além de um grupo que chamaram de Pakairi, cuja composição incluía “brancos e alguns negros”. Na verdade, trata-se dos Bakairi de Paranatinga, que já viviam as consequências do contato com os não índios, vestidos como brancos e criando gado. (ISA, 2011, p. 79)

Para se deslocarem de um região para outra era necessário ter um conhecimento amplo e aguçado sobre os fenômenos da natureza e os marcadores de tempo, por motivo que existem marcadores de tempo da natureza, que são indicados pela floração das árvores, enchente e seca dos lagos e rios, a desova das aves e peixes, o tempo de frio e calor, ao observar estes marcadores de tempo, o povo realizava as suas atividades comunitárias, como plantio de roças, realização de rituais, confecção de artesanatos, cada atividade era realizada conforme cada indícios da natureza, uma delas e o Ypê que um dos principais marcadores de Tempo para os Ikpeng.

Antes de abrir uma aldeia, os Ikpeng primeiramente mapeavam a área, para poder ficar num lugar cheio de fartura de caça, pesca e uma boa terra para plantio, principalmente a terra preta que é denominada de *Iruktowowon*, uma terra boa para plantar, somente depois a comunidade se instalava no local, conforme o relato dos anciões a mudança acontecia quando

se observava os perigos dos inimigos, a escassez de frutas nativas, caça e pesca e quando ocorria muitas mortes no local, estas mudanças frequentes eram para se esconder dos inimigos, por motivo que os Ikpeng eram o povo que guerreavam com outros povos, para obter utensílios capturar crianças para substituir os ente queridos, com isso era visto como povo guerreiro, inimigos mortais, que também sofriam ataques de outros povos revidando os ataques feitos pelos Ikpeng. Quando deixava o local anterior os Ikpeng nunca mais retornavam para morar no local abandonado anteriormente, e assim desta forma a natureza ela se regenerava rapidamente, por motivo que não ocorria grandes destruição na floresta.

Conforme ancião Kampot Ikpeng na qual nos relata que:

Antigamente o povo Ikpeng não usava o calendário do homem branco, toda a vida era regida pelos sinais da natureza e quase não havia fenômenos que não conseguíamos identificar e nos adaptar. No período na qual não existia a interferência da sociedade envolvente na natureza que ali estavam os povos, os antigos Ikpeng, organizavam os rituais, caçadas, produção de alimentos conforme cada fase de fenômenos da natureza.

Figura 09 - Floração do ypê, o principal marcador de tempo Ikpeng



Fonte: Eliane Mozila Umutina (2022).

Krenak (2015) diz também que: “Antes, as comunidades indígenas, em diversas regiões de cerrado e das florestas, viviam de fartura e prosperidade”. Pois naquela época era farto de caça, pesca frutas nativas, produtos da roça, as chuvas que caíam na época certa, as frutas que frutificavam na época certa, tudo ocorria no tempo certo.

O ciclo anual para povo Ikpeng se iniciava no tempo que se observava a diminuição do volume da chuva, e quando os lagos e rios começavam a secar, e quando as borboletas começavam a surgir em grande quantidade. Olhando estes fenômenos da natureza que indicava

o início de um novo ciclo, o novo tempo que se iniciava novamente os planejamentos para trabalhos coletivos da comunidade.

O ciclo anual do povo Ikpeng é regida pelos duas fazes, tempo de seca e tempo da chuva. Observando estes fenômenos naturais que ocorrem dentro dela que se organizava os trabalhos coletivos, pescas coletivas e rituais e festas na comunidade. A atividade comunitária envolve toda a comunidade, todos participam homens mulheres e crianças, porém a atividades comunitárias exclusivas dos homens como construção de casa, abertura e derrubada da roça, caça coletiva, a também trabalhos específicas das mulheres na colheita de mandioca, milho e durante a confecção dos artesanatos, as atividades comunitárias que envolve homens mulheres e crianças são durante rituais de tatuagem, festa comemorativas e pesca com timbó, pois nestas atividades participam todos os membros da comunidade, homens, mulheres, crianças que se interagem, transmitem os saberes o ensinamento um para outros.

Além das atividades comunitárias, há atividades familiares como: confecção de artesanatos, produção de polvilho, construção de casas, pescas individuais, caçadas e aberturas de roças e coletas de frutas nativas, estas atividades ocorrem somente entre membros da família não tendo a necessidade da participação da comunidade.

Quando se inicia o tempo da seca, para o povo Ikpeng se iniciava o novo ciclo da natureza, começa o novo tempo o novo ano. Conforme relato dos anciões Ikpeng: ***IROMUMTOWO/ IROMUP*** é quando se inicia o período da seca e está relacionado aos meses de abril, maio, junho, julho, agosto e setembro que são marcados por vários sinais da natureza como seca dos rios e lagos, frutificação do murici do mato, início dos tempos frios, surgimento das borboletas que definem as atividades da comunidade”. (IKPENG 2010).

Figura 10 - As borboletas indicando a chegada da seca e fartura de peixe



Fonte: Kavisgo Txicão (2021)

Época do ano que acontece mais as atividades na comunidade, um tempo que permite o povo explorar os recursos naturais que a natureza oferece, e o tempo de acampar no mato com a família para poder caçar e pescar, retirar as ninhadas das aves, material com *morom* (cera para fixa na ponta da flecha), *pilu* (Imbé) para confeccionar flechas, brutos de buriti para confeccionar redes, além de coletar ervas medicinais, e uma época de frio que ajuda na conservação da caça e pesca, tempo de moquear a caça. E o tempo do ano que se construí a casa, para que a chuva não deixe as embiras e trocos de arvores e a palha de inajá apodrecerem rápido. E tempo do ano que se seca o polvilho para que seja consumida no tempo de chuvas fortes.

A segunda faze de marcadores de tempo e denominado ***EWĪ AWĪRANPE*** / ***EKPITANPE***, e quando começa a época da chuva, se refere aos meses de outubro, novembro, dezembro, janeiro, fevereiro e março (IKPENG, 2010).

E tempo de plantar a roça, plantar mandioca, milho, banana, batata, melancia e outros produtos da roça, e o tempo de pescaria com as flechas nos lagos inundados, e o tempo de caça está bem gordurosa para o consumo, é uma época de muitas frutas nativas que os animais consomem.

Figura 11 -Tempos de chuva



Fonte: Kavisgo Txicão (2021);

Observando estas duas fazes da natureza que os Ikpeng dividem o tempo, o tempo da seca e tempo da chuva, e dentro destes dois tempos, a divisão de épocas de fenômenos da natureza que determina o início de cada atividade comunitária.

Figura 12 - Plantio de Roça de mandioca



Fonte: Kavisgo Txicão (2021).

OS MARCADORES DE TEMPO IKPENG E AS ATIVIDADES COMUNITÁRIAS.

“Os marcadores de tempo indígenas não são medidores, controladores, demarcadores ou avaliadores de um tempo único e linear. Não são, portanto, relógios adaptados ou fabricados pelos indígenas para marcar o tempo do não indígena. ” (SEVERINO-FILHO, 2010). Os marcadores de tempo, são observações que ocorrem através de fenômenos naturais, diferentemente dos relógios e calendários não indígenas, que definem a medida do tempo.

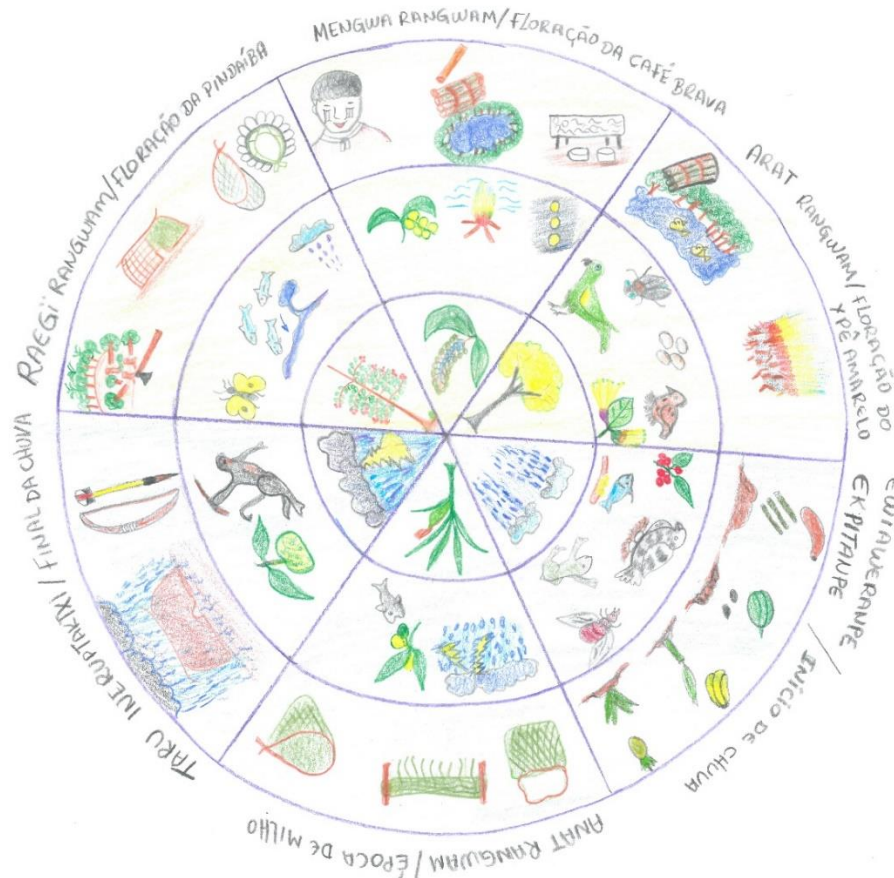
Para o mesmo autor, os marcadores de tempo são:

Leituras das informações explícitas ou implícitas nas manifestações dos seres – humanos, da natureza e do mundo espiritual – que coabitam seu território. São as interpretações ou as significações atribuídas às diferentes manifestações desses seres ao se solidarizarem no modo de viver (SEVERINO-FILHO, 2010, p. 14).

Para os Ikpeng, o que define as atividades comunitárias são os fenômenos naturais, são indícios da natureza, são floração das arvores, não qualquer arvore, mas arvores sagradas e de uso cultural, por exemplo a arvore pindaíba (*Xylopia amazonica* R. E. Fries) ela é considerada a mãe de todas arvores, e uma arvore que se usa na construção da casa tradicional e também é utilizada como erva medicinal, por este motivo é considera uma arvore sagrada, a outra arvore que é um marcador de tempo observada deste antigamente e á arvore ypê amarela (*Handroanthus albus*), e uma das arvores que determina o início das atividades de plantio da

roça, início de realizar pescarias coletivas nas lagoas além de outras atividades comunitárias. A figura abaixo nos mostra como está dividida os marcadores de tempo Ikpeng.

Figura 13 - Marcadores de tempo Ikpeng e atividades comunitárias



Fonte: Desenho Kavisgo Txicão (2022).

A figura acima nos mostra que a seis principais marcadores de tempo Ikpeng que estão divididas em cada duas luas, por motivo que para os Ikpeng os meses são contados conforme as fases de luas, e cada uma das fases de lua representa um mês do calendário universal, e dentre estas duas luas ocorrem outros marcadores de tempo, que são os marcadores secundários e estes marcadores que definam determinadas atividades culturais comunitárias. Veja abaixo em destaque os principais marcadores de tempo na concepção Ikpeng, e as atividade que são realizadas conforme cada tempo.

1. Raegi rangwam / Floração da pindaíba: Quando se observava a floração dessa arvore sagrada, era sinal do fim da chuva e início da época da seca, na qual a comunidade começava a demarcar área para abrir a roça de mata alta, e se iniciava as construções de casas tradicionais, porque a construção da casa acontece depois do tempo chuvoso. Nessa época, as mulheres

confeccionavam as bolsa e rede de pesca com fibra de tucunzinho, por motivo que no tempo da chuva que tucunzinho fica boa para retirada de sua fibra, ela fica bem mole.

2. Mengkwa rangwam / Floração do café bravo: Indicava início dos tempos frios, nessa época começava a derrubada da roça, início dos rituais de furação de orelha, época de secar polvilho, de caça e pesca coletivas e individuais.

3. Arat tangwam / Floração do ipê amarelo: Quando se observava que a flor do ypê florescia, os membros da comunidade se organizavam para realiza as queimadas das roças, porque já se sabia que a floração do ypê indicava a chegada da chuva, por isso se iniciava as queimadas das roças. Nesta época a comunidade pegava a ninhadas das aves do campo como: periquito, papagaio, louro e arara.

4. Ekpitanpe: Época do início do tempo chuvoso, e quando se fazia pedido de sorte para encontrar os ninhos e os filhotes dos pássaros como: mutum, tucano, papagaio e quando se iniciava os plantios das roças.

5. Anat tangwam / Época de milho: Não havia muitas atividades coletivas da comunidade, pois é tempo de muitas chuvas, porém havia atividades familiares individuais como confecção de artesanatos, colheita de milho, época de consumir mingau de milho, beijo de milho e pamonha de milho.

6. Motoe amitpïgetkeni, taru e ineruptaktxi / época de fruta de conde: Era uma época difícil para pesca e caça, pois os rios enchiam muito e a chuva eram prolongadas, desta forma tornando a caça e a pesca difícil, considerado pelos Ikpeng como época de passar fome.

Observando estes relatos dos anciões, percebe se que na visão do povo Ikpeng a seis grandes marcadores de tempo, que eram fundamentais para realizar atividades comunitárias. E dentro destes seis grandes marcadores de tempo a outros marcadores que ocorrem sucessivamente no mesmo período do tempo. Veja o quadro abaixo outros marcadores de tempo, que são fundamentais para organização social e comunitário do povo Ikpeng.

Quadro 03: - Marcadores de tempo Ikpeng

Os principais marcadores de tempo			Outros indícios da natureza	Atividades comunitárias
Raegĩ	rangwam	/	• Início da seca; • Aparição das borboletas; • Descida dos peixes para rio	• Abertura das roças; • Construção de casa; • Confecção de artesanato.
Floração da pindaíba		/		
Iromuntowo				

Mengkwa rangwam / Floração do café bravo. Iromumtam/ tempo de seca.	• Início de tempos frios; • Os rios e lagos começam a secar; • Frutificação do murici do mato; • Surgimento da estrela <i>pomta</i>.(três marias)	• Derrubada de roças de mata baixa; • Secagem de polvilho; • Pesca com timbó nos córregos e pequenos lagos • Construção de casa • Início de ritual de tatuagem.
Arat tangwam / Floração do ypê amarelo Iromumtam/ tempo de seca.	• Altas temperaturas • Desova da tartaruga • Ninhada dos periquitos • Floração de pequi • Canto da cigarra • As primeiras trovoadas e indício da chuva, • Tempo de muitos ventos. • Época dos cantos dos bacuraus	• Queimadas de roças; • Pescarias com timbó nos grandes lagos;
Ekpitanpe/ ewĩ aweranpe	• Primeiras chuvas; • Poma rangwan/ frutas de api; • Ninhada de papagaio; • Ninhada de bacurau; • Piriyk antetpot/ época de pegar rã; • Yarang awtowo; época de saúva • Yupitangpe/ enchente dos rios • Wot imuntetpot / desova dos peixes	• Plantio de roça de mandioca; • Plantio de roça de melancia, banana; abacaxi e batata.
Anat tangwam / Época de milho	• Muitas chuvas e tempestade; • Wot egutkun rangwam; • Panat / tucunzinho • Motoe rangwam	• Época difícil para pesca • Confecção de bolsa e rede;
Motoe amitpigetkeni, taru e ineruptaktxi	• Muitas chuvas; • Rios cheios e alagadas. • Frutas de conde • Época de macaco está gordurosa	• Época de ficar na casa; • Época difícil para pescar

Fonte: elaboração do autor como base na pesquisa de campo (2022).

AS MUDANÇAS CLIMÁTICAS ALTERAÇÕES NO MEIO AMBIENTE NA CONCEPÇÃO IKPENG

As mudanças no clima ela vem alterando as práticas culturais de povos indígenas, os povos nativos são povos que tem uma ligação muito forte com a natureza, uma vez que todas as atividades realizadas nas comunidades elas tem a ver com fenômenos da natureza, e o povo Ikpeng é um povo que vem percebendo estas mudanças que são observados por jovens e anciões da comunidade.

Conforme o relato de ancião, o tempo atualmente não é mais o mesmo de décadas atrás, ela se tornou muito mais quente, as temperaturas elas estão insuportáveis, o tempo e o ambiente na aldeia estão ficando muito mais seca, que antes. Na época de seca o frio era intenso, fazia muito mais frio que hoje, era friagem que não permitia largar da fogueira, um frio intenso, de ventos frios que duravam dia inteiro, nem o sol permitia aquecer o corpo de tão frio. Atualmente as friagens estão sendo passageiras, os ventos não são tão frios, mesmo na época do inverno o calor é muito quente, e este excesso de calor está deixando o clima bem seca, e isso prejudicial a nossa saúde. E esta temperatura está causando seca de rios, e lagos, os rios nos meses de agosto não ficavam tão seca como atualmente a vinte anos atrás, o tempo está mudando rápido, e essa mudança é tão drásticas que devemos rever as nossas práticas culturais, devemos rever o modo como olhamos para a natureza a forma como nos orientamos com ela (OYOPE, 2020). Parejup (2022) em entrevista afirma que:

Percebemos que aqui em nossa região, houve mudança no clima. O resultado da mudança no clima fez com que os elementos naturais retardassem. Em época de seca a terra fica árida é vulnerável ao fogo, o solo não consegue segurar humidade. Não chove mais em época certa, os rios não enchem em níveis normais e está secando cada vez mais, esse comportamento prejudica na reprodução dos peixes. Em época de inverno o frio tem mudado muito, pois as vezes faz pouco frio. Quando chega a época de floração, as vezes retarda ou causa floração precoce. O sol vem esquentado muito em últimos anos, esse comportamento provoca seca severa e causou impacto nas práticas culturais. As alterações no clima têm causado grandes impactos nas práticas culturais. Por exemplo, não se roça mais em época certa, não se queima mais a roça em época e horas certas.

O aumento de calor tem a ver com desmatamento que vem ocorrendo no entorno do PIX (Parque Indígena do Xingu) e a falta da floresta que nos deixa desprotegido do calor do sol (KAIABI, 2015).

O calor excessivo também está prejudicando as nossas plantações, isso se percebe nos pés de bananeiras elas estão secando e queimando, não conseguimos, mas colher bananas de

boa qualidade, por motivo que o calor está queimando as bananas antes de ficarem prontas, as frutas como abacaxi, mamão também não estão suportando com altas temperaturas, “estou preocupado, estou me perguntando como vai ser o futuro dos meus netos” (KAIABI,2015). Veja imagem abaixo que mostra como estão as plantações de bananeiras com o calor e seca prolongado.

Figura 14 - A roça de bananeira com a seca prolongado



Fonte: Kavisgo Txicão (2021).

Outro fenômeno observado, são os desaparecimentos de animais como borboletas e andorinhas que são indicadores de marcadores de tempo, as borboletas sempre surgiam quando se iniciava o tempo de seca, quando a chuva parava e lagos e rios começavam a secar, havia tantas borboletas no caminho, na beira do rio era tão bonito, que atualmente elas sumiram. Já as andorinhas para povo Kaiabi elas se juntavam e voavam em volta das aldeias dos lagos indicando que a chuva estava chegando, porém atualmente elas também desapareçam, dessa forma os anciões se perguntam para onde foram estes animais? Será que um dia elas retornaram? (KAIABI, 2015)

A mudança no clima alterou a floração das árvores, elas estão florescendo e frutificando fora da época, por exemplo a floração do ypê amarelo (*Handroanthus albus*) ocorria geralmente entre meses de julho e agosto, e atualmente ela está florescendo um pouco mais tarde, entre agosto e setembro, e estas mudanças interferem diretamente nas práticas culturais dos povos. Agora a pergunta é: como me identificar a este tempo? Como organizar os trabalhos comunitários? Agora é preciso seguir o relógio o marcador de tempo do homem branco, agora e reaprender a observar o tempo novamente (YAKUMA, 2020)

As comunidades que habitam o Xingu perceberam que “O rio não enche no mês certo, a chuva não obedece ao canto da cigarra” (WAURA, 2010). A quarenta anos atrás a região do médio Xingu, como tudo o rio Xingu era um rio farto de peixes e caças, não era necessário ir longe para pescar e caçar, se pescava nas lagoas próximas, na beira do porto e mesmo assim a pesca era farta. A chuva ela começava sempre no mês de setembro, sempre depois da floração do Ypê, e quando as cigarras cantavam para que a chuva viesse e chovia sempre no início de setembro e se intensificava nos meses de outubro, que já em novembro os rios começavam a encher, eram chuvas longas, chuvas que não permitia sair de casa. Porém atualmente as chuvas são passageiras e rápidas, e são chuvas finas que não enchem um lago tão rápido, e desta forma prejudicam a piracema e a desova dos peixes que acontecia na época de rã e da saúva. A época da rã e da saúva ocorre no mês de novembro, porém atualmente não está como antes as chuvas vem tarde os pequenos lagos se formam somente em janeiro e com isso somente em janeiro que as rãs surgem, no conhecimento Ikpeng elas caem do céu. Observando estes fenômenos podemos afirmar que o tempo está mudando (YAKUMA, 2020).

Antes das mudanças no tempo a mata era úmida, por isso o fogo não se alastrava com facilidade, principalmente nas matas ciliares, aparte do final da década de 90 o clima começou a mudar, a mata passou a ficar mais seca, permitindo que as queimadas aumentassem na Terra Indígena do Xingu, causando alterações incalculáveis na cadeia alimentar dos animais, e nas frutificações das árvores que alimentavam animais silvestres e peixes.

Na visão dos povos do Xingu, há vários indicadores da natureza que estão deixando de funcionar. “É como se, de repente, todos os nossos relógios ficassem malucos e a gente se perdesse no tempo.” (XINGU, 2010).

Ao comparar o tempo como um relógio maluco os povos indígenas do Xingu se referem as mudanças que vem ocorrendo de uma forma rápida no ciclo na natureza e nos fenômenos naturais. Pois cada povo se orienta através de fenômenos da natureza, para os povos do alto Xingu, a desova das tartarugas a frutificação de pequi, são importantes marcadores de tempo, e para povo Ikpeng não são considerados importantes, pois não a uma ligação cultural e alimentar com estes acontecimentos, assim como a floração da pindaíba, da fruta de conde não são indicadores de tempo para os povos do auto Xingu. Cada povo dá o valor especial aos indícios da natureza, fenômenos naturais e aos animais conforme a suas ligações culturais, espirituais e sociais. Porém uns anos para cá está tudo diferente, mesmo a cigarra cantando incansavelmente, mesmo a flor do ypê (*Handroanthus albus*) florescendo a chuva não vem, a alguns anos atrás tentamos seguir o nosso calendário tradicional, na qual o plantio de mandioca e farinha ocorreu

no mês de setembro como de costume, mas tudo foi em vão, com calor excessivo e com atraso da chuva todas as plantações de mandioca não vingaram as ramas queimaram”, com isso foi necessário reaprender fazer leitura dos novos tempos, modificar a forma de trabalhar, acompanhar novos tempos.

Os pescadores da aldeia relatam que antes avia muitas frutas que os peixes comiam na beira dos rios e lagos que alagam no tempo chuvoso, que estas frutas davam fruto exatamente quando os rios enchiam, e isso permitia a fartura de peixes na época da chuva, principalmente peixes como: Matrinchã, pacu, curimatã, piau e outras espécies de peixes. A pesca durante a cheia atualmente está muito difícil, no passado recente os pescadores pescavam de canoas tranquilamente, a mata que enchia era limpa, havia corredores que todo ano era utilizada pelos pescadores, mas atualmente não dá para pescar como no passado, conforme pescadores IKPENG, relatam que:

Lembro me muito bem quando, pescávamos no outro lado do rio, pescávamos de canoa cortando matas alagadas sempre trilhando o mesmo corredor, não havia muito capins que ficam nos lagos, os lagos eram abertos e cheios de frutas que ali alimentavam os peixes. Porém atualmente não conseguimos pescar como no passado, por motivo que com ocorrência de grandes queimadas, todas as árvores frutíferas morreram, os canais foram cobertos de capins, os lagos foram cobertos de capins, as áreas se tornaram inavegáveis. (IKPENG,2020)

Atualmente na região de mata ciliar que era impossível o fogo se alastra por questão da umidade ela se alastra com facilidade, pois o tempo é quente e a seca prolongada é um fator que contribui para queimadas descontroladas no Xingu, com isso o fogo acabou com as árvores frutíferas que existia na beira dos rios e lago, e os que restaram florescem e dão frutas antes que os rios encham, porque no passado bem ressentido os rios alagavam totalmente no mês de janeiro e nesta mesma época que as flores e as frutas ficavam prontas para alimentação dos peixes, mas atualmente o rio alaga totalmente somente no mês de fevereiro, e neste mês não há mais frutas para os peixes comerem obrigando os cardumes a se deslocarem para regiões distantes da nossa, e assim afetando diretamente o nosso meio de sobrevivência, a nossa base alimentar que é composta basicamente de peixe e beiju. Sem poder consumir peixe em grande quantidade as pessoas da comunidade são obrigadas a consumir alimentos industrializados das cidades, e estes alimentos não são benéficos para a saúde e bem-estar do povo.

A percepção das mudanças climáticas

Até as décadas de 1990, as lutas dos movimentos indígenas tinham como pauta dos discursos, demandas e reivindicações, a questão da demarcação e garantia dos seus territórios, bem como o direito a um sistema de saúde e educação que respeitasse suas práticas e costumes. E a partir de ano 2000 outros elementos foram adicionados à pauta do movimento uma delas foi a questão das “mudanças climáticas”. É preciso ressaltar que as questões dos desmatamentos e conservação dos recursos naturais já eram discutidas anteriormente, mas sem uma relação explícita e direta as alterações do clima, mas se defendiam estas questões para preservar a sua integridade cultural (MENEZES E BRUNO, 2017). Como outros povos indígenas brasileiros e no início do século XXI que as etnias que moram no Xingu começaram a perceber alterações que estavam ocorrendo na natureza e nós os fenômenos naturais ela foi sentida a partir de ano 2000 pelas comunidades xinguanas e pelo povo Ikpeng.

Antes mesmo de nós observarmos estas mudanças, os não índios, já viam discutindo estes fenômenos na alteração do clima, conforme relata Krenak (2015), na qual diz que:

TODOS SOMOS ALTERADOS por mil autôfalantes cada dia sobre as mudanças climáticas no clima, que vem alterando os ciclos das chuvas nas mais diversas regiões onde vivemos. Enchentes e secas prolongados afetam a produção de alimentos, causando mortalidade de peixes. Inundações sucedem as secas e esgotamento das nascentes. Desde a década de 1980, governos promovem conferências e criam sistemas de medição e monitoramento destas mudanças que ganharam o nome de mudanças climáticas. (KRENAK, 2010,pg 10).

Quando nos referimos a tempos de chuva Idioriê (2015) em suas belas reflexões nos diz que:

Estão ocorrendo mudanças climáticas. Se perguntamos aos mais velhos a época das chuvas e das secas, ele com certeza dirá que houve mudanças nos últimos tempos. Não há como saber “direitinho”. Em Mato Grosso, nas áreas que estão nossas aldeias, a leste, próximo aos rios das mortes, há uma década, as chuvas começavam no final de outubro e terminavam em março. O término da chuva parecia similar à época da chuva do Rio de Janeiro, como bem canta Vinício de Moraes em Águas de Março: é pau, e pedra, é o fim do caminho, é um resto de toco....são águas de marco fechando o verão. (IDIORIÊ, 2015,pg 23)

Exatamente o que ocorre atualmente no Xingu, as chuvas de verão não estão se fechando em março, como elas somente estão começando a chover no final de setembro ela vai até o maio, desta maneira forçando os povos indígenas do Xingu e principalmente a comunidade Ikpeng a procurar novos meios para não ocorrer tantas alterações nas práticas culturais forçadas pela novos tempos.

Outra questão que está afetando a pesca e as práticas culturais na comunidade, e a questão da seca prolongada e seca dos rios e lagos, nos anos oitenta o rio Xingu era um rio bem profundo um rio farto de peixes, a pesca era farta, cheia de árvores frutíferas em suas beiras, não havia muito banco de areias como está atualmente.

Hoje o rio está secando muito os bancos de areia estão tornando o canal de transição mais fechadas, ou seja, isso dificulta a locomoção dos cardumes dos peixes para lagos e para outras regiões, e elas ficam aglomeradas no local profundos. A seca prolongada torna o rio mais barrenta, mais suja e isso é prejudicial à saúde do povo. Veja nas imagens abaixo como está o rio atualmente.

Figura 15 - A seca prolongada do rio Xingu



Fonte: Kamikia Kînsedje (2021).

Figura 16 - A seca do rio Xingu



Fonte: Gilmar (2021)

O rio Xingu está secando tanto que está até prejudicando os transportes fluviais, os barrancos de areia estão fechando todo o canal de navegação dos barcos, dificultando a locomoção entre as aldeias, a 20 anos atrás o rio não secava tanto como atualmente, mesmo nos períodos de setembro a outubro que são períodos de maior seca, os rios e lagos ainda eram bem profundos, havia bastante banco de areia, porém havia canal de ligação profundos.

Não é somente o clima que está causando a seca dos rios, outro fator que foi observado pelas pessoas mais jovens e o aumento de transportes fluviais motorizadas, aparte dos anos 2010 teve aumenta bem grade de compra de motores de popa nas comunidades xinguanas, e com isso aumentou a circulação dos barcos pelos rios do Xingu. Mas o que isso causa? Isso causa aumento de assoreamento dos rios e, isso causa a seca dos rios, pois as ondas provocadas pelos barcos estão deixando os barrancos de areia cederem para o rio, e isto vem sendo observado, por motivo que o rio dessa forma ela vai se alargando, ficando mais aberta e mais seca a cada ano que passa. Outro fator preocupante e o aumento da poluição causada pelos motores de popa, além da queima do combustível que contribui para aquecimento global, o óleo e gasolina desperdiçado nos rios e lagos prejudicam o meio ambiente, que afeta diretamente os povos da região.

O processo de reaprender e as trocas forçadas

Como a percepção dos anciões, e dos jovens da comunidade em relação as alterações no tempo, foi necessário aceitar novas formas de trabalhar para poder continuar a produzir

alimentos, para manter os rituais e as festas, e foi importante conscientização do povo em relação as queimadas.

Há duas décadas começou a se perceber que o tempo estava mudando, começou a se observa que os rios estavam secando bastante, que a fartura dos peixes estava diminuindo, que a temperatura estava quente demais, que mesmo na época de frio não faz tanto frio, com decorrer do tempo essas observações foram se concretizando, hoje realmente se notou que o tempo mudou que não tem como seguir de fato os marcadores de tempo para realizar festas e trabalhos individuais e coletivos na comunidade, por tudo isso foi preciso reaprender a olhar a natureza com um novo olhar, e estas alterações fez com que o povo se visse na obrigação de conviver e viver neste novo tempo.

Os anciões da comunidade dizem que:

Atualmente somos obrigados a seguir o relógio o calendário os marcadores do tempo de homem branco, pois nosso relógio os nossos marcadores de tempo ficaram malucos, não conseguimos, mas nos orientar através delas, tudo ocorre no tempo que não ocorria antes. A ainda fenômenos que acontecem no tempo certo, porém são poucos, estamos preocupados com a diminuição dos peixes e principalmente das caças. Nós estamos isolados na nossa própria casa, e não é necessário tenta mudar de lugar porque ao redor não tem mais nada para caçar e pesca, estamos aumentando, e nossa terra diminuindo, isso nos preocupa, com pouca terra para tanta gente não sabemos o que será o futuro. (IKPENG 2020).

Para jovem Ikpeng:

Atualmente o povo espera a primeira chuva cair, no entanto, quando a chuva cai ela não para, chove por uma semana, essa prejudica a roça, mas quando queima a roça antes de chover o fogo atravessa aceiro e se alastra pela floresta acabando com os recursos naturais. Não se planta mais a roça em época certa, pois se plantar conforme a ciência do povo, os produtos da roça queimam todos. O povo fica confuso com a nova era. Toda época tem seu indicador, são elementos naturais que indicam a época de atividades, como tinir das asas dos insetos, canto da cigarra e dos pássaros, as posições das constelações e demais sinais da natureza que indicam as atividades. Entre tanto, esses indícios não correspondem com a realidade atual. O que resta agora e diante é o povo se adaptar com a nova era. (PAREJUP, 2021)

Como era os tempos de roças Ikpeng

Ao término de um ciclo, novamente se inicia mais um tempo, tempo de frutas nativas, tempos das borboletas das gaivotas, das flores do mato e de campo, tempo de piracema, tempo de timbó, tempo de confeccionar matérias para ser usada no dia a dia, como peneiras, redes, arco e flecha, bolsas, cocar e outras coisas.

Para o povo Ikpeng o novo tempo começa quando se inicia a época da seca, e quando os rios começam a baixar, quando a pesca é farta, épocas de pescar tucunaré, voadeira e piau nos lagos. O trabalho da abertura da roça, é considerado o primeiro trabalho que abre o ciclo de atividades comunitárias e familiares, quando se fechava o ciclo anual de marcadores de tempo, o primeiro trabalho a ser realizada era e é abertura das roças de mata altas, quando se percebia que os rios estavam secando e o murici do mato florescendo, as borboletas surgindo no porto, nos caminhos e no centro da aldeia se iniciava a roçada, as primeiras roçadas ocorria e ocorre da terra preta arqueológica denominado pelo povo Ikpeng de **IRUKTOWOWON**, nela são plantadas os produtos da roça como: milho, abobora, abacaxi, banana, cara e outros alimentos, pois se considera esta terra cheia de nutrientes para produtos da roça acima citadas, no passado não se plantava mandioca na terra preta, porém atualmente se planta todos os tipos de mandioca nessa terra. Logo depois da roçada da terra preta, quando a mata está mais seca, os rios e lagos ficam no nível baixo, quando o murici do mato começa a ficar bem madura, quando começa a época de floração do café brava, se iniciava e se inicia a roçada da mata baixa, floresta de terra vermelha, esta é uma terra boa para plantação de mandioca e abacaxi.

Depois de roçada se passava o tempo para esperar a folhagem trocos e galhos secarem para somente depois se iniciar as queimadas, as queimadas só se iniciavam quando os membros da comunidade percebiam a floração do ypê, do início dos tempos de ventos fortes, dos cantos da cigarra, e da constelação das estrelas três marias denominado pelo Ikpeng de *ponta* observando estes fenômenos da natureza a comunidade queimava as roças, ao queimar suas roças se seguia regras, e estas regras são milenares e eram seguidas rigorosamente.

Depois das queimas da roça se esperava a terra esfriar, pois logo depois da queimada começava as primeiras chuvas, chuvas para esfriar a terra, e esta chuva sempre se iniciava no início de setembro depois de floração de Ypê, depois de primeira chuva começa as plantações de mandioca, abacaxi, melancia, banana, abobora e milho, quando se observava a floração da fruta do api denominada de **poma** na língua Ikpeng, e a floração desta fruta começa no mês de setembro e já no mês de outubro ela começa amadurecer. Como as plantações das roças eram realizadas no mês de setembro, o milho era colhido nos meses de janeiro, a mandioca no mês de março, melancia no mês de dezembro, a banana no mês de abril, pois eram plantadas na época certa (TXICÃO, 2020).

As trocas de saberes forçadas na roça Ikpeng

Antigamente, o fogo não se alastrava pelo mato, pois a floresta era úmida, não era preciso fazer aceiro para queimar a roça, não havia necessidade da equipe de bridada indígenas para fazer este trabalho. Atualmente tudo está mudando, o tempo está mudando e a cultura segue este fluxo de transformação.

A 30 anos atrás o dono da roça queimava a roça e deixava a roça queimar sozinha conforme tradição, pois sabia que o fogo não se alastraria na mata, porque a floresta era úmida mesmo na época da seca. E hoje não é possível seguir a regra da queimada da roça, conforme a regra: ao tocar o fogo o dono da roça tem que deixar a roça e não olhar para traz, e deixar a roça queimado sozinha para somente retorna a roça depois de três dias para limpeza, ao respeitar a regra se garantia a fartura de produtos da roça principalmente de milho. Porém, atualmente e preciso desrespeitar as regras milenares, por motivo que o tempo atual não permite segui-la, a mata mais seca, as arvores mais secas não permitem realizar as atividades conforme regras do povo. Imagem abaixo mostra como ocorre a queimadas de roça atualmente.

Figura 17 - Queima de roça da comunidade



Fonte: Makure Txição (2021).

Para os anciões, atualmente é preciso ter cuidado com o manejo do fogo, pois o tempo está seca e é combustível ideal para o fogo se alastrar. Por isso e preciso esperar que roça

queimar todo para depois ir para aldeia, e conforme a regra tradicional isso não é bom para garantir uma boa fartura de produtos da roça.

Na fala do ancião Ikpeng, ele diz que:

Quando queimávamos as nossas roças a tempo atras, nós seguíamos regras certinhos, para que a colheita dos produtos da roça fosse fartas, queimávamos as nossas roças a meio dia, pois foi nesse horário que os irmãos do *KURURIKU*, queimaram a roça dela, com ela dentro da roça deitada numa rede no centro da roça, foi está mulher que originou os alimentos para o povo Ikpeng, foi ela que criou as regras de queimada da roça, por isso sempre seguíamos as regras, mas que hoje, tenho que me reinventar, aprender as novas formas de queimar a minha roça, aprender a fazer acero, aprender a usar equipamentos como bomba costal, coisa que não era necessário, aprender as novas técnicas de manejo de fogo. Na verdade, tenho que reaprender a observar fenômenos da natureza novamente, porque o que o meu pai havia me ensinado já não dá para seguir. (TXICÃO, 2020)

Segundo a mitologia Ikpeng há muito tempo não existiam roças e por isso não se consumia os alimentos da roça, o povo Ikpeng se alimentava de cogumelos, animais silvestres, frutas nativas e de insetos. Os produtos da roça surgiram após a estranha gravidez da senhora Kururiku, uma mulher com 50 anos de idade que deu à luz a uma sucuri. Esta sucuri conversava com Kururiku e deu as instruções para fazerem uma derrubada na mata e depois queimá-la com ambas no centro da roça, deitada numa rede entre duas árvores centrais, e ensinou os sinais para saberem quando poderiam voltar novamente. Ao chegar na roça, a fartura de produtos estava pronta para as pessoas se alimentarem. (IKPENG e SÁ, 2018)

Ikpeng e Sá (2018) ainda dizem que O povo Ikpeng sempre valorizou as práticas de cultivo das roças comunitárias. Apenas modificou algumas coisas em relação às ferramentas, por exemplo, machado, facão, foice e lima que facilitaram o trabalho. Antigamente se roçava e derrubava com machados de pedras. Os Ikpeng ainda mantêm os seus costumes, mas estão se adaptando ao novo mundo e nova realidade em que vivem.

Nos tempos atuais e preciso estar atento para as alterações no tempo para poder realizar atividades comunitárias conforme o tempo, não mas conforme indício da natureza, um dos exemplos e a realização da festa de tatuagem que tem a sua duração de um ano, e ela sempre tem que finalizar na época da seca no tempo de muito frio, no tempo que a mandioca doce esteja pronta, porque e um tempo que é bom para caça, e bom para retirada da rezina de jatobá, e quanto mais frio menos dor a criança sentirá na ora de fazer tatuagem. Porém com essas mudanças e com temperatura alta mesmo na época do inverno o pé de jatobá não produz, mas tanta rezina, e tem alguns materiais que não estão sendo mais encontrado com facilidade na

região e tudo isso prejudica a realização do ritual, mesmo assim a comunidade tende a procurar soluções necessário para manutenção do ritual que é primordial para comunidade Ikpeng.

Quando os anciões dizem que é preciso seguir o calendário do homem branco, e o que ocorre atualmente, hoje as queimadas das roças ocorre no mês de setembro, isso quando chove no mês, e quando não chove e necessário esperar a primeira gota de chuva, por motivo que atualmente a chuva não chega no tempo que sempre ocorria, ela vem um pouco mais tarde, e isso é um fator que causa as secas prolongadas do lagos, que em setembro, se tornam um lago morna de tão alta a temperatura, e estes lagos estão a cada ano secando bastante.

As plantações de mandioca, batata, banana, abacaxi e outros produtos da roça que ocorriam no mês de setembro não se planta mais neste período, e preciso esperar as três primeiras chuvas, quem vem em média sempre no meio de outubro, e só após as três primeiras chuvas que começa o trabalho de plantio dos produtos das roças e principalmente da mandioca que é principal alimento do povo.

Conforme o relato do ancião Ikpeng:

Quando chegava a primeira chuva eu começava a plantar a minha roça, principalmente a roça de mandioca, depois de primeira chuva se sabia que uma semana depois iria chover novamente, desta forma iniciava o plantio sempre depois da primeira chuva, e essa chuva sempre vinha no início de setembro. Para os Ikpeng à duas épocas de plantio, no meio de setembro, quando os bacuraus começam aparecer, e também época de início de frutificação da fruta api (*poma*), e no mês de outubro quando a fruta api fica madura, *poma rangwam*, porém agora ficou tudo diferente, agora tenho que espera as primeiras três chuvas, pois quando caí a primeira chuva a outra demora para chegar, só chega depois de duas semanas ou três semanas, e isso prejudica a rama plantada no solo, solo que está muito quente atualmente, a terra está tão quente que se não chove dentro de uma semana as ramas queimam, a semente torra, a muda de banana seca. (IKPENG,2019)

Como está colheita de mandioca, e outros produtos da roça atualmente.

“Há, lembro muito bem quando realizamos a colheita de mandioca, as mandiocas elas eram bem grandes, bem bonitas, e elas sendo bem grandes conseguíamos extrair bastante polvilho”. (KAYANALU, 2019).

As mulheres da aldeia relatam que a 20 anos atrás quando a roça de mandioca ainda era dentro da floresta, as colheitas de mandioca eram fartas, as mandiocas, e outros produtos da roça, como batata, abacaxi banana eram bem produtivas. Quando chegava à época de colheita de mandioca, que sempre se inicia nos meses de abril, a tempo atrás como a terra era cheio de *yonkowulun* (adubo), dava para plantar duas vezes na mesma área, pois a terra úmida cheia de

folhas e troncos de árvore que se transformavam em fonte de alimentos para plantas, depois de colheita de duas safras de mandioca deixava a área descansar e recuperar para depois voltar a utilizar lá. Como as roças eram abertas na floresta de mata alta, não era necessário realizar a limpeza da roça mensalmente, pois na terra boa só brotavam árvores frutíferas como ingá, murici, jatobá e outras espécies, e estas árvores deixava crescer por motivo que ela ajudava na recuperação rápida do solo, e desta forma também se observava que a terra ainda era fértil para realizar novamente o plantio (IKPENG,2020).

Yakuma Txicão diz que:

Atualmente tenho que me adaptar a este tempo, não somente ao tempo, mas questão do território também causa grandes influências na produção de nossos alimentos, uma delas é a mandioca, por motivo que ela é o principal alimento que nos consumimos diariamente, a tempos atrás as roças de mandioca eram limpas, hoje, como nós usamos a mesma terra por longos período, a terra está se tornando arenosa, e com isso a mandioca não cresce, ela fica pequena, não dando muito polvilho, a roça fica cheia de plantas, e capins que são consideradas pragas, e são indicadores de terra ruim. Mas infelizmente, não temos que fazer nada, pois a floresta que estava entorno da nossa aldeia já derrubamos tudo, no lugar da floresta surgiu uma área grande de sapezal, e no sapezal não tem como plantar. (TXICÃO,2021)

Com o calor excessivo e o tempo de seca prolongada, e não tendo áreas de mata para abrir as novas roças, a comunidade Ikpeng começou a abrir a roça bem perto da aldeia, e estas roças abertas perto da aldeia já foram usadas mais de 4 quatro vezes, e com uso excessivo da terra ela não consegue produzir mandiocas grandes, e como a terra arenosa só nasce capim e plantas que são consideradas pragas, desta maneira a comunidade tem que limpar a roça mensalmente para que o capim, não prejudique o crescimento das mandiocas, e esta técnica de limpar a roça mensalmente ela não vem da cultura Ikpeng, o povo Ikpeng teve que adotar este método para se adequar as mudanças na produção de alimento, pois esta técnica é utilizada pelos povos do alto Xingu, como Kamaiura, Waura, Kalapalo e outros, estas comunidades sempre usaram esta técnica de deixar a roça limpa, para que a planta crescesse forte, não dividindo os nutrientes presente na terra com as pequenas árvores.

Por que não se pode abrir a roça em outros lugares como no passado? No passado o povo era nômade mudava de lugar constantemente, quando se observava que a floresta e a terra já alimentaram o povo o suficiente, já criou várias crianças, o povo mudava de lugar, procurava outra região de terra boa para plantar e uma floresta rica em animais e árvores frutíferas e recursos naturais que são usadas na confecção de redes, flechas, bordunas, arcos e outras coisas, matérias essenciais para bem-estar do povo. Com estas mudanças constante a terra usada para

plantar os produtos da roça se regeneravam completamente, e somente muito tempo depois o povo voltava a explorar novamente a região (IKPENG,2019).

Atualmente a comunidade está isolada numa ilha, e está ilha e demarcada e em sua volta não existe mais nenhum pé de árvore, tudo deu lugar aos pastos de gado, a monocultura de soja, arroz e milho, sendo assim não tem como se mudar para outra região para explorar novas áreas como acontecia no passado antes do contato com a sociedade envolvente (JUDJA, 2019).

O povo Ikpeng mora na região do médio Xingu a mais de 43 quarenta e três anos, está região foi escolhido porque era uma região de terra preta e vermelha, região de muitas lagoas e córregos, uma área rica de recursos naturais que são de uso milenar na cultura do povo Ikpeng, lugar onde havia bastante árvores como *raigĩ*, *yego* que são bastante utilizadas nas construções de casa tradicionais. Ao observar esta riqueza na região o povo escolheu ficar nessa área na qual permanece até os dias atuais, quando o povo chegou na região era formada aproximadamente por 10 famílias e 90 pessoas entre homens, mulheres e crianças, estas famílias começaram abrir suas roças, a explorar a região com tanta facilidade, com uma terra rica em nutrientes as plantações de mandioca, banana, abacaxi, batata, cana e araruta eram fartas, até os meados dos anos 2000 o povo Ikpeng plantava bastante banana, pois na época havia uma área grande de terra preta, e nesta terra o plantio de banana, milho e melancia dava certo. Com passar do tempo as novas famílias se constituíam e a população aumentava rapidamente, com isso aumentava a demanda de novas roças, por motivo que cada família tem que ter uma roça própria para o seu sustento, principalmente a roça de mandioca, cada ano que se passava novas área eram abertas, e estas áreas eram apenas utilizadas duas vezes, até ano de 2010, começou a se perceber a dificuldade de encontra novas áreas para abertura de novas roças, principalmente de terra vermelha, que é uma área boa para plantio de mandioca, neste mesmo ano o povo já havia aberto uma áreas de 7 km quadrado. E assim começou a abertura de novas roças novamente em torno da aldeia, o povo começou a utilizar novamente as áreas abertas anteriormente. Veja imagem que mostra área aberta em torno da aldeia, de aproximadamente 10 km quadrados.

Figura 18 - Area degradada em torno da aldeia Moygu



Fonte: Kamatxi Ikpeng (2021).

O principal motivo de desmatamento nas áreas em volta da aldeia tem a ver com as queimadas, nos primeiros anos de 2000, houve bastante queimadas descontroladas na região e áreas que estavam em processo de regeneração queimaram, até meados dos anos 2010 a questão do fogo era descontrolada, muitas vezes o fogo era proposital, para queimar a sapezal e deixar área limpa, porém quanto mais se queimava a áreas de sapé aumentava, e árvores não conseguia se recuperar. Foi nesta mesma época que se percebeu que a plantação de banana não estava dando certo, os cachos grandes que davam anteriormente, os pés de bananeiras forte e grossas como eram no passado, quando o tempo de chuva e seca vinham sempre na média depois de seis meses, com aumento do calor e da seca prolongada as bananeiras começaram a secar, e as bananas quando começam a crescer queimam com a temperatura alta.

Observando está mudança no clima a comunidade praticamente deixou de plantar bananas, nas roças distante e começou a plantar nos quintais de casa, porém mesmo plantando nos quintais de casa a seca prolongado não deixa as bananeiras crescerem. E neste mesmo período de ano 2010, que a comunidade começou a utilizar a terra preta para plantio de mandioca, após perceber que na terra preta estava dando certo, todos os membros da comunidade começaram a plantar a mandioca na terra preta, antes utilizada apenas para plantio de milho e banana, desta maneira a áreas utilizada para plantio de banana e milho deu espaço para plantio de mandioca. As áreas antes abertas na região de terra preta com passar do tempo deu espaço para surgimento da nova espécie de feijão, e esta espécie de feijão (feijão do porco) o povo denomina de *arawiyum* que um excelente adubo para recuperação de terra preta, em 2018 a comunidade começou a plantar nestas áreas abertas, não tendo necessidade de derrubar

novas áreas apenas queima-las, e percebeu que o plantio de mandioca estava dando certo, e atualmente o povo está usando estas áreas de *arawiyum*, são estas adaptações que vem ocorrendo nas práticas culturais do povo Ikpeng, não somente o povo Ikpeng como todos os povos indígenas.

OS DESAFIOS DE HABITAR O TERRITÓRIO DEMARCADO PARA MANUTENÇÃO DAS PRÁTICAS CULTURAIS.

Antes do contato com a sociedade envolvente, cada povo tinha vastas áreas de terra para explorar conforme a necessidade comunitária e cultural, a realidade se investiu com a chegada do homem branco que ocupa todo o território indígena, para depois demarcar porções pequenas de terras com isso não conseguimos realizar as nossas práticas culturais que realizávamos a tempos atrás, como cuidado com os repousos das áreas abertas para roças e pescarias e caçadas entre membro da comunidade e família, mas que esta terra e também uma garantia de manutenção cultural vital para povos indígenas, por esta pequena terra que muitos lutam para ter a sua autonomia a sua integridade física e social fortalecida.

No passado, os Ikpeng sempre na época de seca abriam acampamentos nas proximidades da aldeia, com objetivo de caçar, pescar para sustento da família, acampavam também para retirar recursos naturais como: *moron* (cera específica para confeccionar artefatos masculinos femininos), *panat* (espécie de tucunzinho) e para pegar filhotes de papagaio, tucano, mutum e outros animais. Esta prática atualmente não é realizada, por motivo que não há áreas para abrir acampamentos, uma vez que com aumento da população xinguana que atualmente é de 7 mil indivíduos distribuídas em mais de 132 aldeias (ISA, 2019), e com aumento da população a necessidade de abertura de novas aldeias, e estas aldeias estão ocupando toda a área nas beiras do rio Xingu e seus rios formadores, mas essa abertura de novas aldeias a cada ano tem um principal objetivo, abrir um local para explorar novas terras para produção de alimento para o sustento da família, por motivo que nas aldeias principais a terra não está fértil, e não há áreas para abrir novas roças. Com novas aldeias surgindo anualmente, não tem como realizar acampamentos para pescaria, uma vez que aberta uma aldeia ela ocupa determinada área que é usada para caça, pesca e retirada de materiais de construção.

Como diz ancião Ikpeng:

Lembro me muito bem, quando viajávamos para abrir acampamentos para retirarmos da natureza as nossas matérias primas que são utilizadas nas nossas

festas e nos nossos artefatos, acampávamos para caçar, pescar, e isso sempre ocorria na época de seca, na nossa terra de origem que não é o Xingu, acampávamos muito longe da aldeia, não nos preocupávamos com outros povos, porque era a nosso lugar. Quando fomos transferidos para o Xingu tivemos que nos adaptar à nova região, lugar bem diferente da nossa, tivemos que conhecer a se adaptar as novas culturas. Até meados dos anos 2000 realizamos os nossos acampamentos, depois deste ano o número de aldeias foi aumentando e ocupando lugares que utilizávamos para acampar, hoje em dia as aldeias estão perto uma da outra, e por isso que não realizamos esta prática cultural do nosso povo. (TXICÃO, 2020)

Quando é realizada a festa de tatuagem das crianças Ikpeng, no final da festa a comunidade realiza uma grande caçada denomina de *wokponanom*, com objetivo de caçar animais e aves, porém a principal caça é o macaco aranha e macaco prego, a caça tem como objeto de pagar os padrinhos das crianças que são tatuadas, durante o ritual, no final da festa cada mãe recebe do chefe dos caçadores a certa quantia de caça, para depois ela pagar os padrinhos do seu filho.

Há trinta anos a caçada era realizada na mesma região da aldeia, não era preciso ir longe ou na outra região para realizar a caçada, ela era realizada nas proximidades da aldeia, por motivo que na época a região era farta de caça e rica em florestas, porém nos últimos anos o povo começou a caçar nas outras regiões, por motivo que naquele ano não havia aldeias perto um da outra.

Atualmente a comunidade está realizando o ritual de tatuagem, e lugares boa para caçada agora foram ocupados por duas aldeias Ikpeng abertas recentemente, e o dono da festa pretende abrir acampamentos numa nova região, lugar também considerada rica em caça, porém está área e uma área de preservação ambiental fora do limite do território. Nunca utilizada anteriormente.

Na regra da festa Ikpeng, as pessoas que viajam para caçada não podem ser vistas de forma alguma pelas outras pessoas, elas têm que estar isolado o máximo da comunidade, porém recentemente não tem como seguir está regra, pois a muitas pessoas de outras aldeias indiretamente acabam olhando os caçadores e pescadores, como não tem como evitar, e necessários apenas aceitar esta nova realidade.

A questão da delimitação territorial nos dias atuais é fundamental para a resistências das populações e culturas indígenas, pois e nesta ilhas verdes que existem várias culturas, línguas e crenças, ao mesmo tempo está porção de terra protege os povos ela também influencia diretamente no uso racional da floresta da região, uma vez que entre os Ikpeng sempre houve o uso consciente dos recursos naturais, sem a terra delimitada a comunidade respeitava o ciclo de

regeneração da floresta, porém, atualmente isso não tem ocorrido, como dito anteriormente o povo mora na mesma região há mais de 43 anos, e já utilizou toda área próximo a aldeia, que é preciso usar novos métodos para manutenção da floresta em pé.

Conforme relata Schmidt et al. (2021):

No passado, tanto os Kawaiwete como os Ikpeng apresentavam padrões de uso do território caracterizados pela frequente mobilidade das aldeias, que se deslocavam com o esgotamento dos recursos naturais locais. Essa falta de mobilidade, no longo prazo, resulta em um aumento da pressão sobre as formações secundárias, com impactos para os meios de subsistência locais. Dentro do TIX, é cada vez mais difícil observar aldeias mais antigas mudando de lugar, pois essa decisão depende da disponibilidade de ambientes específicos, ricos em terra escura e próximos ao canal principal do rio, que devem ser negociados com outros povos indígenas. (SCHMIDT et al, 2021, p.36)

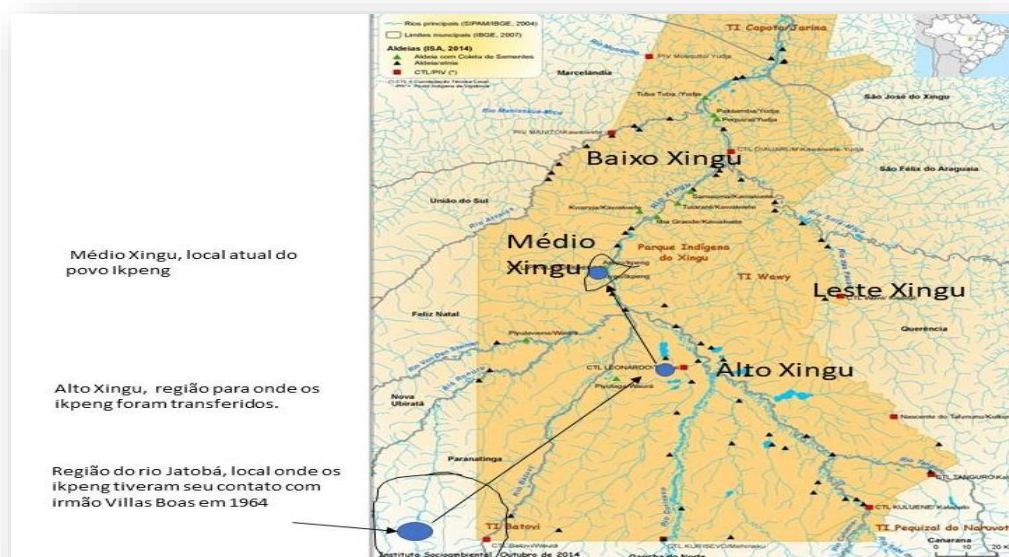
A falta de mobilidade tem interrompido o ciclo de regeneração das florestas e ela está diretamente relacionada ao tempo e espaço necessários para a continuidade do sistema de cultivo itinerante e gestão do território, dificultando a recuperação total das florestas secundárias e levando à intensificação do uso agrícola, do uso intensificado do solo e principalmente o uso irracional de fogo, o que acaba causando uma diminuição das espécies que dependem das sementes para se regenerar em detrimento das que têm capacidade de rebrota e estão mais adaptadas a este novo contexto (SCHMIDT et al, 2021), e aquelas árvores que só germinam através de semente estão acabando, uma vez que sem árvores frutíferas perto da região a pouca presença de animais e aves que são semeadores das sementes, pode se observar que as árvores que brotam do galho são mais frequente nas proximidades da aldeias.

Como relata o ancião Ikpeng, “as aldeias estão fixas, e por isso que não conseguimos fazer o que fazíamos antigamente, quando dávamos o tempo de pousio de 15 a 30 anos para a floresta se recuperar e somente depois voltar a utilizá-la, e hoje olhamos para o solo degrada antes mesma de serem cultivadas e isso afeta a regeneração de muitas espécies florestais durante o pousio”. Conforme relata Schmidt et al. (2021) “...os critérios usados na escolha de novas roças não levam mais em consideração aspectos da estrutura da floresta ou outros indicadores locais como no passado”. Como resultado, muitas espécies características dessas áreas - que são importantes para a regeneração da floresta e recuperação do solo - não aparecem mais espontaneamente. Por esse motivo, os recursos característicos dos estágios avançados de regeneração tornam-se menos acessíveis, raros ou mesmo extintos em áreas próximas às ocupações humanas.

Com as mudanças no tempo e principalmente por questão territorial os Ikpeng não conseguem seguir o ciclo de recuperação da floresta que passa por cinco fases que são elas: (irĩnpĩn) quando se inicia a fase de pousio, (awmtu) de 3 a 5 anos que é seguido pelo estágio de pousio (até aproximadamente 15 anos, tukto rĩnpĩn), a quarta fase ocorre quando as árvores já estão praticamente recuperadas que leva de 20 a 30 anos denominado pelos Ikpeng de (iprororetpĩn) e depois vem a última fase quando a mata atinge o seu penúltimo estágio de desenvolvimento, que é denominado de (oremyegetpĩn), e nesta fase que os Ikpeng abriam as roças, porém o principal área escolhido para abertura de roça era (irwa) mata virgem, que contém bastante nutriente (yonkowulun) que é formado por restos de árvores mortas e folhas em decomposição para que os produtos da roça sejam fartos. No entanto, encontrar áreas de pousio com essas características ideais de estágio de desenvolvimento para reaproveitamento é cada vez mais difícil no atual contexto regional. Perto das aldeias, predominam as áreas de pousio em estágios iniciais (awmtu) ou ligeiramente mais desenvolvidos (tukto rĩnpĩn).

A população está aumentando, o território já não suporta mais tantas pessoas na mesma área, uma vez que cada povo tem seus lugares de pesca e caça que são usados para seus rituais, principalmente os povos do Auto Xingu. Para o homem branco a muita terra para pouco índio, mas na visão dos povos indígenas a pouca terra para muitas culturas. Vale ressaltar que o povo Ikpeng ela não é originária do Xingu, ela foi transferida da região de Jatobá para o Parque Indígena do Xingu em 1967 pelos Irmãos Villas Boas, desta maneira o povo teve que se adaptar à nova região, e muitos recursos naturais que eram utilizados no tratamento de doenças, nos rituais e no uso cotidiano exemplo disso são; *rapyu* (concha para fazer brinco) *renetxing* (semente para fazer colar) *ragok* (semente usado para tratamento de várias doenças), estes recursos naturais não existem na região do Xingu, além de encontrar meios de procurar alternativas para suprir estas faltas de matérias primas, a comunidade teve que se adaptar a conviver com povos, que antes do contato eram seus rivais de guerra, vale ressaltar que os Ikpeng eram inimigos temidos por estes povos que habitavam a região do auto Xingu. Veja no mapa abaixo a região ocupada pelos Ikpeng desde o contato com a sociedade envolvente.

Mapa 03 - Transferência do Povo Ikpeng para médio Xingu e linhas que mostra a região ocupada para caça e pesca.



Fonte: ISA (2010).

Os recursos naturais usados no ritual de tatuagem Ikpeng

Para realizar a festa de tatuagem em crianças Ikpeng, o povo utiliza vários recursos naturais que são necessários para realização de rituais, e atualmente está difícil encontrar estes recursos naturais nas proximidades da aldeia, por motivo que elas foram consumidas pelo fogo, ou derrubadas para abertura de roças e construção de casa, e com isso é necessário procurar estes recursos em outros lugares distante.

Conforme Taffarel:

Ritual da Tatuagem envolve uma série de plantas e animais, sem os quais a festa não seria possível, há necessidade de ensinar os jovens a não matarem os animais e aves sem ter utilidade. O mais importante é preservar o meio ambiente para quando precisar dele para fazer a festa, porque sem ela os Ikpeng não podem fazer nada. É do meio ambiente que os Ikpeng tiram a sustentabilidade e os materiais para a confecção de artefatos que utilizam em seus rituais tradicionais (TAFFAREL, 2010, p. 48).

Conforme diz autor acima citado, o povo Ikpeng tem uma ligação milenar e cultural com o meio ambiente, pois dela retira tudo que precisa para manter as suas práticas culturais

vivas, porém estes recursos naturais não estão sendo encontrado com facilidade na região, por motivo que com as queimadas descontroladas que ocorreram em meados de anos 2008, 2010 e 2016 acabou queimando os recursos naturais.

Quando o autor acima citado, diz que entre os Ikpeng o manejo de recursos naturais e sustentabilidade é transmitido de gerações mais velhas para o mais novo, que os conhecimentos milenares são de suma importância para manutenção da vida na natureza e com isso manter a cultura milenar viva, atualmente está muito difícil preservar os recursos naturais uma vez que, a cada ano que passa é preciso abrir novas áreas para roça, e assim estes recursos vão sendo derrubadas, e com aumento da população também aumenta a necessidade de construir mais moradias tradicionais e com tanta demanda os recursos naturais vão acabando, por motivo do isolamento que a comunidade se encontra há mais de 45 anos morando na mesma região, e não tendo lugar para abrir a nova aldeia em nova região por questão da delimitação do território.

A conscientização de manter os recursos naturais vivos para manutenção das práticas culturais, elas ainda estão sendo transmitidas, porém numa terra delimitada, sofrendo com impactos climáticos fica difícil seguir de fato a orientação dos sábios. Com escassez de recursos naturais, uma forma de suprir a demanda de construção de casa é utilizar outras espécies de árvores para substituir as árvores sagradas, a embira por exemplo é um recurso muito utilizada para amarrar a palha para cobrir a casa, porém atualmente este recurso está cada vez mais difícil de ser encontrado, obrigando a comunidade a utilizar pregos e barbantes da cidade para amarrar a cobertura da casa.

Um dos recursos naturais mais utilizada na festa Ikpeng que é denominado de *powuk* (*bambu*) que é usada como máscara durante a festa, atualmente não é encontrado na região e nas proximidades da aldeia, sendo que vinte anos atrás este recurso era encontrado com facilidade nas regiões de transição de brejo para mata alta, no encontro de um ecossistema com outro, de mata alta para mata baixa, e a perda deste recurso natural haverá aumento da temperatura, das queimadas e da seca prolongada que causa a seca total dos brejos, com o brejo seco e com alteração no ecossistema causada pelo fogo a planta não consegue regenerar. Atualmente é preciso se deslocar bem longe da região para retirar esta matéria-prima. E muitas vezes a festa é realizada mesmo não tendo o *powuk*. A foto abaixo mostra como é usada o bambu durante a festa Ikpeng.

Figura19 - Os dançarinos usando bambu na face durante ritual Ikpeng



Fonte: Awarengku Ikpeng (2021).

Além da falta de *powuk*, outro recurso natural de suma importância que não é encontrado nas proximidades da aldeia é a árvore (*yego*), está é uma árvore que é utilizada durante o ritual de furação de orelha, ela serve como banco para as crianças sentarem durante a cerimônia e está bela árvore ela é bem leve e resistente e é muito utilizada nas construções de casas tradicionais, como ela é e bem usada acabou sumindo da região, desta maneira obrigando a comunidade e se deslocarem a local mais distante para encontrá-la. A maioria dos recursos naturais utilizadas no ritual de furação de orelha e da tatuagem estão ficando mais difícil de encontrar na região do médio Xingu. Veja a tabela abaixo os recursos naturais que são usadas durante a festa e suas finalidades.

Quadro 04 - Recursos naturais utilizados no ritual de tatuagem

Nome em Ikpeng	Nome em português	Finalidade	Ecossistema onde é encontrada	Como está atualmente
Powuk	Bambu	Utilizada para usar como máscara	Mata de transição entre serrado e mata alta, no brejo.	Difícil de ser encontrado na região.
Yepkuy	Árvore leiteira	Utiliza látex como cola, para fixa bambu na face.	Região de mata baixa e mata alta	Fácil de ser encontrada na região
Yemĩ	-----	Utiliza látex para da consistência no urucum, durante o seu preparo.	Região de mata de mata alta.	Difícil de ser encontrado.

Yego	-----	Fazer espetos para furar as orelhas dos meninos	Região de mata alta e mata baixo	Difícil de ser encontrado
Txintat	Embira	Usado para amarrar várias coisas durante o ritual	Região de transição de campo para mata alta.	Difícil de ser encontrado na região.
Engnet egak	Bruto de buriti	Fazer enfeite para os braços e flauta	Região de brejo	Fácil de encontrar na região
Onon	Urucum	Passar no cabelo e no corpo	Roça	Fácil de encontrar
Munuki		Para fazer tochas	Mata alta	Difícil de encontrar
Ototo	Tucum	Armação de cocar	Mata alta	Difícil de encontrar

Fonte: elaboração do autor como base na pesquisa de campo (2022).

Podemos observar no quadro acima quantos recursos naturais estão ficando mais difícil de ser encontrada na região, e estes recurso exposto na tabela a décadas atrás era fácil de ser encontrada na região, por isso a tempo atrás não era necessário deslocar se bem longe para realizar festa tradicional Ikpeng, além dos recursos naturais a também animais que são sagradas, pois elas tem as partes que são utilizadas durante o rituais, veja na tabela abaixo quais são estes animais e sua importância para a cultura Ikpeng.

Quadro 05 - Animais utilizados no ritual de tatuagem

Nome Ikpeng	Nome em português	Finalidade	Ecossistema onde é encontrada	Como está atualmente
Akari	Onça pintada	Retirada de couro e ossos para furação de orelha	Todos	Fácil de ser encontrada
Pakupa	Garça	Usa as penas para confeccionar cocar	Lagos e rios	Fácil de ser encontrada
Marakunat	Gavião real	Usa a plumagem para enfeitar na festa, e pena para usar na flecha.	Mata alta	Difícil de encontrada

Kutma	Recongo	Usa se pena para confeccionar cocar.	Mata alta	Difícil de ser encontrada
Toprugo	Macaco aranha	Consome se a carne, e o principal caça do ritual de tatuagem	Todos	Difícil de ser encontrado
Tae	Macaco prego	Consome se a carne, e o principal caça do ritual de tatuagem	Todos os ecossistemas	Difícil de ser encontrado
Awyana	Caititu	Usa se couro para usar de enfeite durante a festa	Todos os ecossistemas	Fácil de ser encontrados
Pow	Porco	Usa se couro para usar de enfeite durante a festa	Todos os ecossistemas	Fácil de ser encontrados
Kurita	Papagaio	Usa se pena para confeccionar cocar	Campo e brejo	Fácil de ser encontrada
Tigato	Mutum	Usa de a pena como enfeite usado no cocar, e para confeccionar flechas	Matas ciliares	Difícil de ser encontrada
Yakwa	Tucano	Usa se pluma para confeccionar cocar das mulheres e enfeitar outros artefatos.	Mata alta	Difícil de ser encontrado

Fonte: elaboração do autor como base na pesquisa de campo (2022).

Ao analisamos o quadro podemos perceber, que muitos dos animais que são de suma importância para as práticas culturais do povo Ikpeng, se tornaram difícil de ser encontradas na região próxima da aldeia Ikpeng, devido todas as questões ambientais e territorial que implicam diretamente na organização social do povo Ikpeng, porem isso não quer dizer que estes animais estejam em risco de extinção, elas são facilmente encontradas nas regiões distantes, no ecossistema que tenha disponibilidade de frutas nativas, disponibilidade de mata intocada na qual possa haver interação entre os animais.

Aos poucos com o crescimento da população xingwana e aumento de números de aldeias que praticamente está a ocupar todas as margens do rio Xingu e dos rios formadores a oferta de animais a cada ano que passa ela vai diminuindo, como está ocorrendo com oferta dos peixes no Xingu, já se percebeu que a oferta dos peixes ela diminui bastante, por motivo que o peixe e o principal alimento dos povos do Xingu e principalmente do povo Ikpeng.

A tabela também nos mostra os animais que se tornaram fácil de ser encontrada na região, a onça pintada por exemplo, se tornou animal fácil de ser encontrada na região, por estarem tão perto da região e nas proximidades da aldeia, nos últimos anos já houve três ataques fatais da onça pintada, e outros ataques na qual os homens escaparam. Os mais velhos relatam que dificilmente a onça ataca uma pessoa, isso só ocorre quando há questão espiritual, ou feitiçaria envolvido, mas que recentemente os ataques se tornaram frequente, e os ataques ocorrem nas proximidades da aldeia. Recentemente a aparição das onças pintadas está se tornando frequentes, e a tempos atrás não era comum encontrar onças nas proximidades da aldeia, elas ficavam bem distante da aldeia. Acredita-se que com o desmatamento da mata em torno do território, as onças estão ficando ilhadas nas terras onde existem florestas e animais para elas sobreviverem, dessa forma elas são obrigadas a se locomoverem para as proximidades das aldeias xinguanas.

Outra questão preocupante em relação a onça pintada e caçada para abater o animal com objetivo de usar couro, unha e dente para vender para outros indígenas e não indígenas, e está prática de venda das partes do animal para obter recurso financeiro e preocupante, por motivo que vai diminuir a população da onça futuramente. Antigamente a comunidade Ikpeng só matava onça para retirar o couro e ossos do animal, ou seja, isso só ocorria no período da festa, o couro é usado para enfeite na festa e ossos usados para furação de orelha. Os Ikpeng não matavam onça sem finalidade, somente no período de festa, porém infelizmente esta situação está mudando com a inclusão da comunidade no sistema de capital e lucro, que visava apenas o ganho não manutenção dos seres vivos.

Além da onça a dois animais que estão aumentando de população na região são os catetos e porcos, com desmatamento provocado pelo fogo e pelas aberturas de roças, que transformaram o ecossistema que antes era de mata alta, hoje se tornou campo aberto de sapé, sem muita fartura de alimento, os porcos e caititus começaram a atacar roças para poder se alimentar de mandiocas, e isso causa grandes prejuízos para produção de mandioca. Para diminuir a invasão da roça a comunidade desde ano 2000 começou a fazer cerca de madeiras envolta das roças, para poder evitar que os animais ataquem a roça.

Festa *moyngo* e mudanças no tempo

Antigamente para realizar rituais de furação de orelha (*Txiwo imatitpot*) de tatuagem das crianças (*pomeri enenpot*) a comunidade Ikpeng, não precisava se deslocar bem distante da aldeia para realizar a caçada e retirar recursos naturais que são usadas durante a festa, os

recursos naturais como: embira, bambu, árvore leiteira eram encontradas nas proximidades da aldeia com facilidade, os animais que tem importância para realização de ritual como: capivara, garça, veado, macacos, tucanos e mutum e outros animais também eram encontrada com facilidade na região, porém com as queimadas, e degradação de grandes área para abertura de roça permitiu que os animais migrassem para outras regiões distante da aldeia, local na qual a fartura de alimentos para estes seres vivos.

Há décadas, para realizar uma festa, a comunidade Ikpeng não precisava elaborar projetos para aquisição de combustível, de coisas industrializadas como panelas, redes, coberto, que são usadas para presentear os padrinhos. O ritual ocorria conforme a organização social da comunidade, a comunidade realizava a festa sem necessidade de procurar apoio dos órgãos governamentais e não governamentais, como ocorre hoje, por motivo que a décadas atrás existia muita fartura de caça, de recursos naturais em torno da aldeia, com a disponibilidade de recursos naturais, a comunidade confeccionava, bolsas, redes, peneiras, cocar, colar de dente de capivara, borduna e outras cestarias utilizada na festa e no dia a dia da comunidade, e com estes artefatos que os pais pagavam os padrinhos dos seus filhos.

Nos dias atuais ficou tudo difícil, todos os recursos naturais estão desaparecendo, e isto corre por motivo das mudanças no clima e por moramos muito tempo na mesma região, como a terra pequena não tendo possibilidade de mobilidade para outras regiões. As mudanças no clima provocaram queimadas que acabaram com recursos naturais na região, o isolamento num território pequeno não permite a comunidade explorar outras regiões, outros lugares como ocorria no passado, com o povo habitando o mesmo lugar a mais de 44 anos a degradação da floresta em volta da aldeia ela se tornou inevitável. Sem os recursos naturais disponível a comunidade para realizar festa moyngo, que tem duração de um ano, e passa por quatro momentos, ou seja, quatro etapas na qual será descrita um resumo da festa Ikpeng:

Na primeira etapa, os dançarinos se reúnem num trabalho de corrida com a lenha para anunciar que estão programando a realização da festa, a noite realizam uma reunião com os anciões, cacique e pajés na casa de Conselho da aldeia para informar que vão realizar a festa. Nesta mesma noite escolhem as crianças que serão tatuadas, perguntando os pais de casa em casa (TAFFAREL,2010). Na primeira fase da festa, a comunidade dança sem a flauta (amengo), a primeira etapa leva em torno de uns dois meses.

A segunda parte da festa se inicia quando começa a festa da flauta com a música, que dura cerca de quatro meses, após isso os caçadores começam a fazer levantamento e avaliação de lugares região para caçada. Durante três meses a comunidade se prepara para a caçada, as

mulheres começam a secar polvilho, a massa de mandioca e a debulha o milho para servir de mantimento aos caçadores. Por um mês os homens começam a procurar cera de jatobá para fabricar fuligem que é usado com sumo de folhas de uma árvore, conhecido popularmente como madeira de cupim para fazer tatuagem nos iniciados. Nesses momentos, todo final da semana é realizado a festa. Em quatro delas acontece a furação de orelha e a fabricação de fuligem. Começa também a tirada de wew (varas) para fazer tocha, para esquentar os meninos que vão fazer a tatuagem, isso é usado a noite inteira. Wew (varas) são tiradas três vezes, porque não é usada somente para esquentar os iniciados, são usadas em vários outros momentos (TAFFAREL,2010).

Chega a terceira fase da festa, e nesta parte a caçada para a festa do Rito de Passagem é também o momento de buscar os recursos para os artesanatos, então ela não é somente para caçar. Na oportunidade, são caçados tucanos para tirar pena vermelha e amarela do rabo, são tirados purumutxi (ponta para flecha), pĩlu (imbé para amarrar flecha), piengĩ (embira de embaúba para corda de arco), ototo (broto de tucum para fazer cesta), engnet (broto de buriti para fazer rede para usar na festa e remédios). Desse modo chega à semana esperada pelos caçadores. É realizada uma festa a noite inteira e, no dia seguinte, às 17h00min os homens da comunidade vão no mato para fazer bonecos de qualquer caça, animais, aves, entre outros e até de objetos que querem ganhar no final da festa. (TAFFAREL, 2010). Os pais incentivam seus filhos a participarem da festa de caçada (*Ungwo eremri*) para se tornarem bons caçadores. Somente os homens participam da festa da caça, as mulheres não participam, somente os caçadores participam, os que não vão à caçada também não participam. Antes de partirem para caçada o dono da festa (Wokyoro), apresenta o calendário marcando os lugares de descanso e acampamentos da caçada para membros da comunidade que ficam na aldeia, este calendário é feito fibra de buriti e tem nó que representa os dias que os caçadores vão ficar caçando no mato, desta forma a comunidade segue o calendário determinada pelos caçadores. As pessoas que permanecem na aldeia se preparam para festa, fazendo seus enfeites, suas máscaras e abrindo acampamento e caminho para chegada dos caçadores. (TAFFAREL,2010).

Chega ao final da festa e isto ocorre quando os caçadores retornam para aldeia, com bastante caça, a comunidade recebe os caçadores com uma grande festa (*akpĩnoptowo*) na qual todos participam, numa interação entre caçadores e as pessoas que os recebem e a festa dura a noite inteira.

No dia seguinte ocorre a festa (engkwapnoptowo) na qual as crianças passam por teste de resistência, assim sendo eles passam a noite inteira aos cuidados dos padrinhos, na qual devem permanecer o máximo possível em pé, e somente descansar quando realmente cansar, e quando cansam são carregados pelos padrinhos, sem parar até o dia clarear e os meninos serem devolvidos aos seus pais e as suas mães, que lavam os rostos dos filhos para serem tatuados logo pela manhã. (TAFFAREL, 2010). Durante o ritual os padrinhos recebem pagamentos das famílias das crianças, como retribuição de terem cuidados dos meninos anoite inteira.

Figura 20 - Festa akpĩnoptowo, recepção aos caçadores



Fonte:Kavisgo Txicão (2021)

Figura 21 - Caçadores no acampamento nas proximidades da aldeia



Fonte: Kavisgo Txicão (2021).

Figura 22 - Os padrinhos juntamente com seu afiliado.



Fonte: Kavisgo Txicão (2021).

Figura 23 - O momento de tatuagem da criança



Fonte: Kavisgo Txicão (2021)

Figura 24 - O menino Ikpeng tatuado



Fonte: Kavisgo Txicão (2021).

Para finalizar, a terceira parte do ritual da festa moyngo, acontece a festa YUMPUNO na qual os pais dos meninos danças o dia inteiro para festeja a tatuagem dos seus filhos, não somente os pais como os avos e tios participam desta festa que fecha o ritual de tatuagem.

Seis meses depois, ou depois de seis luas, o dono da festa ao perceber do crescimento do cabelo das crianças anuncia a cerimônia de cortar o cabelo das crianças denominada de (*pomeri wakotowo*), nesta festa os padrinhos cortam o cabelo das crianças e ensinam as crianças dançarem na festa, os padrinhos dão de presente todo o enfeite para seus afiliados enquanto os pais presenteiam os padrinhos dos seus filhos, a festa dura anoite inteira. (TAFFAREL,2010).

Desta forma corre o ritual de tatuagem do povo Ikpeng, na qual o tempo e de um ano de duração composta por quatro fases, e durante a festa se transmite sabres milenares sobre o respeito com recursos naturais, saberes sobre a religião a mitologia e a organização social da comunidade, durante o ritual e ensinado a importância de preservar os recursos naturais, e os cuidados com o meio ambiente.

Atualmente para conseguir realizar caçadas e preciso elaborar projetos para atender a demanda da festa, por se deslocarem para regiões distantes e necessários grande quantia de combustível, que geralmente são adquiridos através de organização não governamentais.

Na última festa de tatuagem que ocorreu entre os meses de setembro e dezembro de 2021, a comunidade Ikpeng precisou se deslocar para fora do Território Indígena do Xingu para pode realizar caçada para final da festa, os caçadores se acamparam na pousada de fazendeiros

com a ciência deles, e este local tem uma vasta área de proteção ambiental, onde se localizam várias espécies de animais e principalmente macaco aranha que é principal caça da festa.

Sem matéria prima para confeccionar artefatos para serem usadas na festa a comunidade recorre das coisas industrializadas, e isso desvaloriza os artefatos da cultura Ikpeng, por exemplo no lugar de rede tradicional se usa redes não indígenas, no lugar de peneira tradicional se usa peneira da cidade. No passado os filhos de grandes caçadores, de artesão que eram considerados as principais crianças a serem tatuadas, porém hoje é diferente, são os filhos dos assalariados que são mais procurados pelos padrinhos, para que eles possam ganhar coisas dos indígenas entregues pelos pais das crianças. Desta forma chega a uma conclusão de que o mundo do capitalismo, já está dominando a sociedade Ikpeng, não somente a mudança no tempo que interfere nas práticas culturais do povo Ikpeng, a forte inclusão do capitalismo e um fator preocupante na sociedade Ikpeng.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao estudar a temática **HABITAR E SER HABITADO NA TERRA INDÍGENA DO XINGU: a interferência nas práticas culturais do povo Ikpeng**, chegamos à algumas considerações sobre as mudanças climáticas e seus impactos nas práticas culturais do povo Ikpeng e sua organização social.

A pesquisa proporcionou entender que houve trocas forçadas nas práticas culturais, principalmente nas questões dos rituais e de produção de alimentos, do cuidado com o fogo nas queimadas das roças que causaram quebra de regras milenares.

Permitiu identificar quais ações humanas foram fundamentais na alteração do clima da região, isto é, o desmatamento em torno do Território e as queimadas descontroladas que ocorrem dentro do Xingu.

Considero que este estudo permitiu entender melhor como o povo Ikpeng se orientava através de indícios da natureza, quais árvores, quais animais e insetos são os principais indicadores de atividades comunitária no conhecimento Ikpeng. Além disso, proporcionou identificar quais indícios da natureza que sofreram maiores alterações na região e analisar melhor como era e como está atualmente os marcadores de tempo Ikpeng.

Permitiu registrar como a comunidade se orientava no tempo e espaço antes do contato com a sociedade envolvente.

Durante a realização da pesquisa pude entender que a questão do território é outro fator que interfere nas práticas culturais, pois atualmente as terras indígenas são muito pequenas para muitas culturas que habitam o Xingu, que isso interfere na dinâmica de locomoção dos povos dentro do território.

Pude entender melhor que o desenvolvimento sustentável é a única arma para frear o aquecimento global e garantir uma melhor condição de vida para nós e as gerações futuras.

Espero que este trabalho possa ser uma arma de defesa, demonstrando para a sociedade que a natureza tem um papel fundamental para manutenção de culturas e da vida de todos. Que dela dependemos para nos manter vivo, que sem a água, sem floresta e sem o solo fértil, não há vida, não há uma cultura, ela é a base de tudo.

Esperamos muitas destas constatações possam servir de material pedagógicos não só para o Ikpeng, mas para todo o território xinguanos, bem como para sociedade envolvente sobre a importância de construção de uma relação mais harmônica com a natureza para o bem-estar de toda humanidade.

CONSULTORES NATIVOS

TAFFAREL Korotowi. **O que mudou no tempo hoje, epistemologia Ikpeng.** TI do Xingu. Aldeia Arayo do povo Ikpeng 2020.

TXICÃO Yakuma. **Como era a fartura de peixe no passado.** T.I do Xingu. Aldeia Moygu do povo Ikpeng, 2020.

TXICÃO Mogori. A pesca e a caça e concepção Ikpeng. T.I do Xingu. Aldeia Arayo do povo Ikpeng, 2020.

IKPENG Oyope. O Itinerário Ikpeng, e as percepções de marcadores de tempo. T.I do Xingu. Aldeia Kurure do povo Ikpeng, 2020.

IKPENG Kampot. **Os marcadores de tempo IKPENG.** Epistemologia Ikpeng Aldeia Moygu do povo Ikpeng, 2020.

IKPENG Mate Pareajup. **As percepções dos jovens sobre as mudanças no tempo.** T.I do Xingu. Aldeia Arayo do povo Ikpeng, 2022.

WAURA Kayanalú. **As produções de roças.** T.I do Xingu. Posto Pavuru do povo Ikpeng, 2021

REFERENCIAS

BANIWA, Luciano dos Santos Gersem. **O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje**, Coleção educação para todos, Brasília, novembro de 2006. Edições MEC/Unesco.

BONATTI, M.; D'AGOSTINI, L. R.; PLENCOVICH, M. C.; SCHLINDWEIN, S. L.; FANTINI, A. C.; MARTINS, S. R.; VASCONCELOS, A. C. F.; HOFFMANN, A. F. Mudanças climáticas e percepções de atores sociais no meio rural. Revista GEOSUL. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, Santa Catarina. 2010. (No prelo).

BELLEN Van Michael Hans. Desenvolvimento sustentável: uma descrição das principais ferramentas de avaliação Artigos • Ambient. soc. 7 (1) • Jun 2004 <https://doi.org/10.1590/S1414-753X2004000100005>.

BENSUSAN Nurit, **Biodiversidade, a nossa única opção**. Instituto socioambiental. Disponível em: [http:// www.socioambiental.org](http://www.socioambiental.org). Acesso em 01/02/2021

BESSA, Juliana. **Povos indígenas são essenciais para preservação global** - REDEPARÁ, 18/09/2020. Disponível em: <https://redepara.com.br/Noticia/215634/povos-indigenas-sao-essenciais-para-preservacao-global>. Acesso em 25/08/2021

CIMI Conselho Indigenista Missionária. Mudanças climáticas: um grande desafio para os povos indígenas / Por Marina Oliveira, da assessoria de comunicação do CIMI, 06/11/2021. Disponível em: <https://cimi.org.br/2021/11/mudancas-climaticas-um-grande-desafio-para-os-povos-indigenas/>. Acesso em 23/02/ 2022

CORREIA, Mari. **Filme: Para onde foram as andorinhas?** Instituto socioambiental e instituto Catitu. Disponível em: [http:// www.socioambiental.org](http://www.socioambiental.org). Acesso em 01/02/2021.

COIAB. Centro Amazônico de Formação Indígena (CAFI) **MUDANÇAS CLIMÁTICAS E POVOS INDÍGENAS**. Alunos 2009.

CUNHA, Brenda et al (Org). **Saberes ambientais, sustentabilidade e olhar jurídico** [recurso eletrônico]: visitando a obra de Enrique Leff / organizadores Belinda Pereira da Cunha ... [et al.]. – Caxias do Sul, RS : Educs, 2015.

DIEGUES, Carlos Antônio; VIEIRA, Sergio Rinaldo; CAPEZZUTO, Viviane Arruda; FRANCISCA, Silva da Ferreira; FIGOLS, Barboza Ainda; ANDRADE, Daniela. **Biodiversidades e comunidades tradicionais no Brasil**. São Paulo maio de 1999, NUPAUB-USP, PROBIO – MMA, CNPq.

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO; DIRETORIA DE PROTEÇÃO TERRITORIAL; COORDENAÇÃO GERAL DE MONITORAMENTO TERRITORIAL; GTZ. (Orgs.). **Diálogos interculturais – Povos indígenas, mudanças climáticas e REDD**. Brasília: FUNAI – GTZ, 2010. 28p

GAVIÃO Kavtere Enildo, GAVIÃO Eronice, GAVIÃO Káv sona Iran, GAVIÃO Claudinei, GAVIÃO Edemilson, GAVIÃO Márcio, GAVIÃO Palahv José, BARCELLOS Maria. **Nós, Ikólóéhj Gavião : nossa terra e as mudanças climáticas.** 2019.

GOLDENBERG Mirian. **A arte de pesquisar, como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais** 8 a EDIÇÃO EDITOR A RECORD RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO 2004

Horta Amanda. **Oegman Menen Vê o seu caminho. Apontamentos sobre a vida e as mortes das mulheres Ikpeng.** / Amanda Horta. – Brasília: Gráfica movimento 2020.

ISA, Instituto Socioambiental. Almanaque Socioambiental Parque Indígena do Xingu 50 anos. São Paulo, junho de 201.

IKPENG Otumaka Oreme SÁ Dannyel. **VALORIZAÇÃO DO CULTIVO DE ROÇAS E SUAS REGRAS PARA O POVO IKPENG**, Tema Gerador 7 Conservação e Manejo da Sociobiodiversidade e Direitos dos Agricultores e Povos e Comunidades Tradicionais; 2018

IKPENG Mawo casa de cultura. Disponível em: www.ikpeng.org/quem_somos/mudanca.php. Acesso em 5 de setembro 2020.

IDIORIÊ Maria Severiá. **Mudanças climáticas e a percepção indígena.** OPERAÇÃO AMAZÔNIA NATIVA – OPAN Mato Grosso. Brasil. 2015.

JUNIOR Casal Marcello, **Mudanças climáticas comprometem modo de vida de povos indígenas**, Agência Brasil: Disponível em: <https://exame.com/brasil/mudancas-climaticas-comprometem-modo-de-vida-de-povos-indigenas/>. Acesso em 08/01/2021

KRENAK Ailton, **Mudanças climáticas e a percepção indígena.** OPERAÇÃO AMAZÔNIA NATIVA – OPAN Mato Grosso. Brasil. 2015.

LEFF Enrique. **Complexidade, Racionalidade Ambiental e Diálogos de Saberes.** EDUCAÇÃO E REALIDADE set/dez 2009

LEFF Enrique. **SABER AMBIENTAL** Sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder / Enrique Leff; tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth – Petrópolis RJ: Vozes, 2001.

Os saberes ambientais, sustentabilidade e olhar jurídico [recurso eletrônico] : visitando a obra de Enrique Leff / organizadores Belinda Pereira da Cunha ... [et al.]. – Caxias do Sul, RS : Educs, 2015.

MENEGET, P.; TRONCARELI, M. C. **Povos Indígenas no Brasil.** 1975. Disponível em: pib.socioambiental.org/pt/povo/Ikpeng/607. Acesso em 02/10/2020.

MUNDURUKU Marcelo Manhuari, **Mudanças climáticas e a percepção indígena.** OPERAÇÃO AMAZÔNIA NATIVA – OPAN Mato Grosso. Brasil. 2015.

NASCIMENTO Rossi Do Kaline. **PERCEPÇÃO DE INDÍGENAS YAWANAWÁ SOBRE MUDANÇAS AMBIENTAIS NO ACRE**; Monografia apresentada ao curso de Especialização em Gestão Florestal, do Setor de Ciências Agrárias, Departamento de Economia Rural e Extensão, da Universidade Federal do Paraná, como parte das exigências para a obtenção do título de Especialista em Gestão Florestal. 2013

PIMENTA José. **DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E POVOS INDÍGENAS: OS PARADOXOS DE UM EXEMPLO AMAZÔNICO**. Universidade Federal da Bahia (UFBA) Anuário Antropológico/2002-2003 Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004: 115-150

OVIDO Antonio, **Quantas destruição uma pessoa consegue causar na Amazônia**. Instituto socioambiental. Disponível em: [http:// www.socioambiental.org](http://www.socioambiental.org). Acesso em 03/02/2021.

ONU. Transformando Nosso Mundo: a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável 9 2006)

Revista Exame. **Mudanças climáticas comprometem modo de vida de povos indígenas**; Por Agência Brasil Publicado em 19/04/2017 14:59. Disponível em: [Mudanças climáticas comprometem modo de vida de povos indígenas | Exame](#). Acesso em 20/02/202

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de APRENDER A LER O TEMPO: UMA HISTÓRIA SOBRE O ENSINO DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS E A PERCEPÇÃO DA NATUREZA. Cadernos **CEDES** [online]. 2020, v. 40, n. 112 [Acessado 30 agosto 2021], pp. 255-265. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/CC238424>>. Epub 16 Out 2020. ISSN 1678-7110. <https://doi.org/10.1590/CC238424>.

SEVERINO-FILHO, J. (2010). **Marcadores de Tempo Indígenas**: educação ambiental e etnomatemática. Cáceres: UNEMAT. Dissertação de Mestrado em Ciências Ambientais. Cáceres: Universidade do Estado de Mato Grosso. Retirado em 23 de setembro, 2021, de: <http://www.unemat.br/prppg/ppgca/teses/2010/06.pdf>

SEVERINO-FILHO, J. (2015). **Marcadores de Tempo Apyãwa**: a solidariedade entre os povos e o ambiente que habitam. Tese de doutorado em Educação Matemática. Rio Claro: Universidade Estadual Paulista. Retirado em 27 de setembro, 2021, de: <http://hdl.handle.net/11449/134038>.

VILLAS BOAS, André et al (org.). **Xingu histórias dos produtos da floresta**. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2017.

ZANCHETTA Inês. **Para onde foram as andorinhas é lançado na Internet**. Instituto socioambiental. Disponível em: <https://www.socioambiental.org/pt-br/noticias-socioambientais/>. Acesso em 28/01/2021.

Peirano, Mariza P377. **A favor da etnografia** / Mariza Peirano. — Rio de Janeiro : Relume-Dumaré, 1995.

PAULO Renda Anderson Carlos Mergulhão Júnior Moacy José Stoffes Júnior Cléver Reis STEIN, Cléver Reis, RENDA, Paulo, MERGULHÃO JUNIOR, Carlos, STOFFES JUNIOR. **Simulação do Efeito Estufa, da intensificação do Efeito Estufa pela presença de CO₂ e do impacto da mudança da cobertura da Terra na temperatura média do meio utilizando.** Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9126-RBEF-2020-0355> acesso 9/12/2022.

MINAYO, Maria C. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

GADOTT, Moacir. A terra é a casa do homem. In: **Revista Educação.** São Paulo: Segmento, abril 1999.

SCHMIDT Vinícius C. Marcus., Ikpeng Ullillo Yakuna, Kayabi Tariaiup, Sanches Alvim Rosely, Yukari Ono Katia e Adams Cristina and . **Conhecimento Indígena e Manejo da Sucessão Florestal na Amazônia brasileira: Contribuições para o Reflorestamento de Áreas Degradadas.** Disponível em: https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/ffgc.2021.605925/full?&utm_source=Email_to_authors_&utm_medium=Email&utm_content=T1_11.5e1_a_uthor&utm_campaign=Email_publication&field=&journalName=Frontiers_in_Forests_and_Global_Change&id=605925. Acesso em, 22/03/2022.

SCHORR, Janaína Soares, ROGERIO, Marcele Scapin, CENCI, Daniel Rubens. **CRISE AMBIENTAL E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: POSTULADOS DE ENRIQUE LEFF. XVII Seminário Internacional de EDUCAÇÃO NO MERCULSUL.**

TAFFAREL Korotowi, **Ritual da tatuagem: educação ambiental e prática cultural entre os Ikpeng** Dissertação Mestrado, UNEMAT Cáceres Mato Grosso 2010. Disponível em: <http://www.unemat.br/prppg/ppgca/teses/2010/07.pdf>. Acesso em 10 de agosto de 2020.

THEREZA Cristina Cardoso Menezes e ANA Carla dos Santos Bruno. **Mudanças climáticas: efeito sociais sobre povos e comunidades tradicionais da Amazonia (Climate change: social effects on people and traditional communities in the Amazon).** Novos cadernos NAEA v.20.n 3 p. 50-80, set – dez 2017.

TRONCARELLI Maria Cristina. **Projeto Yrykum/Itaenyfuk: Urucum/Pedra Brilhante 11 anos de formação de professores indígenas do Território Indígena do Xingu 1994 a 2005;** 2022.

TXICÃO Kavisgo. **A PESCA DOS IKPENG COM CIPÓ TIMBÓ-AÇU (SAPINDÁCEA): ASPECTOS DA CULTURA E DA CIÊNCIA NA RELAÇÃO COM O MEIO AMBIENTE.** Trabalho de conclusão de curso, pela UNEMAT, 2016.



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
CAMPUS UNIV. DEP. EST. "RENÊ BARBOUR"
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO
EM
CONTEXTO INDÍGENA INTERCULTURAL - PPGECH**



KAVISGO TXICÃO

VIVER NO XINGU:

**CUIDAR PARA HABITAR E HABITAR PARA CUIDAR
XINGU RO ITOWO: AWITXING UGWETXIT AWÏTKETPOT**



**BARRA DO BUGRES – MATO GROSSO
OUTUBRO/2022**

KAVISGO TXICÃO

XINGU RO ITOWO: AWITXING UGWETXIT AWÏTKETPOT VIVER NO XINGU: CUIDAR PARA HABITAR E HABITAR PARA CUIDAR

Produto Pedagógico apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino em Contexto Indígena Intercultural - PPGECEI da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino em Contexto Indígena Intercultural.

Área de concentração:

Orientador: Prof. Raimundo França

BARRA DO BUGRES – MATO GROSSO
OUTUBRO/2022

FICHA CATALOGRÁFICA

Walte Clayton de Oliveira CRB 1/2049

TXICÃO, Kavisgo.

T111v

Viver no Xingu: Cuidar para Habitar e Habitar para Cuidar. Xingu Ro Itowo: Awïtxing Ugwetxit Awïtketpot/ Kavisgo Txicão – Barra do Bugres, 2022.

68 f.; 30 cm. (ilustrações) II. colo. (sim)

Trabalho de Conclusão de Curso

(Dissertação/Mestrado) – Curso de Pós-graduação Strictu Sensu (Mestrado Profissional) Mestrado Profissional em Ensino em Contexto Indígena Intercultural, Faculdade Intercultural Indígena, Câmpus Barra do Bugres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2022.

Orientador: Raimundo Nonato Cunha de França

1. Meio Ambiente. 2. Educação Ambiental. 3. Povo Indígena. I. Kavisgo Txicão. II. Viver no Xingu: Cuidar para Habitar e Habitar para cuidar. Xingu Ro Itowo: Awïtxing Ugwetxit Awïtketpot

CDU 504:39

KAVISGO TXICÃO**HABITAR E SER HABITADO NA TERRA INDÍGENA DO XINGU:**
as alterações ambientais e suas interferências nas práticas culturais do Povo Ikpeng

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino em Contexto Indígena Intercultural - PPGECH da Universidade do Estado de Mato Grosso CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO, Campus. Univ. Dep. Est. “Renê Barbours” – Barra do Bugres – MT, como requisito Obrigatório para obtenção do título de Mestre em Ensino em Contexto Indígena Intercultural.

Aprovado em: 25 de agosto de 2022.

BANCA AVALIADORA

Raimundo N. C de França
Orientador

Documento assinado digitalmente
RAIMUNDO NONATO CUNHA DE FRANCA
Data: 30/01/2023 15:22:33-0300
Verifique em <https://verificador.itl.br>

Leonardo Barros Soares
Examinador externo

Documento assinado digitalmente
LEONARDO BARROS SOARES
Data: 31/01/2023 18:35:04-0300
Verifique em <https://verificador.itl.br>

Adailton Alves da Silva
Examinador Interno

Documento assinado digitalmente
ADAILTON ALVES DA SILVA
Data: 16/02/2023 15:06:36-0300
Verifique em <https://verificador.itl.br>

João Severino Filho
Suplente

Documento assinado digitalmente
JOÃO SEVERINO FILHO
Data: 16/02/2023 23:22:53-0300
Verifique em <https://verificador.itl.br>

AGRADECIMENTOS

Piringop nole agradecer iġet marangmotxingo torempangetkeramo Ensino médio wok orempanangmowa keni ningkîn, ganomeritpotke nelogon mamingo enaptitpoto, egemetkeritpotke yay awitxing awitketpot, lixo kitpîpne awitketpot, otit ilon torempangetkeramo nenpatatketpîn ruma neyam txitxilik keni nelogon maningo wongno.

Agradecer iġet ilon iwari ningkîn ugwempangetkeni ningkîn, agradecer iġet Korotowi Taffarel ganometpotke nelgon livro enpatoworo.

Agradecer iġet ilon imrangmo, imuye keni wamlogon pot ruman yenamtitkewa uro korempagetketpot.

Agradecer iġet ilon iroyimî, iroye, imanopyam, inawam, ironingkîn keni ompan iwanonpam.

AGRADECIMENTOS

Quero aqui agradecer os alunos do Ensino Médio da Escola Ikpeng, que foram autores deste trabalho, pois os mesmos que produziram desenhos e textos,

Agradecer os os colegas professores e diretoria da escola IKPENG por apoio incondicional, no fornecimentos dos material pedagogicos para conclusão do trabalho.

Agradecer professor Korotowi Taffarel que foi responsável pela correção da língua materna.

Um agradeciemento especial ao meu orientador professor Raimundo França pelas orientações e pelo empenho dedicado neste tralho.

Agradecer aos meus familiares, meus pais meus irmão e irmãs e familia como tudo, por sempre estarem apoiando me nos meus projetos pessoais e proficionais.

Agradece meus amores minhas filhas, meu filho e minha querida esposa por estarem sempre ao meu lado neste caminhar pedagógico. Agradecer novamente a minha esposa por apoia me nas finalizações de ilustrações de desenhos em fim, o meu muito obrigado a todos envolvidos neste projeto.

IRAMPOTPOT

Nelogon mamingo irampot awitxing irwa awitketpot, kitpipne onmogotu awitketpot, arato na man igemni karakempenenole itowom wirwan ugwetxit keni. Kurangkot, kutximati, keni wok wanoptongetket nelogon maningo. Otit ilon marangmotxingomopnole enengetkeritpom torepagetkaramo wirwam awitxing awitketpot. Torempagetkeramo Ensino Médio keni wat togemerem nen nelogon mamningo.

Mira - miri: Irwa, irwa awitxing awitketpot, indigena ningkin.

RESUMO

O presente produto pedagógico aborda a importância da preservação do meio ambiente para a população indígena, sugere e mostra as práticas de cuidados com o lixo e desmatamento e poluição, e o que devem ser feitas para minimizar os impactos ambientais locais e regionais, desta forma contribuindo para uma educação ambientais nas escolas indígenas, o presente livro foi produzindo juntamente com alunos do Ensino Médio da Escola Estadual Indígena Central Ikpeng.

Palavras-chave: (Meio Ambiente, Educação ambiental, povo Indígena).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. ARATO KURAWĪTKET AWĪTXING IRWA?	9
2. ATXI	10
3. AWĪTXING ATXI AWĪTKETPOT	11
4. LIXO UGETXITO	12
5. AWĪTXING LIXO AWĪTKETPOT	18
6. IRWA ANGKOTOWO	24
7. IRWA AWĪTXING AWĪTPOT	27
7. IRWA AWĪTXING AWĪTKETPOT	29
8. WĪKAWON EWĪGRĪN ITOWO	31
9. AWĪTXING WĪKAWONG AWĪTKETPOT	34
VERSÃO DO LIVRO NA LÍNGUA PORTUGUESA	36
2. O FOGO	37
3. OS CUIDADOS COM O FOGO	38
4. LIXO E MEIO AMBIENTE	39
5. CUIDADOS COM O LIXO	45
6. DESMATAMENTO	51
7. SOLUÇÕES CONTRA DESMATAMENTO	54
8. POLUIÇÃO DO AR	58
9. OS CUIDADOS COM POLUIÇÃO DO AR	61
SUGESTÕES DE AULAS	63
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	66
AUTORES	67

INTRODUÇÃO

Este produto pedagógico e de cunho orientativo, procurando demonstrar os cuidados com o meio ambiente, através de orientações focadas na preservação ambiental, abordando sobre queimadas, os desmatamentos, o descarte irregular de lixo, queima de combustível fósseis, por meio de equipamentos movidos a gasolina e óleo, que podem poluir o meio ambiente. Orientar como devemos lidar com estes problemas para poder minimizar os impactos ambientais locais e garantir um ambiente saudável para nossa geração e as gerações futuras.

O material pedagógico foi produzido juntamente com os alunos de 1º ano, 2º ano e 3º ano de ensino médio regular, turma 2022, da ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA CENTRAL IKPENG. Os trabalhos ocorreram durante aulas do 1º semestre, na qual foram abordados os seguintes temas.

Espera-se que esta obra possa ser um produto orientativo para que possamos refletir sobre nossas ações referente ao meio ambiente. O principal objetivo deste trabalho é que possa ser utilizado pedagogicamente na escola, para que os professores mostrem o caminho da preservação ambiental para nossas crianças e jovens e que estes sejam agentes multiplicadores destas ações. Esperamos que sirva como objeto de difusão de nossa cultura para as demais culturas, indígenas ou não.

Boa leitura!

1. ARATO KURAWİTKET AWİTXING IRWA?

Irwa karake itowo

Tximna lkpeng, irwa tximna, aratonaman igemni, yay tximna itatkeli erangron, ketpotke irwa tximna, tximna kenangman. Irwa ge tanot neyam tximna origun, tximna erotketpot, tximna yinkitketpot. Tximna napli, tximna wugri, tximna mirakgri, neyam irwako, tximna umi, neyam ga gwako. Ketpotke awitxing kurawitkeman irwa, awitxin kurawitket man ga, awitxing kurawitket man irwa imi, ga imi.

(Texto coletivo, alunos 3º ano ensino médio, 2022)

Yay ewinpın

Iromporup, arangkotup yay ewinpın, awet ga ewinpın, atxatowa etxi, irompot yay imi. Awetkewa nole ga, irompowa nole yay ewinpın pirigopnole ompan irumut tenpanongmo, arato na man igemni, yay wok, ga wot, ungwo wok ugwo, mantan igip nelon kurawitkenang man.

(texto coletivo alunos 2º ano ensino médio 2022).

Oworip maramit

Manmiget tine migerup ompan yay, iwı, rengmung, mawıtıne migerup, rik aramigap oworip, amrangmo ina, apyam ina, araru ketkerit ompan manmigerup yay, ompan mawirup orong. Ketpotke awitxing kurawitket man ugwetxit.

(Texto coletivo alunos 1º ano ensino médio 2022).

2. ATXI

YUKUTPOT 1 - Atxi karakewa itowo



Egemeni. Parikutu Tapakari Ikpeng e Makawa Ikpeng. Torempangetkeramo IKPENG (2022).

Atxi

Karakewa nem atxi irwa ña, ungwo, taworamo, tipuramo ña, arato na man igemni, atxatpaptup atxi ompan iwumut yay, ungwo, tawintamo ukpugri.

Ompan irwa warakono irumutpot

Ayngkurup irwa atxi, tiwowanke etxi iwemuku, arato na man igemni, ompan yarutket owro napli, tawintamo, worik napli.

Atxi iwumut ugwo.

Karakepra nem atxi, aratona man igemni ompan iwumut ungwo tipuramo, taworamo, awenoptxi ga, man nen atxi. Otit ilon kalo warako etxi irwa, ikgring etxi, igunet kun txitxi irwa winpe kerup.

3. AWĪTXING ATXI AWĪTKETPOT

Ara miġet mīmatīlingno irwa

Kutximatī atxi irwakpomtam, arato na man ġemni, ompan yumnelī ungno irwa, ketpotke atxatpaptxan atxi tīwutewa. Ketpotke okepne mingpomet atxi, akampīrī, okepne kun impot kerup minot, kurotene agaktape nole.

YUKUTPOT 2 -Tukto imatītpot



Egemeni: Makawa Pikenī Ikpeng (2022).

Okpi mīmatīrup pīringop nole mawenket etpako, ketpotke etxan atxi atxatpapīnpe irwakpomtaksi, tawengket itowoge etpako tuklongne otetxan.

Irwam mīmatīrup akampīrī

Akampīrī mīmatīrup irwam, okepkun mingpomet akampīrī, okepkun mankit ga atxi wongna, arato na man ġemni kurotene irwa agaktape nole.

4. LIXO UGETXITO

YUKUTPOT 3 - Onmogotu lixo ugwetxitono



Egemeni: Rokopi Ikpeng, Konenpo.T. Ikpeng, Makurawa Ikpeng e Makawa Pikenı Ikpeng, Torempangetkeramo IKPENG (2022).

Onmogotu lixo alukutkewa kenangpa tupi ningkin keni winpe itatkeli ugwetxito erangron, onmogotu lixo ipe itatkeli matan aramne talukutkerem itatkelan, tariwe mompi, wilamogoktu, yay mompi, yay wili pitu man itatkeli, man neyam man gwongmogotun. Imenelogon kuranepnang man tupi etxitonotpop onmogortu lixo aremne alukuwa keni, plásticos, óleos, baterias, poyngo keni, neyanglogonke kurakimenang man ugwetxit, wirwan, ukpugi, ugugwi ga.

YUKUTPOT 4 - Lixo karakewra itowo



Egemeni: Tamani. T. Ikpeng, Amtamĩ Ikpeng e Makurawa. Y. Ikpeng. Torempangetkeramo IKPENG (2022).

Karakepra neyam onmogotu lixo irwa ña, igru, terengkeni, igweng, ungwo wot ña. Karakepra ñlon nem wĩna, arato na man ñgemñĩ, wayngkut wawuru onmogptu lixo ge, iwumui ungwo, wot, iwumut orong man nen man tupi onmogotun tupi etxitono: baterias, óleo ewrĩtpĩn, ferro etpĩn, ukpugĩ imaretpĩn man neyam onmogotu lixo kuranepnangpa tupi etxitonotpop keni.

YUKUTPOT 5 - Óleo karakepra itowo



Egemeni: Payekami. W. Ikpeng, Payekange.L. Paeagu Ikpeng e Makawa Pikení Ikpeng. Torempangetkeramo IKPENG (2022).

Karakepra nem óleo ewrípín, óleo yarutpín keni, arato na man ìgemní, arankirup, mankirup ga gwaktxi alukut man ìgemní, mìnane atxatpaptxi gagwako, orongpongna mankirup aluluwa ìlon etxi, ketpoke nem karakepra óleo. Otít ìlon irumut ungwo, wotxiput, wot óleo ge.

YUKUTPOT 6 - Tupi napli kawo ewigin tengkeni



Egemeni: Imamon. K. Txicaõ, Makurawa. Y. Ikpeng e Pirete. T. Ikpeng. Torempangetkeramo IKPENG (2022).

Trator, motor, motos, gerador keni karakepra neyam, neyamlogon tupi napli, karake nem wina, matan wiyrgan ina, wikawon ina muyam man karakepra, arato na man igemni, gasolina, óleo diesel keni ge tototket neyam, erotketpoto anmet man yumtxigu kawo waraktxi, gás de feito estufa kenangpa tupi ningkin keni.

YUKUTPOT 7 - Karakepra baterias, pilhas keni itowo



Egemeni: Makotĩ Ikpeng e Tauyari Ikpeng, Torempangetkeramo IKPENG (2022).

Karakepra neyam baterias e pilhas keni etp̄in, arato na man ĩgemnĩ waw̄ipot arawuru ĩna, ew̄igr̄ing tem orong, ga, erenm̄it ungwo, wot man nem man. Amtxipene kuranmenang man bateria, pilhas keni ketpotke ew̄igr̄ing tenang man ugwetxit.

YUKUTPOT 8 -Vidros, plásticos, borrachas, latas, poyngo etpîn keni.



Egemeni: Tauyari Ikpeng. Torempangetkerem IKPENG (2022).

Xingu gwam plásticos, borrachas, latas de alumínio, poyngo etpîn keni lixo nen iting wïmapo, arato na man igemni neyamlogon ke tinawingke ugwo, neyamlogon kuranepnang man tupi etxitonotpot. Kalo amtxipene kuranmenang man plásticos, borrachas, latas, poyngo etpîn keni irwaktxi, ga gwaktxi ketpotke tenang man wïrwan karakepra, iwïgring.

5. AWİTXING LIXO AWİTKETPOT

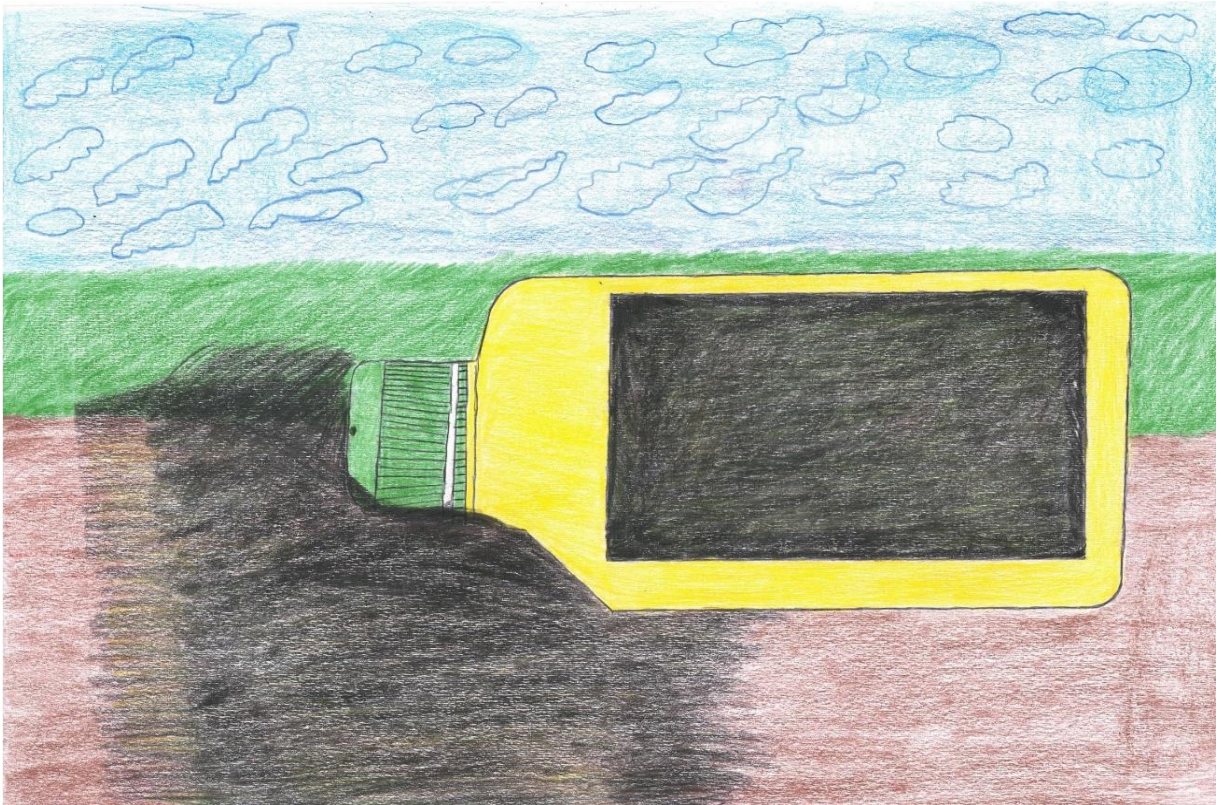
YUKUTPOT 9 - Óleo ewrîtpîn



Egemeni: Poyekange Paragu L. Ikpeng, Payekami. W. Ikpeng e Makawa Pikení Ikepeng. torempangetkeramo IKPENG (2022).

Ewyatup óleo, ompan menmîrup, kuranme ewrîpîn irwaktxi, gagwaktxi, ga elan pok kutxinom, karakewa nem man irwa, ga ïna alukuwa itowoge. Ewyatxi óleo lixo waraktxi momompot ewrîtpîn, kerup matxan tupi etxitaktxi nole, kalo naplîngo egemerîtpom óleo ewrîtpîn ke.

YUKUTPOT 10 - Óleo queimado yarutpîn



Egemeni: Takarayup Kaiabi e Anaga Txicão. Torempangetkeramo IKPENG (2022).

Karakepra nen óleo yarutpîn arato na man ïgemnï, ïwumut wok, yay ugwo, ga keni, otït ïlon alukuwa nen iwongne atxatpaptxi. Ketpotke metxan mangkiwa amtxipene, kïtpipne mokpet,tupi etxitaktxi nole mantxi, motosserra, motos keni wok ïlon mankit.

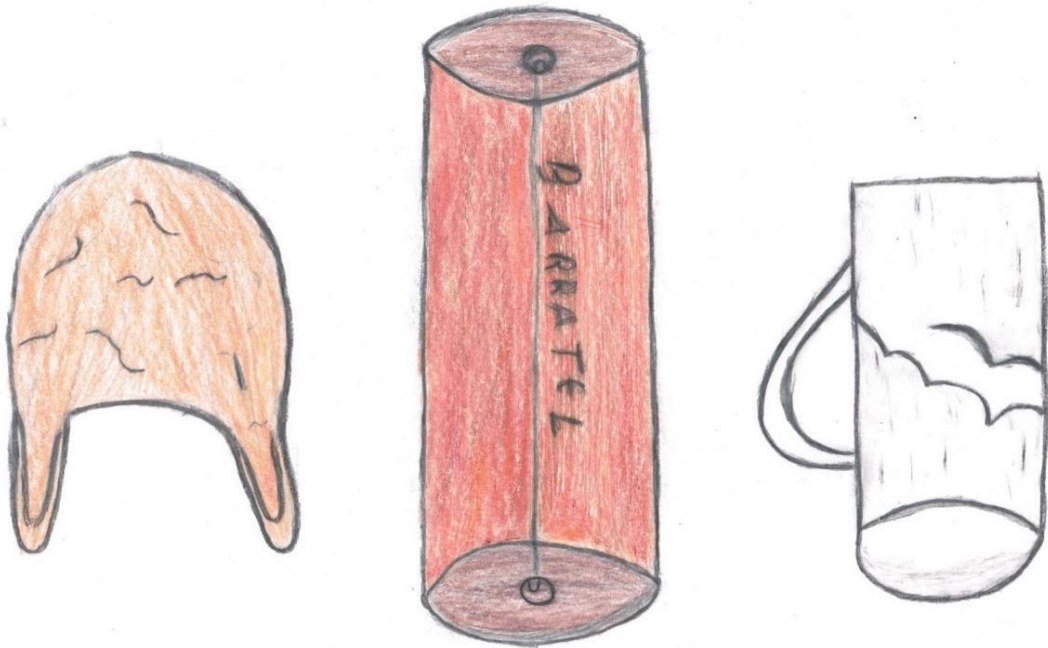
YUKUTPOT 11. Baterias e pilhas irumutpîn



Egemeni: Nongkiru. L. Txicão e Juporima. T. Ikpeng. Torempangetkaramo IKPENG (2022).

Omongne meneng pilha, baterias irompotpot, kitpinne mokpet, arepne marantxi tupi etxitaktxi, kitpinne anmeritpom, otit ilon lixo ewri waraktxi kutxeng etkewa ektet karakewa mun ekterup, wawipot arawuru ina.

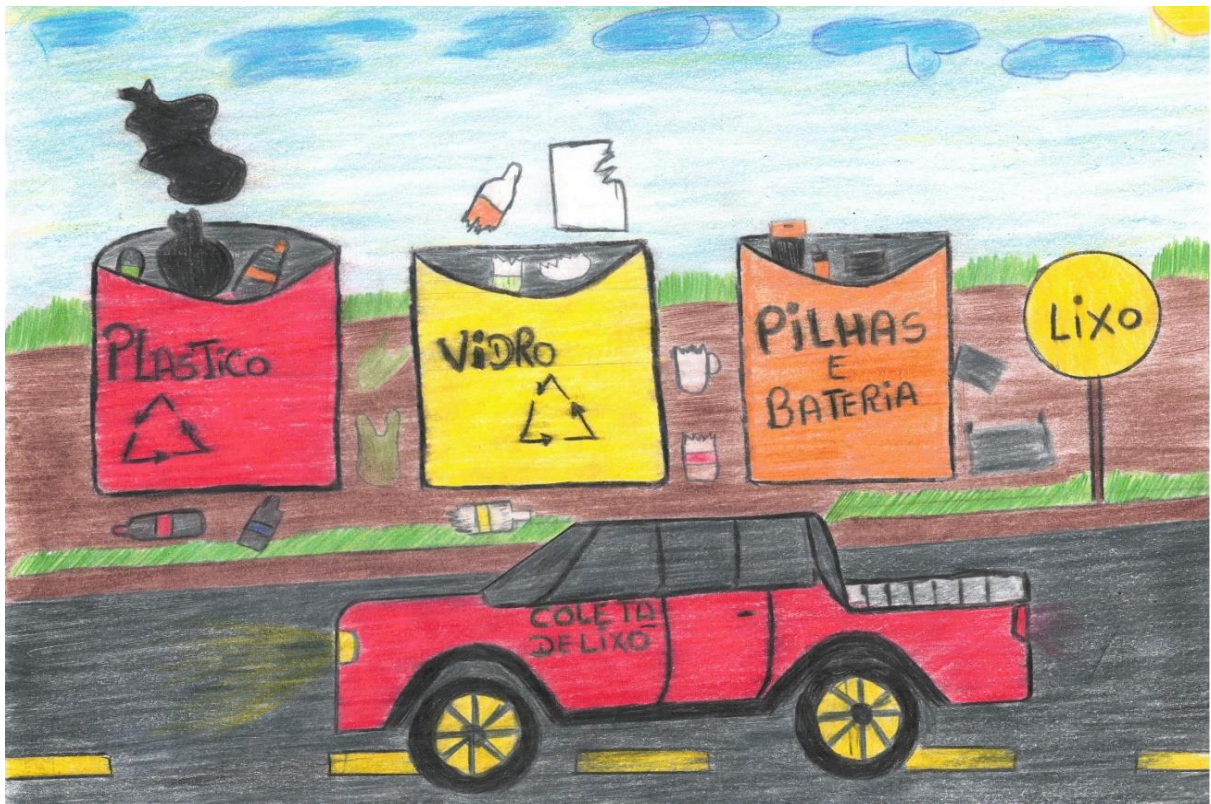
YUKUTPOT 12 - Kitpipne plástico awitketpot



Egemeni: Yaraup.F. Awa, Aposa. K. Ikpeng e Rokopi Ikpeng Torempangetkeramo IKPENG (2022).

Itiing nen plásticos gwetxito, poryan ewritpín, naplínko ewritpín, marangmotxingmo mangku iriktetketpín man, amtxipene kuratmetpotke. Imenelogan kitpipne mokpet plásticos, tupi etxitataktxi nole mantowop, kalongmo naplínkopne egemeritpom.

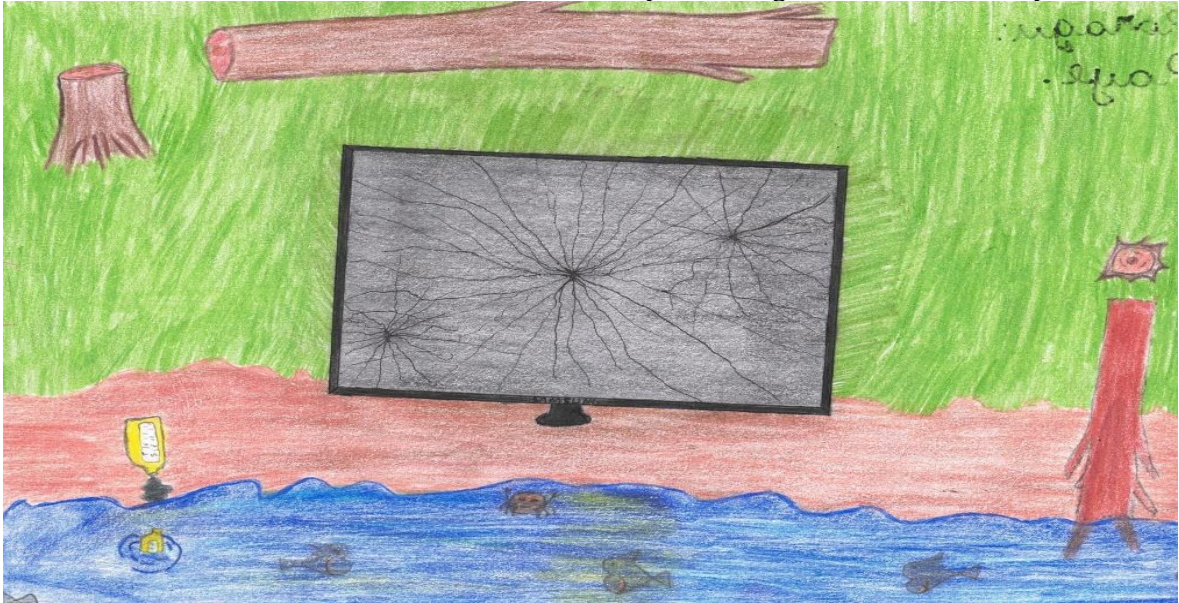
YUKUTPOT 13 - Alumínio, vidros, ferros keni atmetpot.



Egemeni: Pirete Ikpeng Torempangetkerem IKPENG (2022).

Epkewa talukut neyam alumínio, vidros, ferro keni, otit etxi epkewa pikpik man alukut man igemni munto nole man etxi. Ketpotke, tupi etxitaktxi nole motpotxi neyam logon onmogotu lixo, timongmo egemetkerit man kalongmop winaplip.

YUKUTPOT 14 - Celular, TV, computadores, gravadores keni iriktetpîn



Egemeni: Payekami Waura Ikpeng. Torempangetkeramo IKPENG (2022).

Kitpipne kun mokpet celular, TV, computador, gravadores iriktetpîn, amtxipene kuranme, bateria îpe mun iwarap, kalongmo naplîngo karakepra keni îpe mun iwarap. Tupi etxitaktxi nole mantxi, manmetpot.

6. IRWA ANGKOTOWO

YUKUTPOT 15 - Irwa angkotowo ugwetxito



Egemeni: Pirete Ikpeng Torempangetkerem IKPENG (2022).

Karakepra nen irwa angkotowo, arato na man igemni ompan irumut yay, awet ga, alukut ungwo tipuramo, taworamo keni. Ugwetxito ne nen yay, terras indígenas ro ne man yay, ompan angkorelan tupi ningkin yay ugwetxit etpako.

YUKUTPOT 16 - Karakewra yay ompan angkotowo



Egemeni: Awayupa Ikpeng. Torempangetkerem IKPENG (2022).

Ungwo ewri mamkenang yay mangkotup, ungwo miralgri memyanenang yay mangkotup. Ompan mangotxi yay atxatowa etxi, munto, munto man atxatot, igunet txitxi, awet igru, terengkeni, igweng.

YUKUTPOT 17 - Ompan irwa arankotup ompam ewyatxi winapli



Egemeni: Rokopi Ikepeng e Pepuy Ikpeng. Torempangetkeramo IKPENG (2022).

Winapli nem irwa, ga, wotxi, irwa wok ugwo, ga wok ugwo, iwarantup kuretxi, ukpugĩ, ugumĩ, wĩntagri, owro napli, worik napli, ga gwantup kuretxi ugumi wot, ukpugĩ. Ompan kurankotup irwa, ompan awerup ga ara kutketket man eto.

7. IRWA AWİTXING AWİTPOT.

YUKUPOT 18 - Wıyrwan



Egemeni: Yaprigu. N. Ikpeng Torempangetkerem IKPENG (2022).

İ kutke tupi ina, i kutke aptxim ina, kurangkot irwa aptxim ewetpinpe, minane kutpogetket ugwetxit, minane kuranometket ugwetxim iwogetketpoto.

Yay kurangkot

Omro kunkun kurangkot irwa, omro kunkun kurangkot yay, anaplip ne mawit, kurawi irwa aptxim ewetpinpe, arato na man igemni txikap nen ugwetxit, ara ru ketket wimrangmo, ukpyam ningkin ompan kurangkotup wıyrwan.

YUKUTPOT 19 - Wïyrwan kutpogetket

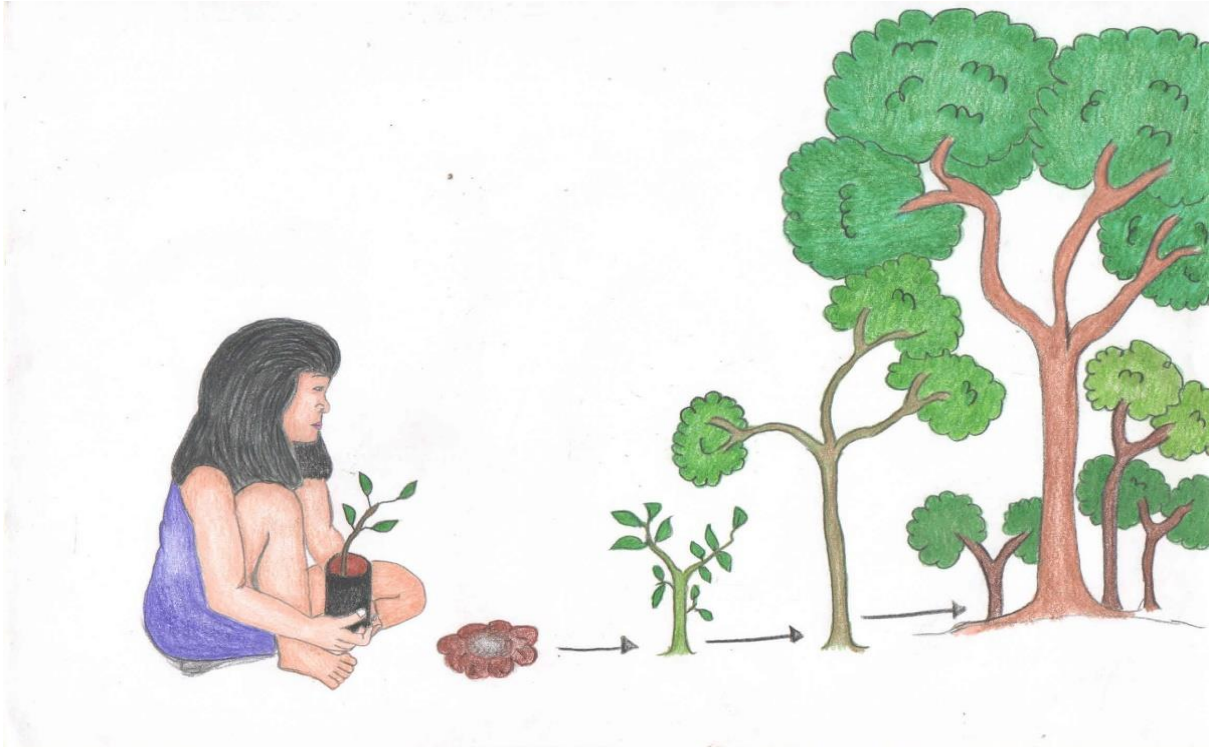


Egemni: Makawa Pikenî Ikpeng (2022).

Okep kun kutpogetkenap ugwetxit, oket kun kutpogetkenap wïyrwan, ungwo, wot keni, ukporîp kuraramit, kurotpitken ukpyam, wïmrangmo, irwa wïnpe, ga wïnpe, ugetxito ne man man irwa.

7. IRWA AWİTXING AWİTKETPOT

YUKUTPOT 20. Ma kureptongne yay



Egemni: Kavisgo Txicão e Makawa Pikenı İkpeng. Ugwempangketkeni İKPENG (2022).

Erangron muntone pewa kuramta kelı, tototket kuramta kelı, ketpotke karakempene nole kutxinotkelan irwa. İmenelogan munto ne ugwo man ketpotke kurangkorelan ompam yay wımapono, ketpotke imenelogan ma kureptongne yay, ma kureptongne yay tawintamo, owro naplı ukpugı, ketpotke etxan wımrangmo tınawınke, tıwugıng, tımtagrıng man.

YUKUTPOT 21 - Arato nem yay eptonpot karake

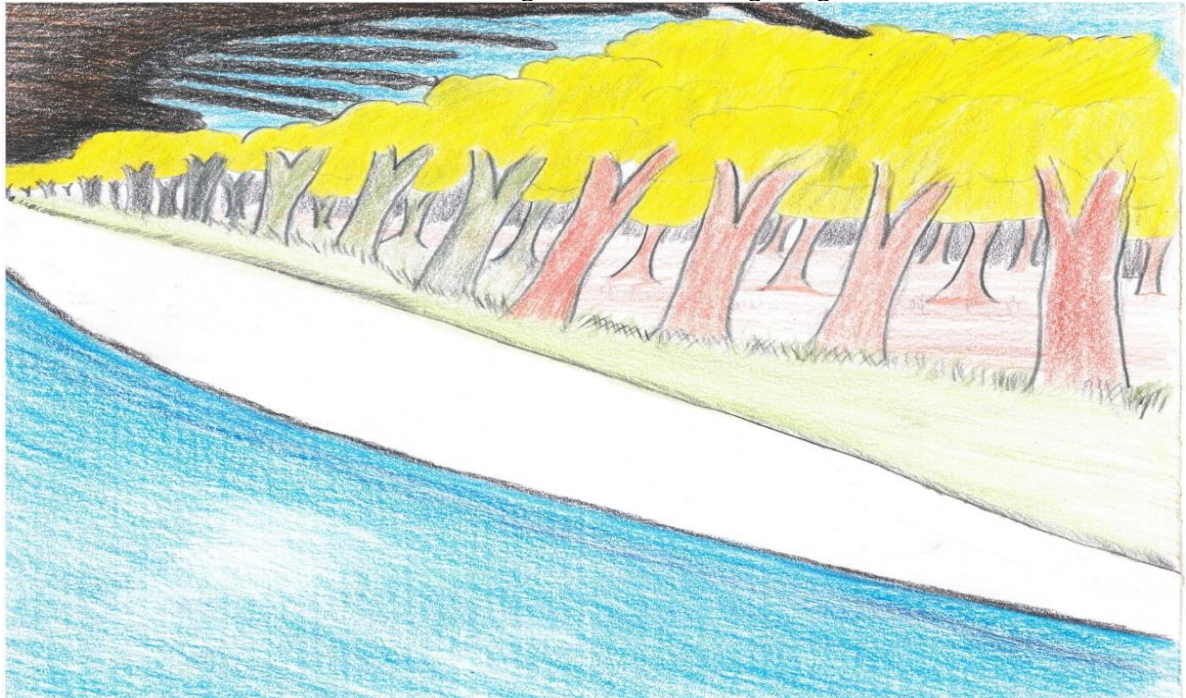


Egemeni: Aryalu Mogiru Ikpeng, Torempangeterem IKEPNG (2022).

Arato na man nen yay eptonpot karake igemni, minanole orotpotxi irwa, orokpet orong, areptxi ungwo iwaraktxi nole, otik ilon yay winpe itowoge nen txitxi irip, yay wipe itowogoge awenang ga.

8. WĪKAWON EWĪGRĪN ITOWO

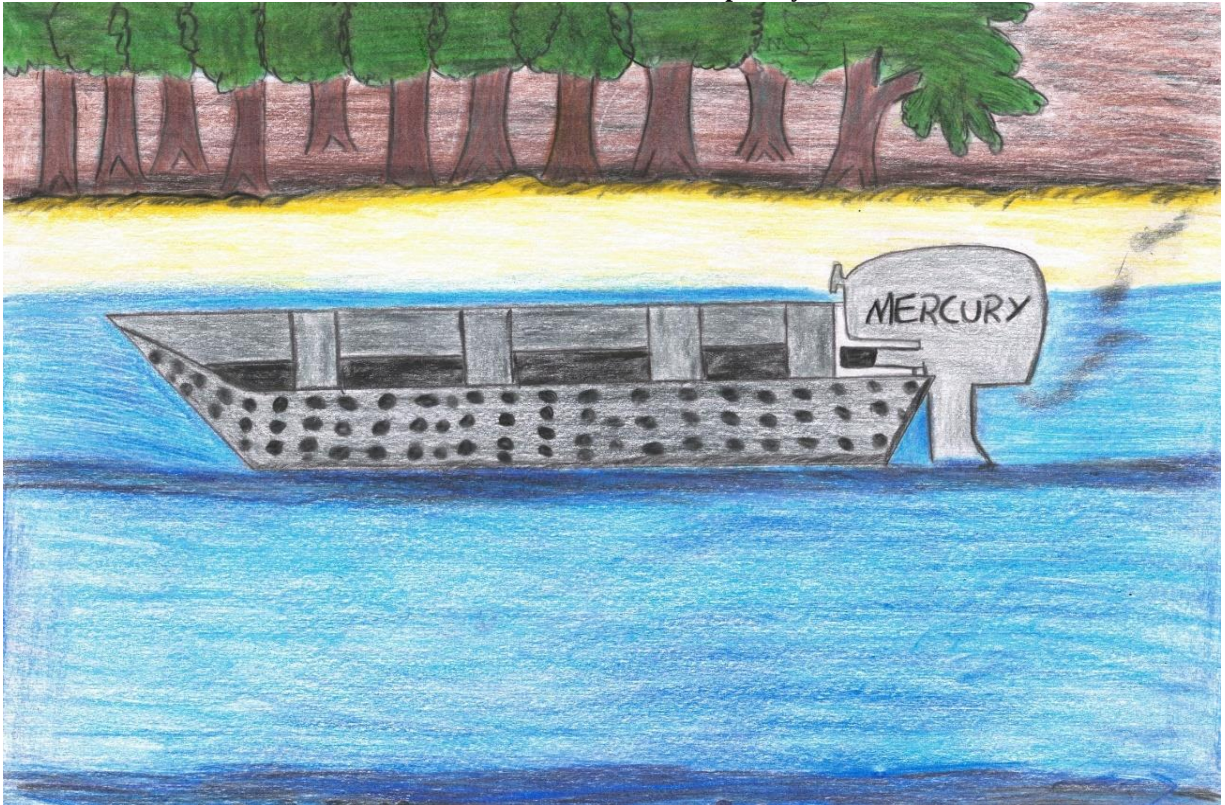
YUKUTPOT 22 - Ari ge nen wĭkawon ewĭgrĭn ugwetxito.



Egemeni: Tokĭrige. V. Wotpe Ikpeng e Pepuy Ikpeng. Torempangetkaramo IKPENG (2022).

Atxi umtxigu ge etxi kawo ĭwĭgrĭng, iromop etxi ĭwĭgrĭng kawo kongpo wĭnpe itowoge, otĭt ĭlon tukto, irwa otetatketpĭnke etxi kawo ĭwĭgrĭng. Kalo, moto ge, motos, gerador keni ge ĭlon etxi ĭwĭgrĭng wĭkawon gasolina, óleo yarutpĭn anmerĭtpotke kawo waraktxi.

YUKUTPOT 23 -Tupi muyn



Egemeni: Juporima Tagipe Ikpeng e Tauyari Ikpeng. Torempangetkeramo IKPENG (2022).

Erangron iting pewa itatkeli moto, barco keni, muy warako kutotkeli, imenelagon kurangetkewra ugwo man muy, tupi muyn parako ne kutotkenang man ketpotke ewigring kutxenang man wikawon, kurawenopnang man igru moto palu ge.

YUKUTPOT 24 - Wikawon iwigring tenpot gerador ge

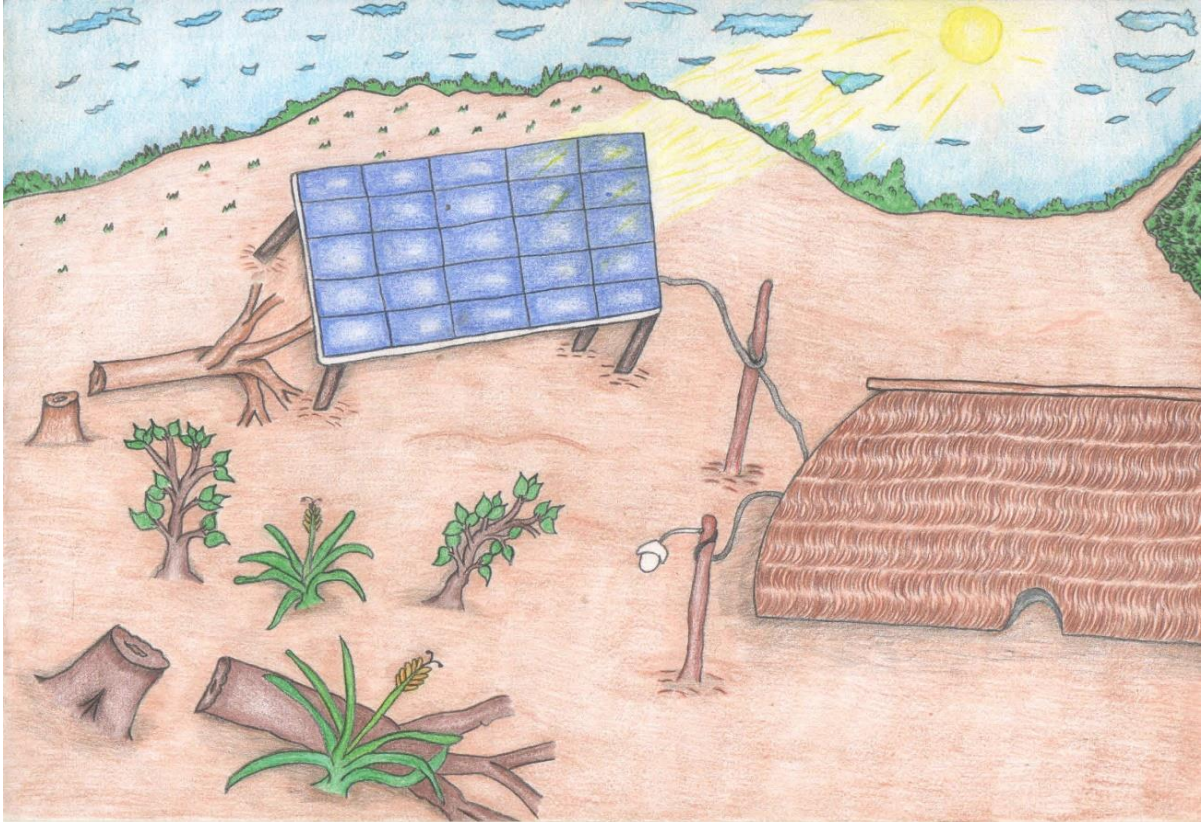


Egemeni: Imamon Kumaré Txicão e Manpilu Pigare Ikpeng. torempangetkeramo IKPENG (2022).

Karakewra nem gerador gasolina e óleo diesel ge tugwīng keni, arato na man igemñi, iwigring ten wikawon yumtxigu, ugwetxito keni dióxido de carbono ge, ukpanakumetket man nen gerador.

9. AWİTXING WİKAWONG AWİTKETPOT

YUKUTPOT 25 - Energia solar



Egemeni: Makawa Pikenı İkpeng (2022).

Karakempene nen man energia solar, arato na man igemni, iwigring pewa tenpotke kawo, ketpotke metxan placa solar.

YUKUTPOT 26 - Orongpok kutotket, muy warako kutotket



Egemeni: Kavisgo Txicão. Ugwempangetkeni IKPENG (2022).

Muy warako marantatkerup iwügring pewa mien kawo, iwügring pewa mien igru, terengkeni, otit ilon agünpünpe metxi. Orongpok ilon marantatkerup motos wot pewa, agünpünpe metxi, karakempene nole etxi irwa kawo keni.

VERSÃO DO LIVRO NA LÍNGUA PORTUGUESA

1. POR QUE SE DEVE PROTEGER A FLORESTA?

A importância da natureza

Nós Ikpeng, como todos os povos indígenas, somos a própria natureza, pois dela nos originamos. Nós fazemos parte da natureza como ela faz parte de nós, a nossa cultura, rituais, a organização social tudo está ligado a Mãe Natureza. A floresta é base de nossa vida e dela que retiramos os nossos remédios, os nossos materiais de construção, os nossos alimentos, os frutos e as caças; e dos rios, lagos e córregos pescamos os peixes. Por este motivo devemos proteger a nossa riqueza que são florestas e rios, devemos proteger os seus espíritos dono, pois todos os recursos naturais têm seus donos, para manter o equilíbrio do meio ambiente.

(Texto coletivo alunos 2º ano ensino médio 2022)

A última árvore

Quando a última árvore morrer, secará a última fonte de água, cairá a última gota de chuva, morrerá último espírito dono, tudo depende uma da outra, o homem é apenas um ser pequeno, que causa destruição de grande escala, e este ser antes da fonte de água secar, e a última árvore cair, ele irá morrer muito antes, pois o homem é mais dependente da floresta e da água do que estes do homem.

(Texto coletivo alunos 2º ano ensino médio 2022)

Pense no amanhã

Sempre devemos olhar para futuro antes de tomamos algumas atitudes cruéis sobre os recursos naturais, antes de derrubar uma árvore mãe, pense no amanhã, antes de destruir o solo para retirar a sua riqueza pense no amanhã, pois as ações de hoje contra o meio ambiente podem causar transtornos incalculáveis para futuras gerações. Por tudo isso, não mate, não corte, não suje sem a necessidade, retire apenas o necessário, apenas realmente o que será utilizada para benefícios pessoas e comunitárias.

(Texto coletivo alunos 1º ano ensino médio 2022)

2. O FOGO

FIGURA 1 - O perigo do fogo



Fonte: Alunos do 1º e 2º e 3º anos da Escola Estadual IKPENG (2022).

O fogo é um elemento da natureza que representa maior perigo para ao meio ambiente, quando ele perde controle, pode causar grandes perdas de biodiversidades, destrói tudo que ver pela frente.

As perdas de recursos naturais

Quando ocorre uma queimada a comunidade fica triste e preocupada, pois o fogo acaba destruindo todos os recursos que são usados na construção da casa, recursos que são usadas nos rituais, acaba com as ervas medicinais e com arvores e sementes.

O fogo e os animais

As queimadas descontroladas elas acabam com a floresta e matando vários animais nela existente, o fogo ao acabar com as matas ciliares vai secando os rios e lagos, e provocando alterações no clima da região.

3. OS CUIDADOS COM O FOGO

Como prevenir queimadas

Não se deve tocar fogo na floresta, pois atualmente a floresta esta seca, sendo um combustível que facilita no alastramento do fogo. Quando for manejar fogo no mato tenha todo os cuidados de apagar ela por inteira antes de deixar o local. Não se deve tocar fogo e deixá-la, pois isso causará um incêndio.

FIGURA 2 - Fogo e o cuidado na queima da roça



Fonte: Makawa Pikení Ikpeng (2022).

Quando for fazer as queimadas da roça, primeiramente deve se fazer um aceiro, para evitar que o fogo se alastre, este aceiro deve ter largura de 3 metros e distância de 10 metros do limite da roça, desta maneira o controle de fogo será tranquilo, evitando o alastramento do fogo.

Caça e a pesca

Quando for acampar para caçada e pescaria tenha consciências com o cuidado com fogo, depois se acender uma fogueira para assar peixe e caça, apague a fogueira com a água e faça aceiro envolta, para evitar que ela possa se alastras no mato.

4. LIXO E MEIO AMBIENTE

FIGURA 3 - O lixo no meio ambiente



Fonte: Rokopi Ikpeng, Konenpo.T. Ikpeng, Makurawa Ikpeng e Makawa Pikení Ikpeng. Alunos IKPENG, (2022).

Antigamente antes da chegada do homem branco, os lixos indígenas eram todos orgânicos, porém com aquisição das coisas da cidade, o lixo começou a aumentar nas aldeias, plásticos, ferros, óleos, baterias e roupas começaram a fazer parte do cotidiano da comunidade e assim começou a poluição ambiental.

FIGURA 4 - O perigo do lixo

Fonte: Tamani. T. Ikpeng, Amtami Ikpeng e Makurawa. Y. Ikpeng. Alunos IKPENG (2022).

O lixo é um grande perigo para o meio ambiente e para saúde da comunidade, os lixos como plásticos, baterias, frascos de óleo, ferros velhos e lixo hospitalar representam potencial poluente incalculáveis para o meio ambiente e para bem está das pessoas, ela pode causar doenças, poluir solos, animais e lagos.

FIGURA 5 - O perigo do óleo

Fonte: Payekami. W . Ikpeng, Payekange.L. Paeagu Ikpeng e Makawa Pikení Ikpeng. Alunos IKPENG (2022).

Os frascos de óleo e óleo tem um potencial de poluição muito alto, uma vez descartados nos rios, lagos e córregos. Ela não sumirá, o mesmo acontece quando ela é descartada no solo, ela fica permanentemente no local, podendo poluir plantas, animais e peixes que a comunidade consome.

FIGURA 6 - Os equipamentos e poluição ambiental



Fonte: Imamon. K. Txicaõ, Makurawa. Y. Ikpeng e Pirete. T. Ikpeng. Alunos IKPENG (2022)

Todos os equipamentos movidos a combustível como: motor de popa, trator, gerador e motos causam poluição ambientais no momento que são utilizadas, por motivo que elas liberam gases de efeito estufa na atmosfera, e quando elas deixam de ser usadas viram sucatas nas proximidades da aldeia, desta maneira poluindo o meio ambiente.

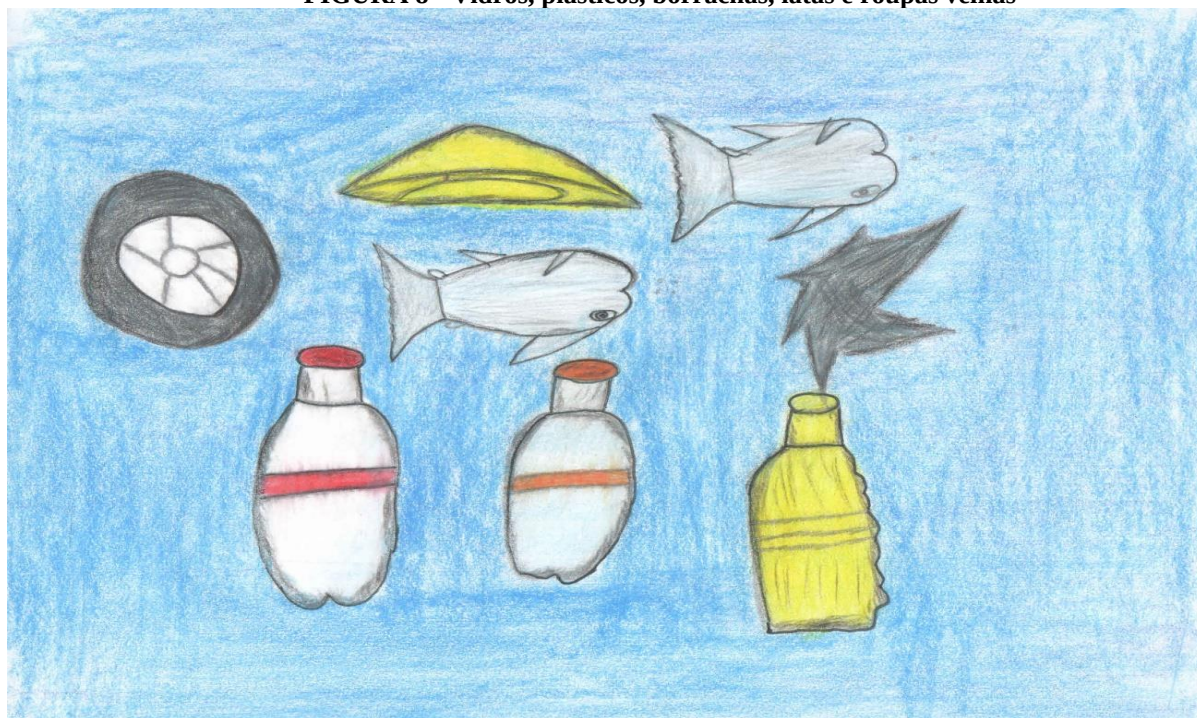
FIGURA 7 - Baterias e pilhas o perigo para saúde e meio ambiente.



Fonte: Makotĩ Ikpeng e Tauyari Ikpeng (2022).

As baterias e pilhas têm alta capacidade de poluir o meio ambiente e causarem danos na saúde das pessoas, quando elas são descartadas incorretamente, elas poluem o solo, poluem as plantas em sua volta e causam danos à saúde das pessoas. Atualmente se usa bastante bateria na comunidade e muitos não sabem descartá-la corretamente, desta forma causa poluição na região.

FIGURA 8 - Vidros, plásticos, borrachas, latas e roupas velhas

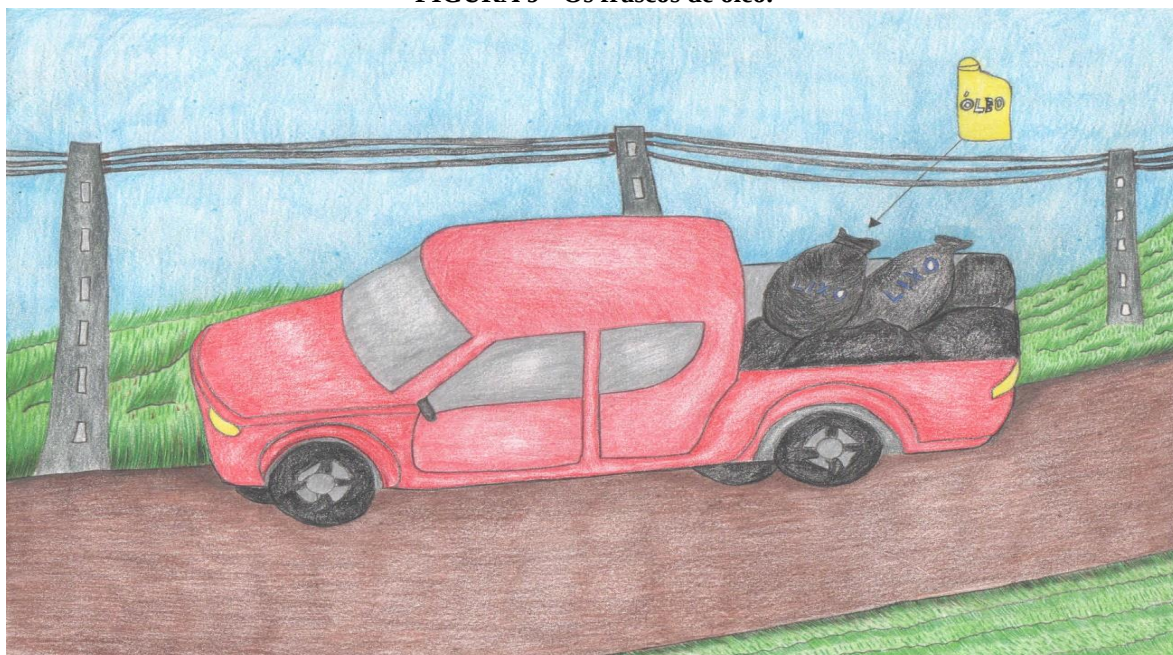


Fonte: Tauyari Ikpeng, Aluno IKPENG (2022).

A maior quantidade de lixo existente nas comunidades xinguanas é composta basicamente de plásticos, borrachas, latas de alumínio e roupas velhas. Estes lixos não são descartados corretamente, provocando poluição ambiental na região. Vale ressaltar que estes lixos demoram milhares de anos para se decompor, e assim elas ficam expostos por muito tempo.

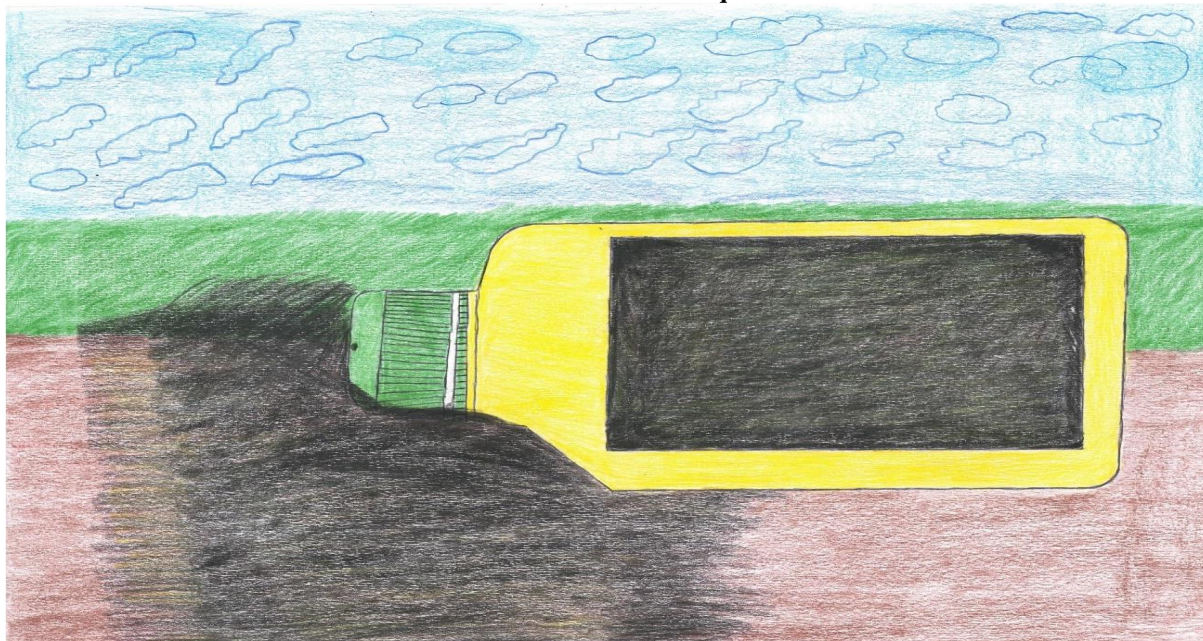
5. CUIDADOS COM O LIXO

FIGURA 9 - Os frascos de óleo.



Fonte: Poyekange Paragu L. Ikpeng, Payekami. W. Ikpeng e Makawa Pikení Ikepeng. Alunos IKPENG (2022)

Ao utilizar o óleo de qualquer tipo para mistura de gasolina ou utilizados em motores 4 tempos deve-se evitar descartá-lo no rio, na beira do rio ou jogá-la no mato, pois elas têm potencial de poluição elevadas. O que se deve fazer é descartar no local adequado, de preferência na lixeira especificamente para isso, para depois levar para cidade no local de coleta indicada para que possa ser reciclada.

FIGURA 10 - Óleo queimado

Fonte: Takarayup Kaiabi e Anaga Txicão IKPENG (2022).

O óleo queimado é um produto químico que representa grande perigo ao meio ambiente, por este motivo não se deve descartar de qualquer jeito na natureza. Ele deve ser colocado num recipiente para que possa ser entregue no local indicado, ou até mesmo usado para outros fins, como na lubrificação de corrente de motos e do motosserra.

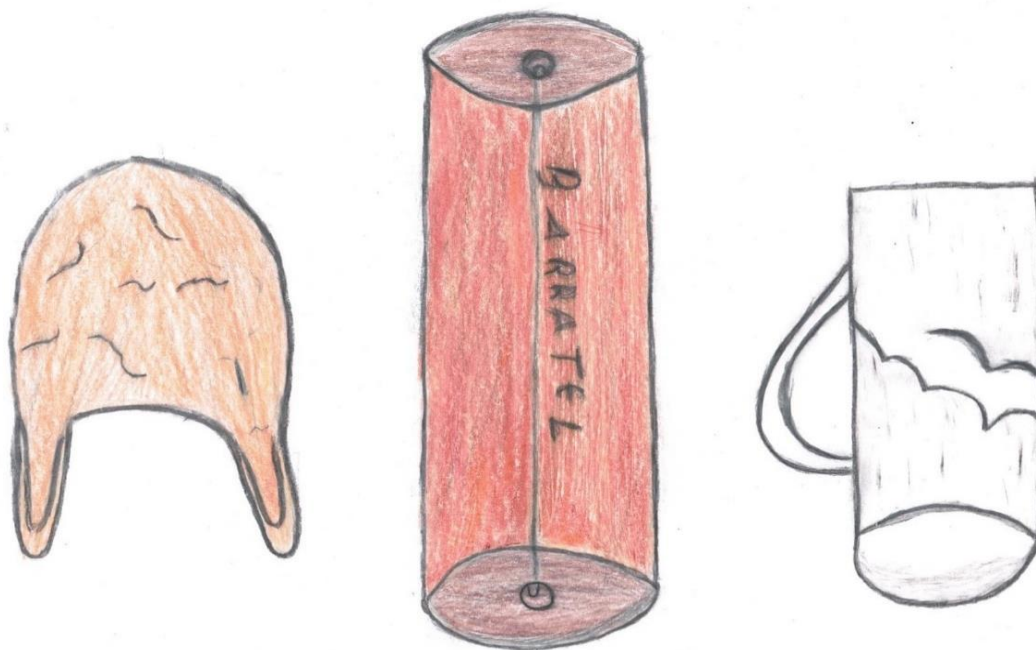
FIGURA 11 - Baterias e pilhas



Fonte: Nongkiru. L. Txicão e Juporima. T. Ikpeng. Alunos IKPENG, 2022.

Ao se perceber que as baterias e pilhas não vão ser mais utilizadas, o que se deve fazer é levá-las imediatamente para local de coleta indicada na cidade, pois não se deve acumular elas no local ou numa lixeira por muito tempo, por motivos que as baterias e pilhas liberam produtos químicos altamente tóxicos que podem causar mal à saúde. E jamais elas devem ser queimadas ou descartadas no rio ou no mato.

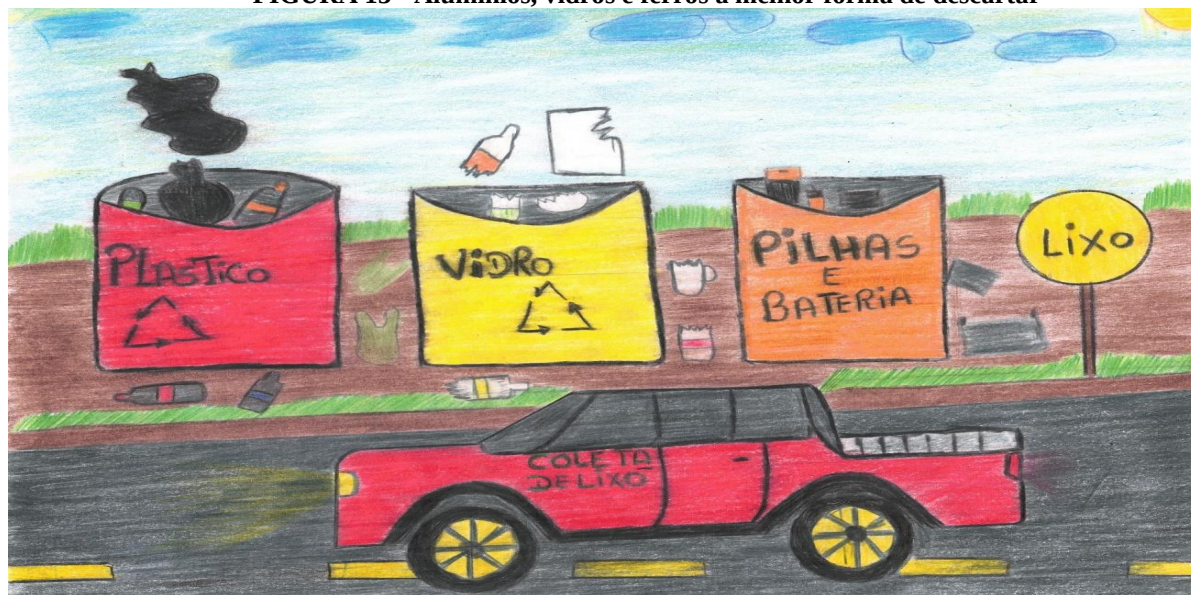
FIGURA 12 - Os Plásticos



Fonte: Yaraup.F. Awa, Aposa. K. Ikpeng e Rokopi Ikpeng. Alunos IKPENG (2022).

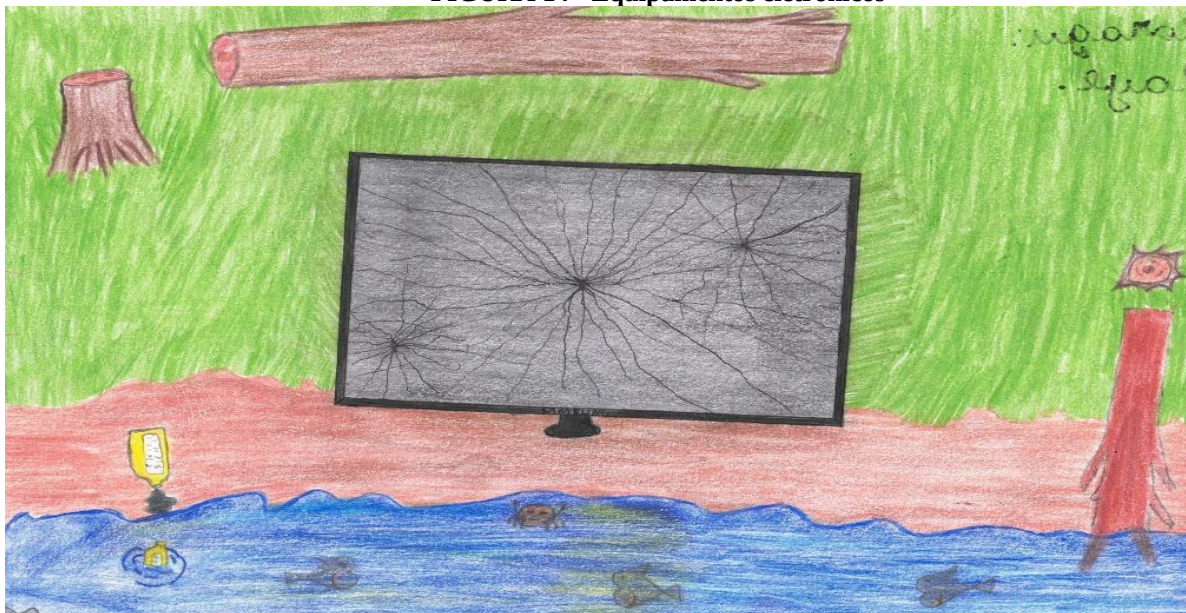
A maior quantidade de lixo encontrada nas aldeias é de plásticos, sejam elas de saquinhos, garrafas, brinquedos, utensílios e outros. Este lixo está em todos os lugares. A melhor forma de evitar acúmulo de plásticos e diminuir a quantidade trazida da cidade, ou até mesmo trazer nas sacolas com maior durabilidade ou aquelas que são reutilizáveis.

FIGURA 13 - Alumínios, vidros e ferros a melhor forma de descartar



Fonte: Pirete Ikpeng. Aluno IKPENG (2022).

Alumínios, vidros e ferros são materiais que demoram muito para se degradar no meio ambiente, por este motivo a melhor forma de descartar e entregar na cidade mais próxima no local de reciclagem.

FIGURA 14 - Equipamentos eletrônicos

Fonte: Payekami Waura Ikpeng. Aluno IKPENG (2022).

Os equipamentos eletrônicos como: celular, tv, computadores, tablets, gravadores, máquinas filmadoras entre outros, que são muito utilizados nas comunidades indígenas, não devem ser descartadas de qualquer maneira, pois elas possuem elementos químicos poluentes ao meio ambiente, estes equipamentos devem ser entregues nos locais de coleta das cidades próximas.

6. DESMATAMENTO

FIGURA 15 - Desmatamento e terras indígenas



Fonte: Parikutu Tapakari Ikpeng. Aluno IKPENG (2022).

O desmatamento é um dos grandes problemas ambientais, pois ele causa perda da riqueza da flora e da fauna. Atualmente o desmatamento só vem aumentando, deixando vazia a floresta em volta das terras indígenas. Terras indígenas que são ilhas verdes de florestas remanescentes, futuramente haverá somente floresta nas terras indígenas.

FIGURA 16 - Desmatamento e desequilíbrio ambiental

Fonte: Awayupa Ikpeng. Aluno IKPENG (2022).

Quando se corta uma árvore se está destruindo o alimento, a casa, o respiro de uma vida, sem a casa, os animais não sobrevivem. O desmatamento causa desequilíbrio ambiental de grandes proporções e interfere diretamente nas alterações no meio ambiente da flora e da fauna, prejudica o ciclo da água provocando diminuição das chuvas aumento de calor e seca dos rios e lagos.

FIGURA 17 - Desmatamento e destruição das riquezas culturais.



Fonte: Rokopi Ikepeng e Pepuy Ikpeng, Alunos, IKPENG (2022).

A floresta, os rios, lagos e campo são fontes de recursos naturais que nós usamos diariamente. Delas retiramos a nossa sustentabilidade social e cultural. É nela que está nossos alimentos, nossas ervas medicinais, os nossos materiais de construção, e, quando ocorre o desmatamento, ele acaba com toda nossa riqueza, acaba com nosso bem-estar.

7. SOLUÇÕES CONTRA DESMATAMENTO

FIGURA 18 - Protegendo a nossa mata



Fonte: Yaprıgu. N. Ikpeng, Alunos IKPENG (2022).

O maior inimigo da floresta e dos rios são os desmatamentos ilegais que ameaçam as terras indígenas, por isso não caia na manipulação de madeireiros que, somente, querem acabar com a nossa maior riqueza. Devemos proteger constantemente a nossa terra dessas ameaças que, na atualidade, são frequentes. Devemos proteger o que restou da floresta, pois dependemos dela para viver e sobreviver.

Evite desmatar a floresta

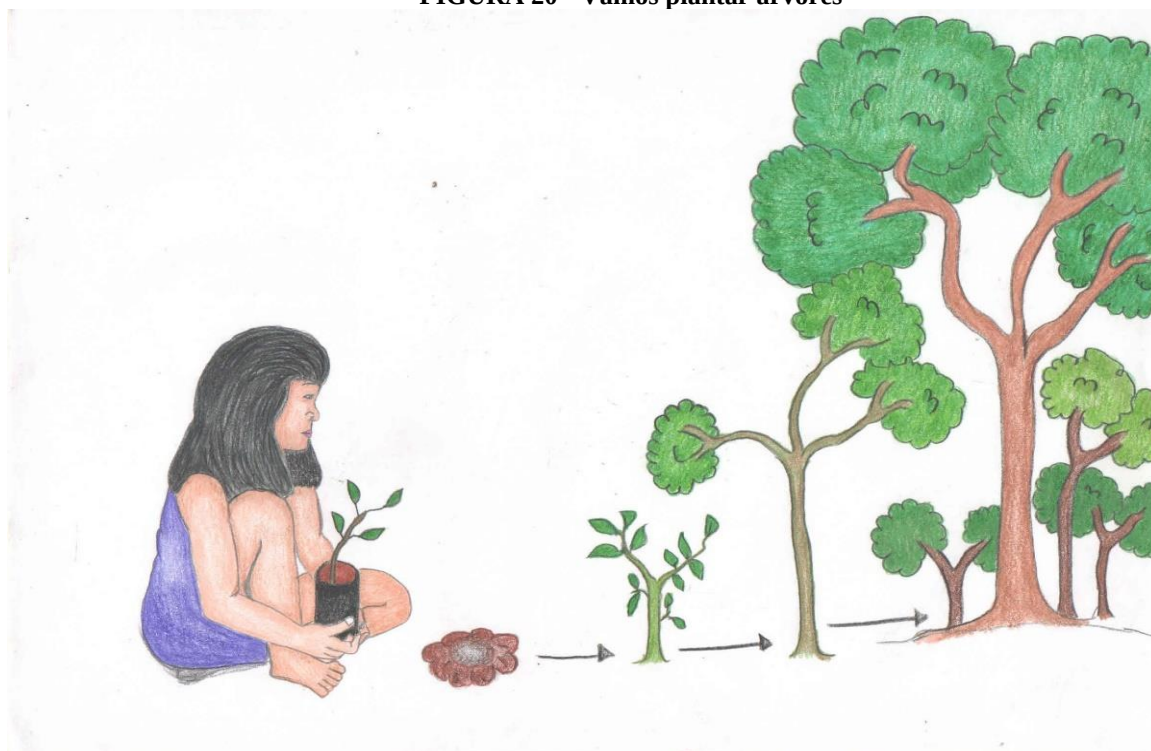
Não se deve nunca derrubar uma árvore sem utilidade, não se deve desmatar para obter recursos financeiros a qualquer custo, pois a floresta quando não é manejada, ela pode acabar e com ela levar toda a riqueza da fauna e da flora, por isso devemos evitar desmatar as nossas florestas, pois moramos numa ilha pequena.

FIGURA 19 - Preservar a floresta



Fonte: Makawa Pikení Ikpeng (2022).

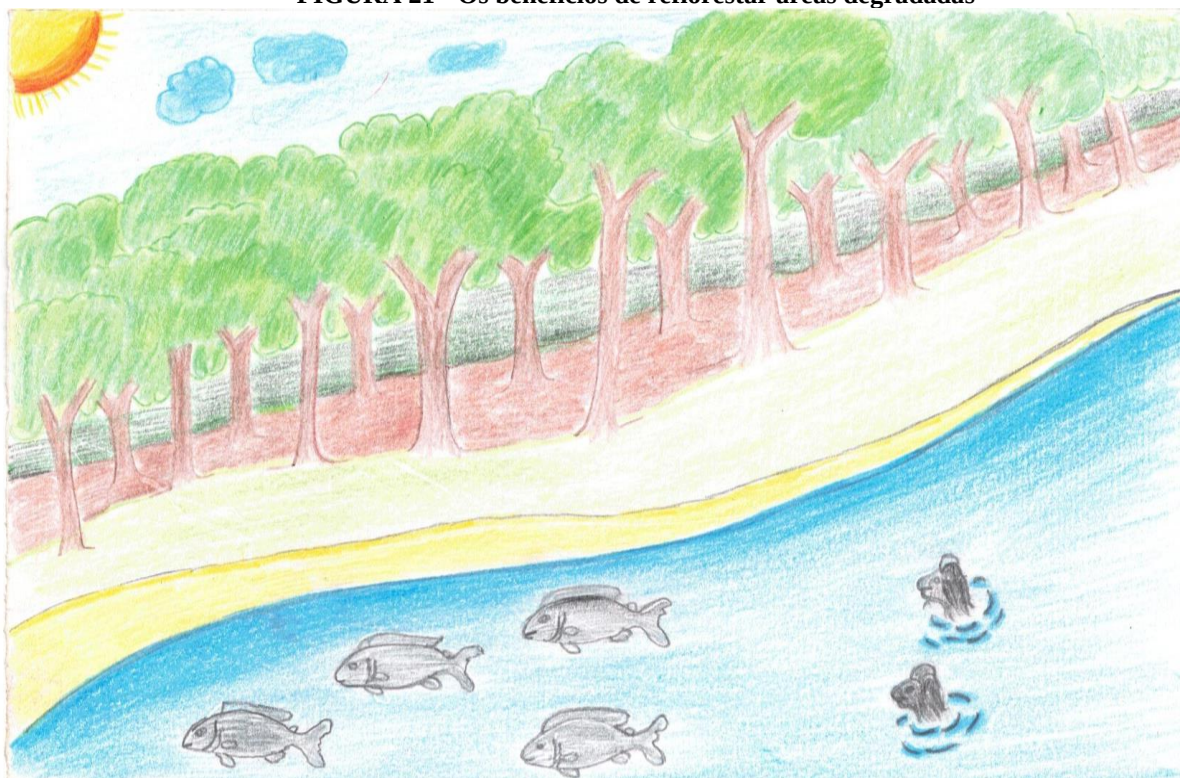
Vamos preservar a nossa maior riqueza, nossas florestas, os nossos animais e os nossos rios, vamos sempre lutar para que esta riqueza possa existir por milhares de anos, pois daqui futuramente haverá floresta apenas em nossas terras, devemos cuidar hoje para que amanhã não falte para futuras gerações.

FIGURA 20 - Vamos plantar árvores

Fonte: Kavisgo Txicão e Makawa Pikení Ikpeng (2022).

No passado, não muito distante, não era necessário plantar árvores para recuperar áreas degradadas, pois como os povos eram nômades ela se regenerava naturalmente, porém atualmente é preciso plantar árvores frutíferas, aquelas usadas nas construções de casas, pois a natureza precisa de ajuda para se manter viva, e devemos fazer a nossa parte, por isso, peço, vamos plantar uma árvore!

FIGURA 21 - Os benefícios de reflorestar áreas degradadas

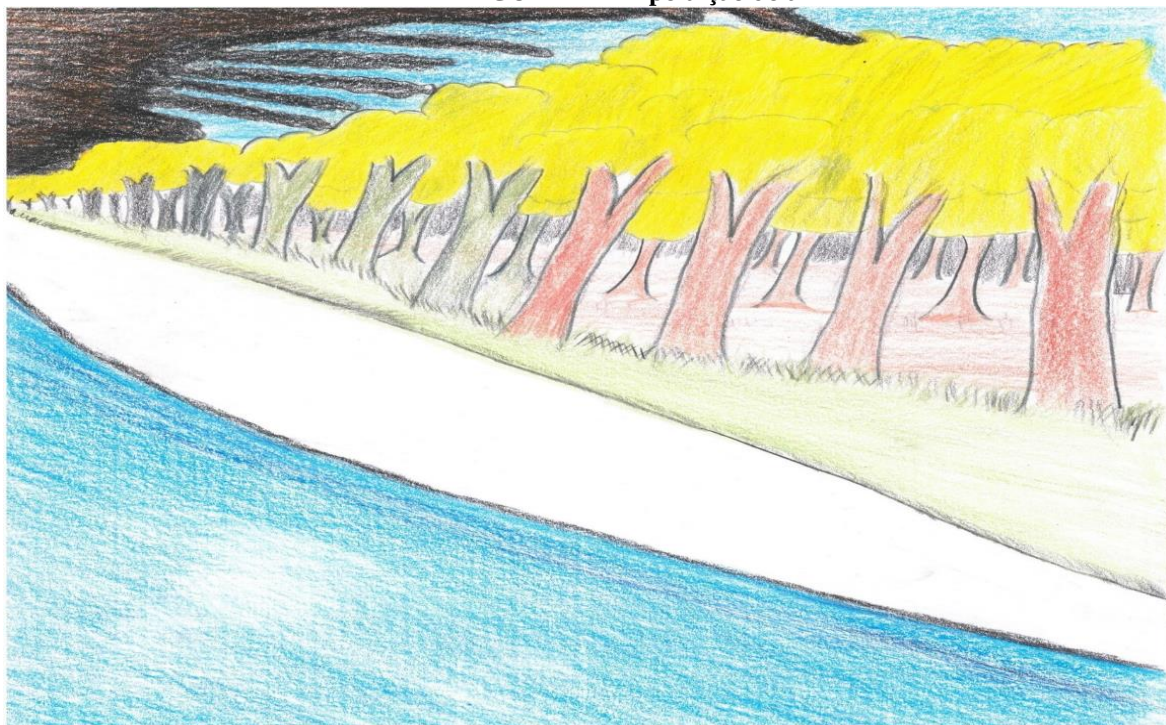


Fonte: Aryalu Mogiru Ikpeng. Aluna IKPENG (2022).

Na atualidade, a melhor maneira de combater alterações no clima é por meio de reflorestamento de áreas degradadas, pois ela trará benefícios como: atração das aves e animais, enriquecerá solos de nutrientes, servirá novamente como local de caça, e o maior benefício será de equilíbrio de no clima.

8. POLUIÇÃO DO AR

FIGURA 22 - A poluição do ar



Fonte: Tokirige. V. Wotpe Ikpeng, Aluno IKPENG (2022).

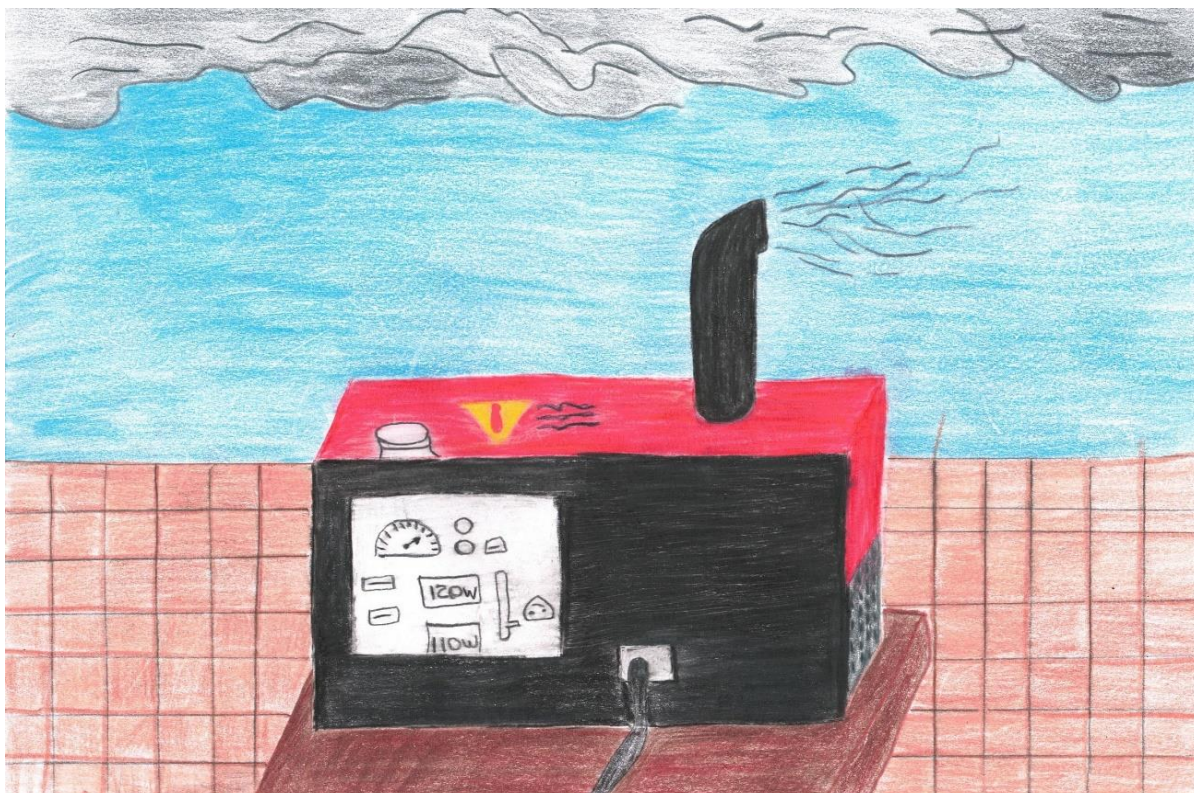
A maior parte da poluição do ar que é produzido nas aldeias ocorrem na época de seca, isso em decorrência de queimadas que emitem gás carbônico na atmosfera, outras fontes de poluição ocorrem pela causa de combustível fosseis liberadas pelos motores movidos a gasolina e diesel como: motor de popa, gerador, motos, tratores e raladores.

FIGURA 23 - Os motores de popa

Fonte: Juporima Tagipe Ikpeng e Tauyari Ikpeng. Alunos IKPENG (2022).

Há vinte anos não tinham muitos barcos e motores nas aldeias, porém com o tempo os números foram aumentando, se percebe que há mais barcos que canoas tradicionais, além de poluir o ar, os motores e barcos poluem os rios e causam erosões nas barrancas dos rios, causando assoreamento dos rios.

FIGURA 24 - Poluição do ar causada pelo gerador

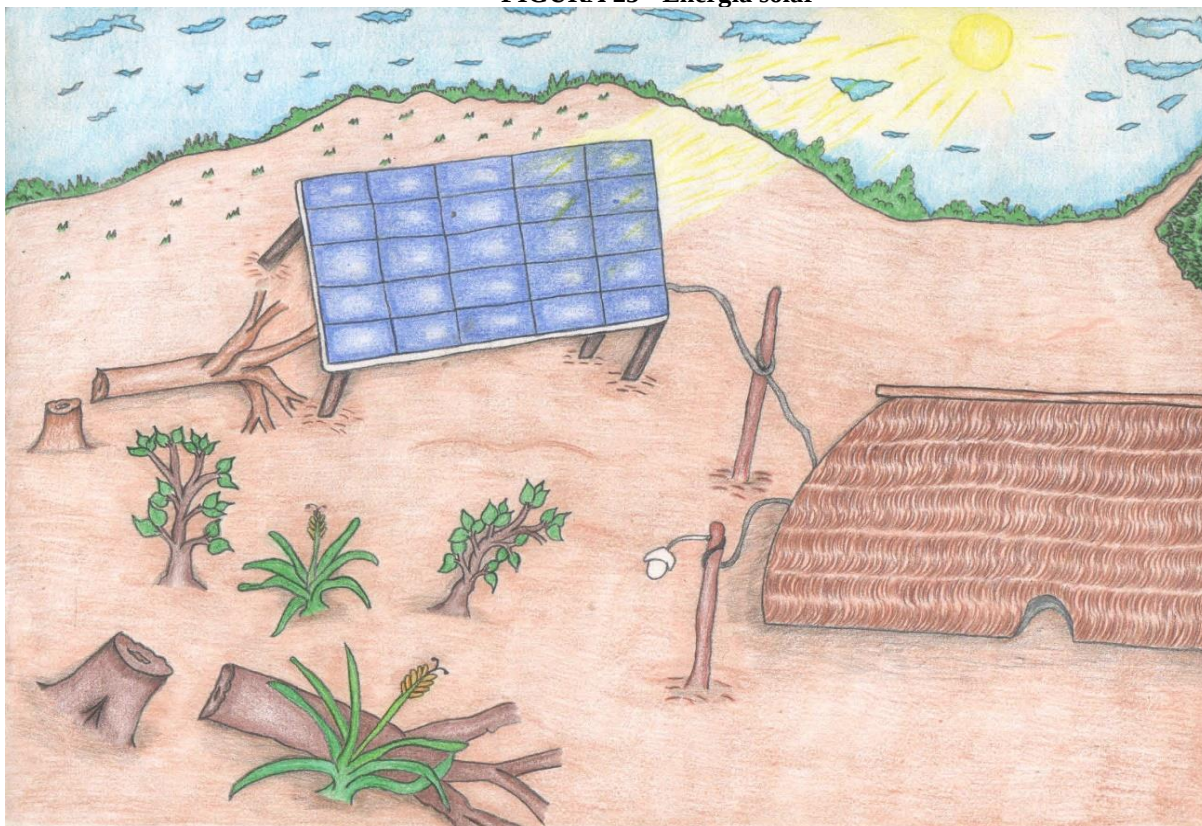


Fonte: Imamon Kumaré Txicão e Manpilu Pigare Ikpeng. Alunos IKPENG (2022).

O gerador movido a combustível como gasolina e óleo diesel tem potencial bem elevado de poluição ambiental e principalmente do ar, pois ela emite dióxido de carbono em grande quantidade, além da poluição do ar, ela também provoca poluição sonora.

9. OS CUIDADOS COM POLUIÇÃO DO AR

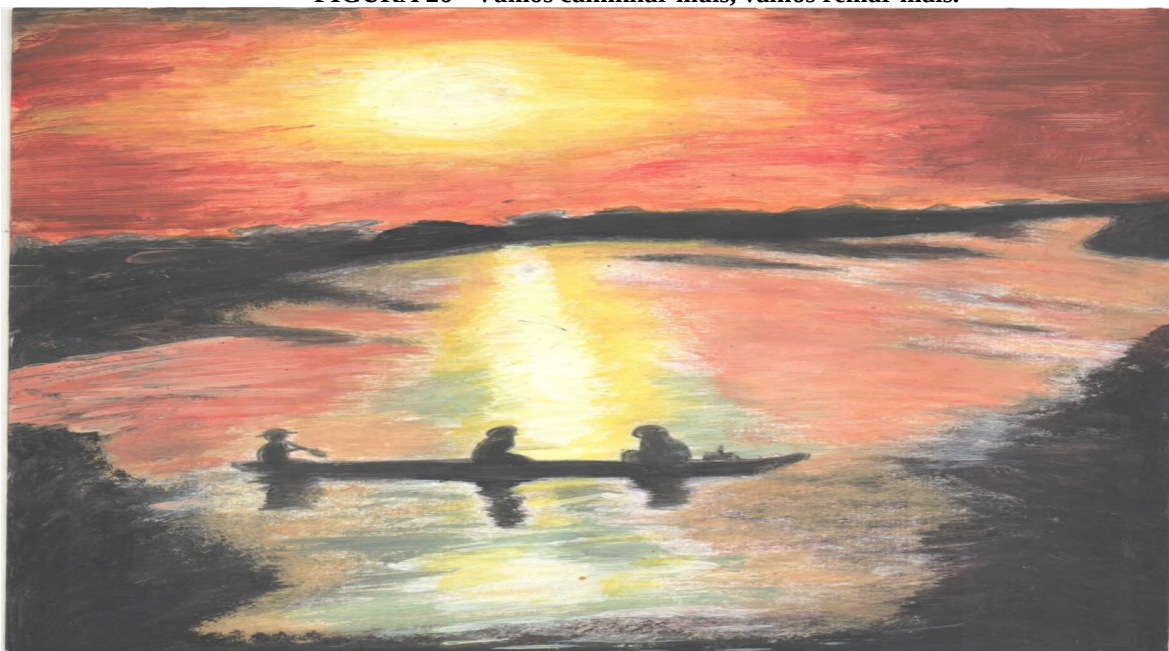
FIGURA 25 - Energia solar



Fonte: Makawa Pikení Ikpeng (2022).

A energia solar é uma das fontes de energia que menos polui o meio ambiente e ar atmosférico, e gera menos custos na sua manutenção, por este motivo as comunidades devem sempre que possível adquirir esta fonte de energia, que é somente dependente do calor solar.

FIGURA 26 - Vamos caminhar mais, vamos remar mais.



Fonte: Kavisgo Txicão (2022).

É tão difícil que todos compreendam que ao pescar de canoa você está deixando de poluir o ar e o rio, ao deixar a motos em casa e caminhando você está deixando de emitir gases de efeito estufa no ar, por isso vamos caminhar mais, vamos remar mais isso é bom para meio ambiente e, principalmente, para saúde. Uma pequena ação pode trazer tantos benefícios.

SUGESTÕES DE AULAS

FOGO

Para desenvolver o tema **perigo do fogo** para alunos de series iniciais é preciso mostrar vídeos e imagens que revelem os impactos ambientais causadas pelas queimadas, levá-los em uma área que tenha ocorrido queimada para poderem observar.

Na sala de aula como atividade pede-se para os educandos fazerem ilustrações de impactos ambientais, para depois apresentar para turma. Também é possível confeccionar jogos de silabas para que possam escrever nomes de árvores e animais que são prejudicadas pelo fogo.

Com as turmas que já saibam dominar a escrita e a leitura, as atividades serão de produção de frases e desenhos, produção de cartazes para expor em locais estratégicos, realizar atividades em grupo ou individual.

SUGESTÕES DE AULAS 6 a 9 ano do Ensino Fundamental

Com as turmas mais avançadas é preciso realizar tempestades de ideias para poder observar o que os alunos já sabem sobre os impactos ambientais. Dessa forma, começar a dialogar com o tema com educandos, depois se for possível mostrar vídeos e imagens que abordam o tema.

Como atividade, pedi para os alunos elaborarem textos falando dos impactos ambientais para depois elaborarem cartazes com imagens que mostrem os impactos sobre a fauna e flora, e tambem sobre os recursos naturais usados nas atividades culturais da comunidade.

No segundo momento, elaborar textos orientativos por meio de cartazes para apresentar para outras turmas e para comunidade, para poder conscientizar sobre os cuidados com o fogo.

SUGESTÕES DE AULAS 1 a 5 ano do Ensino Fundamental

POLUIÇÃO AMBIENTAL

Para início das aulas o professor deve levar à sala de aula amostras de lixo, para depois perguntar que tipo de objeto são aqueles, se faz bem descartar ela na natureza ou não?

Em vídeos, mostrar aos educandos o que o lixo, como plásticos, frascos de óleo, podem causar danos ambientais ao meio ambiente e à saúde. No segundo momento, levar os alunos para aos redores da aldeia para poderem observar como está situação do lixo na comunidade.

Como atividade, pedir para os alunos fazerem desenhos dos tipos de lixo que mais observaram na comunidade, escrever nomes de lixo na folha com desenho. O professor tambem

deve elaborar jogos de sílabas e palavras para os alunos montarem nomes de lixo, de animais e doenças que podem ser causadas pelo lixo.

Com a turma do quarto e terceiro ano, o professor pode pedir para os alunos escreverem pequenos textos e frases e elaborarem cartazes para conscientizar a comunidade a ter cuidado com o seu lixo. É preciso também realizar mutirão com outras turmas para realizar coletas de lixo em torno da aldeia.

SUGESTÕES DE AULAS 6 a 9 ano do Ensino Fundamental

POLUIÇÃO AMBIENTAL

Com a turma que já domina escrita e leitura no primeiro momento e precisos dialogar com as turmas sobre o tema a ser trabalhado, para depois realizar uma visita em torno da aldeia, na beira do rio, para poder observar de que forma está a situação do lixo na comunidade.

Na sala de aula, fazer levantamento sobre quais tipos de lixo foram encontrados e quais tipos estão mais presentes no meio ambiente.

Realizar pesquisas digitais sobre o perigo do lixo para saúde e meio ambiente, para depois montar cartazes orientativos para apresentar para outras turmas e para comunidade.

SUGESTÕES DE AULAS 1 a 5 ano do Ensino Fundamental

DESMATAMENTO

Comece contando a lenda das árvores sagradas, comente que a árvore é um ser vivo, que todos os seres vivos dependem dela para viver, comente que ela é casa dos animais e dos seres humanos. Mostre um vídeo sobre a importância da árvore.

Realize plantio de sementes e mudas das plantas nativas no quintal da casa dos alunos, ou no quintal da escola. Elabore jogos de memória com imagens e nomes de plantas, escrevas nomes de árvores sagradas na lousa. Liste, juntamente com alunos, os impactos que a perda da árvore pode causar no meio ambiente.

SUGESTÕES DE AULAS 6 a 9 ano do Ensino Fundamental

DESMATAMENTO

Comece a aula com exposição de vídeos sobre o desmatamento e impactos ambientais, depois converse com alunos sobre o que eles compreenderam dos vídeos. Escrever pequenos textos falando dos vídeos. No segundo momento, trabalhar com alunos sobre quais impactos ambientais o desmatamento pode causar no meio ambiente e nas práticas culturais do povo.

Pode se fazer levantamentos dos recursos naturais que estão ficando difícil de encontrar e o porquê estão sumindo. Trabalhar sobre o desequilíbrio ambiental que o desmatamento pode causar.

Como atividades educativas, realizar palestras com turmas de outras séries na comunidade. Realizar plantio de mudas e sementes nas áreas degradadas, desta forma mostrar para comunidade que os recursos naturais podem ser recuperados com ações em conjunto.

SUGESTÕES DE AULAS 3 a 5 ano do Ensino Fundamental

ÓLEO NO MEIO AMBIENTE

Comece a aula falando dos impactos ambientais que podem ser provocados pelo óleo, derivado de petróleo, se possível mostre imagens do óleo no meio ambiente. Faça lista em conjunto com alunos sobre quais equipamentos usam e queimam bastante óleo.

Mostre para os alunos as possibilidades de descarte correto do óleo para evitar danos ambientais. Elabore cartazes e vídeos orientativos para conscientizar a comunidade xinguana com os cuidados com óleo.

SUGESTÕES DE AULAS 6 a 9 ano do Ensino Fundamental

ÓLEO NO MEIO AMBIENTE

Inicie a aula com tempestade de ideias referente ao descarte de óleo no meio ambiente, para poder observar o quanto os alunos conhecem sobre o tema, depois liste as opiniões dos alunos na lousa.

Organize atividade de campo para observar como o óleo queimado está sendo descartado, se de forma correta ou não, depois peça para os alunos fazerem relatório de campo.

Para conscientizar comunidade, elabore vídeos curtos, mostra de imagens em cartazes para depois apresentar à comunidade e às outras turmas. Faça palestras na escola, produza cartazes que serão expostos nos locais estratégicos.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORREIA, Mari. **Filme:** Para onde foram as andorinhas? Instituto socioambiental e instituto Catitu. Disponível em: [http:// www.socioambiental.org](http://www.socioambiental.org). Acesso em 01/02/2021.

COIAB. Centro Amazônico de Formação Indígena (CAFI) **MUDANÇAS CLIMÁTICAS E POVOS INDÍGENAS**. Alunos 2009.

ISA, Instituto Socioambiental. Almanaque Socioambiental Parque Indígena do Xingu 50 anos. São Paulo, junho de 201.

IKPENG Otumaka Oreme SÁ Dannyel. **VALORIZAÇÃO DO CULTIVO DE ROÇAS E SUAS REGRAS PARA O POVO IKPENG**, Tema Gerador 7 Conservação e Manejo da Sociobiodiversidade e Direitos dos Agricultores e Povos e Comunidades Tradicionais; 2018

IKPENG Mawo casa de cultura. Disponível em: www.ikpeng.org/quem_somos/mudanca.php. Acesso em 5 de setembro 2020.

AUTORES

Alunos do 1º ano de Ensino Médio

Akara Kaiabi, Awayupa Ikpeng, Etpagi Ikpeng, Kawaip Taramo Ikpeng, Makoti Ikpeng, Manpilu Pigare Ikpeng, Menka Ikpeng, Moritxaka Wompi Ikpeng, Nongkiru Larissa Txikão, Pirete Tapi Ikpeng, Samara Amakulu Ikpeng, Tiwiga Kuma Txicão Ikpeng, Wamtpi Kona Ikpeng, Wanku Wanpi Ikpeng, Yaprigu Nugare Ikpeng.

Alunos do 2º ano de Ensino Médio

Anaga Txicao, Antami Ikpeng, Aposa Kuiapiru Txicão, Imamon Kumaré Txicão, Iwogi Epiguge Ikpeng, Juporima Tagipe Ikpeng, Kaiulu Kore Ikpeng, Katuyru Txicão, Konenpo Tiwiga Ikpeng, Makurawa Yuporeta Ikpeng, Marcilene Parimto Ikpeng, Nawiot Kuiawiru Txicao, Parikutu Tapakari Txicão, Payekami Waurá Ikpeng, Poyekange Paragu Lauriel Ikpeng, Rokopi Ikpeng, Takarajup Kaiabi, Tamani Tawa Ikpeng, Tauyari Kaiabi Ikpeng, Tokirige Vangkokoh Wotpe Ikpeng, Yaraiup Felliipe Awa.

Alunos do 3º ano de Ensino Médio

Aipori Katsuele Ikpeng Waura, Akaya Clovis Ikpeng, Amtenu Ikpeng, Aukui Kaiabi, Awuni Iwanari Ikpeng, Ayka Txicão, Egero Txicao, Emilly Hitsautai Ikpeng, Imalu Tomi Ikpeng, Jerewi Kaiabi, Kampot Ikpeng, Kingrepo Txicao, Kore Kuntxa Ikpeng, Kuiatapu Racina Txicão, Mayahiri Pika Ikpeng Waura, Mepra Topi Ikpeng, Pirakta Tawa Ikpeng, Ramaltampo Ikpeng, Wakunapu Kalangtowo Ikpeng, Yapi Ikpeng.

Apoio nas ilustrações: Makawa Pikení Ikpeng.